Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

Edição commemorativa do 4.º Centenario

Hans Staden

SUAS VIAGENS E CAPTIVEIRO ENTRE OS SELVAGENS DO BRASIL

TRADUCÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO ORIGINAL

Com annotações explicativas

SÃO PAULO
TYP. DA CASA ECLECTICA
RUA DIREITA, 6
1900



HANS STADEN

Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brazil

EDIÇÃO COMMEMORATIVA

Do 4.º Centenario

S. PAULO
TYP. DA CASA ECLECTICA
Rua Direita N. 6
1900

INTRODUCÇÃO

A presente traducção do interesante livro de Hans Staden é a segunda feita na lingua portugueza. A primeira appareceu em 1892 na Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, volume 55, parte 1.ª, e tem por auctor o Dr. Alencar Araripe que adoptou a orthographia phonetica. O original que lhe serviu para este trabalho foi a edição franceza da collecção Ternaux Compans, que provavelmente, por sua vez, fôra traduzida da versão latina. Comparando as duas, vê-se que a traducção é fidelissima, mas não sendo o trabalho feito á vista do original allemão, não se póde extranhar que se afaste bastante deste, principalmente no estylo que de todo foi omittido, mas que dá um cunho caracteristico, como que lembrando aquella época.

Mas, além destas ha varias outras traducções e muitas edições, tanto do original como das versões; segundo o que conhecemos são ellas:

1.ª O original primitivo, publicado em 1557 na cidade de Marburg, em Hessen, na Allemanha.

2.ª Segunda edição, impressa no mesmo anno, mas na cidade de Francfort sobre o Meno.

3.ª Traducção flamenga, publicada em Antuerpia, em 1558.

4.ª Nova edição allemã, publicada em Francfort sobre o Meno, em 1567, na terceira parte de um livro intitulado: *Dieses Weltbuch von Newen erfundene Landschaften durch Seb. Francke.*

5.ª Outra edição ainda em 1567, na mesma cidade, publicada na collecção das viagens de De Bry.

6.ª A traducção em latim, em 1567, da collecção toda de De Bry.

7.ª Nova edição latina publicada em 1560.

8.ª Em 1630 ainda uma terceira.

9.ª Uma quarta edição allemã do original, *in folio*, torna a apparecer em 1593.

10.ª Nova traducção flamenga, publicada em 1630 com o titulo de: *Hans Staden van Homburgs Beschryringhe van America.*

11.ª Reimpressa em 1640.

12.ª Quinta edição allemã, publicada em Francfort sobre o Meno, em 1631.

13.ª Mais uma sexta edição, em quarto; foi publicada em Oldenburg no anno de 1664.

14.ª Em 1686 houve outra edição hollandeza, em quarto, e illustrada com xilographias, publicada em Amsterdam,

15.ª sendo seguida por mais uma em 1706, numa cellecção de viagens, publicada na cidade de Leyden por *Pieter Vanden Aa.*

16.ª Em 1714 seguiu-se a quinta edição hollandeza, publicada em Amsterdam, em parte. Esta edição é mencionada por Bouche de Richarderie na « Bibliothèque Universelle de Voyages.» Tom. V. pg. 503, Paris, 1806.

17.ª Uma traducção franceza foi publicada na collecção de viagens de Ternaux Compans; Vol. III. Paris 1839, em oitavo.

18.ª A sexta edição hollandeza, *in folio*, foi publicada em Leyden em 1727, como nova edição de *Pieter Vanden Aa.*

19.ª A ultima edição allemã que appareceu em Stuttgart em 1859, na «Bibliothek des Liberischen Vereins em Stuttgart». Vol. XLVII.

20.ª Em 1874 a sociedade ingleza The Haklugt publicou, em volume separado, uma traducção magistral, feita pelo Sr. Albert Tootal, com annotações do então consul inglez em Santos, Sir Richard F. Burton. Esta

traducção foi feita sobre a segunda edição allemã de 1557 e é até hoje a melhor.

21.ª Traducção brasileira na *Revista* do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, pelo Dr. Alencar Araripe.

Tendo o illustrado Dr. Eduardo Prado adquirido em Pariz um exemplar original da primeira edição de Marburg, de 1557, começámos a comparar este original com a traducção portugueza e chegamos á conclusão de que talvez houvesse vantagem em dar uma nova edição deste livro tão interessante para a nossa historia. Deliberamos então cingir-nos estrictamente ao methodo e linguagem do auctor, conservando integralmente a orthographia dos nomes proprios dos logares, cousas e pessoas e, quanto possivel, o proprio estylo simples e narrativo, com todas as suas imperfeições, e quer-nos parecer que no nosso modesto trabalho não haja a menor omissão.

Por absoluta falta de tempo e, por julgar mais competente, pedimos ao nosso distincto amigo e consocio Dr. Theodoro Sampaio que se encarregasse das annotações e esclarecimentos relativos aos nomes e posições relatados pelo auctor.

Na traducção ingleza, o Sr. Burton fez muitas annotações e deu varias explicações, porém não sendo todas sempre acertadas, não as copiamos, julgando necessaria uma revisão completa de todas ellas.

As palavras «pela segunda vez diligentemente augmentada e melhorada», que se acham no titulo, podiam fazer suppor que se tratasse aqui de uma segunda edição e não da primeira ou original, mas estas palavras devem ser entendidas como «por duas vezes augmentada e melhorada» porque, o prefaciador Dr. Dryander tinha, certamente, auxiliado ao autor por ser este pouco versado na arte de escrever e compor. Accresce que esta edição é impressa em Marburg na casa de André Colben, o que por si só prova evidentemente ser a primeira

edicão conhecida, visto a segunda edição ter sido feita em Francfort sobre o Meno, ainda que no mesmo anno. Tendo o Dr. Dryander revisto o manuscripto para ser apresentado ao principe em 1556, é muito provavel que, para a impressão, que só teve logar em 1557, o revisse pela segunda vez e nesta occasião talvez augmentasse alguma cousa, como diz o titulo.

As gravuras são reproducções photographicas, em tamanho igual, das estampas do original. Ignora-se, porém, si os desenhos são do proprio auctor ou de outrem por elle guiado, o que aliás é mais provavel.

Janeiro de 1900.

ALBERTO LÖFGREN, F. L. S.

Descripção verdadeira de um paiz de selvagens nús, ferozes e cannibaes, situado no novo mundo America. Desconhecido na terra de Hessen antes e depois do nascimento de Christo, até que ha dois annos Hans Staden de Homberg em Hessen, por sua propria experiencia o conheceu e agora a dá á luz pela imprensa e pela segunda vez diligentemente augmentada e melhorada.

Dedicada a sua serenissima alteza Principe H. Philipsen Landtgraf de Hessen, Conde de Catzenelnbogen Dietz Ziegenhain e Nidda, seu Gracioso Senhor.

Com um prefacio de Dr. Joh. Dryandri denominado Eychman, Lente Cathedratico de Medicina em Marpurg.

O conteúdo deste livrinho segue depois dos prefacios.



Ao serenissimo e nobilissimo Principe e Senhor, Senhor Philipsen, Landtgraf de Hessen, Conde de Catzenelnbogen, Dietz Ziegenhain e Nidda, etc., meu gracioso Principe e Senhor.

Graça e paz em Christo Jhesu nosso redemptor. Gracioso Principe e Senhor. Diz o Santo e Real propheta David no psalmo cento e sete:

Os que descem ao mar em navios, negociando em grandes aguas,

Esses veem as obras de Jehovah e suas maravilhas na profundidade.

Fallando Elle, faz levantar tormentas de vento, que eleva suas ondas.

Sobem aos céos, descem aos abysmos: suas almas se desfazem de angustia.

Saltam e titubeam como bebados: e toda sua sabedoria se lhes devora.

Porém, clamando por Jehovah em suas afflicções; tirou-os de suas angustias.

Faz cessar as tormentas, e acalmam-se as ondas.

Então se alegram, porquanto se aquietaram e elle os levou ao desejado porto.

Louvem, pois, perante Elle a sua benignidade e as suas maravilhas, perante os filhos dos homens.

E exaltem na congregação do povo, e no conselho dos anciãos o glorifiquem.

Assim, agradeço ao Todo Poderoso, Creador do céo, da terra e do mar, ao seu filho Jhesum Christum e ao Espirito Santo pela grande graça e clemencia que me foram concedi-

das durante a minha estada entre os selvagens da terra do *Prasilien* (Brazil), chamados Tuppin Imba e que comem carne de gente, onde estive prisioneiro nove mezes e corri muitos perigos, dos quaes a Santa Trindade inesperadamente e milagrosamente me salvou, para que eu, depois de longa, triste e perigosa vida, tornasse a vêr a minha muito querida patria, no principado de Vossa Graciosa Alteza, após muitos annos. Submissamente e com brevidade tenho narrado essa minha viagem e navegação para que Vossa Graciosa Alteza a queira ouvir, lida por alguem, de que modo eu, com auxilio de Deus, atravessei terras e mares e como Deus milagrosamente mostrou-se para commigo nos perigos. E para que Vossa Graciosa Alteza não duvide de mim comó si eu tivesse contado cousas inexactas, queria offerecer a Vossa Graciosa Alteza um passaporte para este livro por minha pessoa. A Deus sómente seja em tudo a Gloria. Recommendo-me submissamente á Vossa Graciosa Alteza.

Datum Wolffhagen a vinte de Junho—Anno Domini.
Mil quinhentos cincoenta e seis.

De V. A. subdito Hans Staden de
Homberg em hessen, agora cidadão
em Wolffhagen.

Ao nobilissimo Sr. H. Philipsen, conde de Nassau e Sarpryck, etc., meu gracioso Senhor, deseja D. Dryander muita felicidade, com o offerecimento de seus prestimos.

Hans Staden, que acaba de publicar este livro e historia, pediu-me para rever, corrigir e, onde fosse necessario, melhorar seu trabalho. A este pedido accedi por muitos motivos. Primeiro, porque conheço o pae deste Autor, ha mais de cincoenta annos (porque nascemos no mesmo estado de Wetter, onde fomos educados) como um homem que tanto na terra natal, como em Homberg, é tido por franco, devoto e bravo e que estudou as boas artes, e (como diz o rifão) porque a maçã não cai longe da arvore, é de esperar que Hans Staden, como filho deste bom homem, deva ter herdado as virtudes e a devoção do pae.

Além disso, acceito o trabalho de rever este livro com tanto mais gosto e amor, porquanto me interesso muito pelas historias que se referem ás mathematicas, como a Cosmographia, isto é, a descripção e medição de paizes, cidades e viagens, tal como neste livro ha varias, especialmente quando vejo que os acontecimentos sãe narrados com franqueza e verdade e não posso duvidar de que este Hans Staden conte e escreva com exactidão e verdade sua historia e viagem, não por ter ouvido de outros, mas de experiencia propria, sem falsidade, e que elle dahi não quer tirar gloria nem fama para si, mas sim unicamente a gloria de Deus, com Louvor e Gratidão por beneficios recebidos e pela sua libertação. O seu principal objectivo é mostrar sua historia a todos, para que se possa ver com que graça e como contra toda a expectativa Deus o Senhor salvou de tantos perigos a Hans Staden, quando elle o implorou tirando-o do poder dos ferozes selvagens (onde elle durante dez mezes, todos os dias e horas, estava esperando ser impiedosamente trucidado e devorado) para lhe permittir que tornasse á sua querida patria, Hessen.

Por essa ineffavel clemencia divina e pelos beneficios recebidos, queria elle agradecer a Deus no limite de suas forças, e em louvor de Deus communicar a todos o que lhe acon-

teceu. Nesta grata tarefa, a ordem dos acontecimentos o levou a descrever toda a viagem com suas peripecias, durante os dous annos que elle esteve ausente da patria.

E como elle faz esta descripção sem palavras pomposas e floridas, sem exaggerações, tenho plena confiança na sua autenticidade e verdade, mesmo porque nenhum beneficio póde tirar em mentir, em vez de contar a verdade.

Além disso, fixou-se elle agora com os seus paes, nesta terra e não está acostumado a vagabundagens, como os mentirosos e ciganos que se mudam de um paiz para outro, pelo que é facil esperar que alguem que volte daquellas ilhas os possa accusar de mentirosos.

Sou de opinião e considero para mim como uma valiosa prova de verdade que elle fez esta descripção de um modo tão simples e que elle indica a época, o paiz e o logar, e que Heliodorus, o filho do sabio e muito famoso Eoban de Hessen, o qual aqui foi tido por morto, esteve com Hans Staden naquelle paiz e viu como elle foi miseravelmente preso e levado pelos selvagens. Este Heliodorus, digo, póde mais cedo ou mais tarde voltar (como se espera que aconteça) e então envergonhal-o e denuncial-o, como um homem sem valor, caso sua historia seja falsa, ou inventada.

Para então resalvar e defender a veracidade de Hans Staden quero agora demonstrar os motivos pelos quaes esta e similhantes historias conseguem em geral pouco credito e confiança.

Em primeiro logar, os viajantes fizeram com suas mentiras e historias de cousas falsas e inventadas com que os homens honestos e veridicos que voltam das terras estranhas não sejam acreditados e, dizem geralmente que: «quem quer mentir, que minta de longe e de terras longiquas» porque ninguem vai lá para verificar, e antes de se dar a este trabalho é mais facil acreditar.

Porém, nada se arranja em desacreditar as verdades por causa das mentiras. E' tambem para notar que certas cousas que contadas para o vulgo parecem impossiveis, para homens

de entendimento são julgadas exactas e, quando investigadas, se mostram sel-o evidentemente. Isto póde-se observar em um ou dous exemplos, tirados da astronomia. Nós que vivemos aqui na Allemanha ou perto della, sabemos de longa experiencia a duração do inverno e do verão e das outras duas estações, a primavera e o outono. Tambem conhecemos a duração do maior dia do verão e do menor dia do inverno e com elles a das noites. Si alguem então disser que ha logares na terra onde o sol não se põe durante meio anno, e que alli o dia maior é de 6 mezes, isto é, meio anno, e que ao contrario a noite maior é de 6 mezes ou meio anno, assim como ha logares no mundo onde as quatro estações são duplas, isto é, dous invernos e dous verões lá existem.

E' tambem certo que o sol e outras estrellas, por pequenas que nos pareçam e mesmo a menor dellas no firmamento, são maiores que toda a terra e são innumeraveis.

Quando então o vulgo ouve estas cousas, desconfia, não acredita e acha tudo impossivel. Entretanto, os astronomos o demonstraram de modo que os entendidos nas sciencias não duvidam disto.

Por isso não se deve concluir que assim não seja, apezar de que o vulgo lhe não dá credito, e como não estaria mal a sciencia astronomica, si não pudesse demonstrar estes *corpora* e determinar por certas razões os eclipses, isto é, o escurecimento do sol e da lua, determinando o dia e a hora em que elles se devem dar. Até alguns seculos antes podem ser preditos e a experiencia demonstra que é verdade. «Sim» dizem elles: quem esteve no céo para ver e medir isso? Resposta: porque a experiencia diaria nestas cousas combina com as *demonstrationibus*. E' pois necessario consideral-as verdadeiras, como é verdadeiro que sommando 3 e 2 são 5. E de certas razões e demonstrações da sciencia acontece que se póde medir e calcular a distancia celeste até a lua e dahi para todos os planetas e finalmente até o firmamento estrellado. Até o tamanho e densidade do sol, da lua e outros corpos celestes e da sciencia do céo ou astronomia, de combinação com a geo-

metria, calculam-se a grandeza, a redondeza, a largura e o comprimento da terra, sendo todas estas cousas desconhecidas pelo vulgo e por elle não acreditadas. Esta ignorancia por parte do vulgo ainda é perdoavel porque não estudou a philosophia; porém que pessoas importantes e quasi sabias duvidem destas cousas tão verdadeiras, é vergonhoso e até perigoso, porque o vulgo tem confiança nellas e persiste no seu erro dizendo: si assim fosse, este ou aquelle escriptor não teria refutado. Ergo, etc.

Que S. Agostinho e Lactancio Firmiano, os dous santos sabios, não sómente em theologia, como tambem em outras boas artes versados, duvidaram e não queriam acreditar que podia haver antipodas, isto é, que haja habitantes no outro lado da terra, que andam com seus pés voltados contra nós e, portanto, a cabeça e o corpo pendentes para o céo, isto sem cahir, etc., parecia isso singular, apezar de que muitos outros sabios o admitiam contra a opinião dos santos e grandes sabios, acima mencionados, que o negaram e tiveram por inventado. Deve, porém, ser verdade que aquelles que habitam *ex diametro por centrum terræ* são antipodas e *vora proposito est que Omne versus cœlum vergens ubicunque locorum, sursum est.* E não é necessario ir até a terra nova para procurar os antipodas, porque elles existem tambem aqui no hemispherio de cima da terra. Porque si comparamos e confrontamos o ultimo paiz do occidente, como é a Hespanha e a Finisterra, com o oriente, onde está a India, estas gentes extremas e habitantes terrestres são tambem quasi uma especie de antipodas.

Alguns piedosos theologos pretendem provar com isso que se tornou verdade a pedido da mãe dos filhos de Zebedeu, quando pediu a Christo, Senhor Nosso, que seus filhos ficassem, um ao lado direito e outro ao lado esquerdo delle. E isso acoonteceu do seguinte modo, porque S. Thiago foi enterrado em Compostella, não longe de Finisterra, geralmente denominado Finstern Stern(*) (Estrella escura), onde é venerado, e

(*) Quer dizer estrellas escuras, por uma especie de trocadilho, só possivel na lingua allemã. (O traductor).

o outro apostolo na India, isto é, onde o sol levanta. Que, pois, os antipodas existiam ha muito e sem serem notados, e que no tempo de S. Agostinho, o novo mundo da America, por baixo da terra, ainda não estava descoberto, assim mesmo não deixaram de existir! Alguns theologos, especialmente Nicoláu Lyra (que não obstante era considerado como um excellente homem), asseguraram que como a parte firme do globo terraqueo numa metade apenas está fóra d'agua, na qual fluctúa e onde nós moramos, a outra parte está occulta pelo mar e pela agua, de modo que alli ninguem pode existir. Tudo isso, porém, é contrario a sciencia da Cosmographia e está, além disso, demonstrado pelas muitas viagens maritimas dos portuguezes e dos hespanhóes que a terra é habitada por toda a parte. Até a propria zona torrida o é, o que nossos antepassados e escriptores nunca admittiram. A nossa experiencia diaria mostra que o assucar, as perolas e outros productos vêm para cá daquelles paizes. O paradoxo dos antipodas e a já referida medição do céo, mencionei para reforçar o meu argumeto e podia ainda me referir a muitas outras cousas mais, si não temesse aborrecer-Vos com o meu longo prefacio.

Porém, muitos argumentos similhantes podem ser lidos no livro do digno e sabio Magister Casparus Goldtworm, deligente superintendente e prégador de V. Alteza, em Weilburgh e cujo livro, em seis partes, tracta de muitos milagres, maravilhas e paradoxos dos tempos antigos e modernos e deve logo ser dado a imprimir. Para este livro e muitos outros que descrevem taes cousas, como p. ex. seu *Libri Galeotti, de rebus vulgo incredibilibus*, etc., chamo a attenção do benevolo leitor que quizer conhecer mais estas cousas.

E vejo com isso bastante provado que não é necessariamente uma mentira, quando alguma cousa estranha e descommunal para o vulgo fôr affirmada como nesta historia, na qual toda a gente da ilha anda nûa e não tem por alimento animaes domesticos, nem possue taes cousas para sua subsistencia das que nós usamos, como vestimentas, camas, cavallos, porcos ou vaccas; nem vinhos, cerveja, etc., e tem de se arran jar e viver a seu modo.

Porém, para finalisar com este prefacio, quero brevemente mostrar o que induziu a Hans Staden a imprimir as suas duas navegações e viagem em terra. Muitos certamente interpretarão isso em seu desabono, como si elle quizesse ganhar gloria ou grande renome. Eu, porém, penso de outra forma e acredito seriamente que sua intenção era muito diversa, como se percebe em varios logares desta historia. Elle passou por tanta miseria e soffreu tantos revezes, nos quaes sua vida tão a miudo estęve ameaçada, que elle perdeu a esperança de se livrar ou de jamais voltar para o seu lar paterno. Deus, porém, em quem elle sempre confiava e invocou, não somente o livrou das mãos de seus inimigos, como tambem por causa das suas orações devotas quiz mostrar a aquella gente impia que o verdadeiro e legitimo Deus, justo e poderoso, ainda existia. Sabe-se perfeitamente que a oração do crente não deve marcar a Deus limite, medida ou tempo, agradou porém a Deus, por intermedio de Hans Staden, demonstrar os seus milagres a estes impios selvagens. E isto não sei como contestar.

E' tambem chnhecido que contratempos, tristezas, desgraças e doenças geralmente fazem as pessoas dirigirem-se a Deus e que na adversidade acreditam nelle mais do que antes, ou como alguns, segundo o costume catholico, fazem votos a este ou aquelle Sancto de fazer romaria ou penitencia, para que elle as livre dos seus apuros, cumprindo rigorosamente essas promessas, salvo aquelles que pretendem defraudar o Sancto, como Erasmus Roterodamus, nos colloquios sobre o Naufragio, conta que num navio de nome *S. Christovam*, cuja imagem de dez covados de alto como um grande Poliphemo se acha num templo em Pariz, havia alguem que fez uma promessa a este Santo de offerecer-lhe uma vela de cera do tamanho do proprio Santo, se este o tirasse das suas difficuldades. Um companheiro, que estava ao lado nesta occasião, conhecendo a sua pobreza, o reprehendeu por causa desta premessa; pois ainda que vendesse tudo quanto possuia no mundo, não seria capaz de arranjar a cera de que preci-

sava para tamanha vela. O outro, porém, respondeu em voz baixa que o Santo não ouvisse: quando o santo me tiver salvo destes perigos, darlhe-ei uma vela de sebo, do valor de um vintem!

E a outra historia do cavalheiro que estava arriscado a um naufragio, é tambem assim: Este cavalheiro, quando viu que o navio ia se perder, fez voto a S. Nicoláu de que si elle o salvasre, lhe sacrificaria seu cavallo ou seu pagem: O criado, porém, advertiu de qua não o fizesse, porque, em que havia elle de montar depois? O cavalheiro respondeu ao criado baixinho, para que o Santo não ouvisse: calla bocca, porque si o Santo me salvar, não lhe darei nem a cauda do cavallo. E assim pensou cada um dos dous enganar o Santo e esquecer o beneficio.

Para que então Hans Staden não seja taxado assim de ter esquecido que Deus o ajudou, assentou elle de louvar e glorificar a Deus com a impressão desta historia e com espirito christão dar a conhecer a graça e obra, sempre que tiver occasião. E si esta não fosse a sua intenção (aliás honesta e justa) podia elle poupar-se a este trabalho e economisar a despesa, não pequena, que a impressão e a gravura lhe custaram.

Como esta historia foi pelo auctor humildemente dedicada ao Serenissimo e de Elevadissimo Nascimento, Principe e Senhor, Philipsen Landtgraf de Hessen, Conde de Catzenellenbogen, Diets, Ziegenhain e Nidda, seu Principe e gracioso Senhor, e em nome de sua Alteza o fez publico, e tendo elle sido muito antes disto examinado e interrogado por Vossa Alteza em minha presença e de muitas outras pessoas sobre sua viagem e prisão que eu já muitas vezes tinha contado a Vossa Alteza e outros senhores, e como eu ha muito tinha visto e observado o grande amor que Vossa Alteza manifestou por estas e outras sciencias astronomicas e cosmographicas, desejava humildemente escrever este prefacio ou introducção para Vossa Alteza, e peço que acceite este mimo, até que possa publicar alguma cousa mais importante em nome de Vossa Alteza.

Recommendo-me submissamente a Vossa Alteza.

Data de Marpurgk, Dia de S. Thomé, anno MDLVI.

Conteudo do Livro

1 Duas viagens no mar, effectuadas por Hans Staden, em oito annos e meio.

A primeira viagem foi de Portugal, e a segunda da Hespanha para terra nova America.

2 Como elle no paiz dos selvagens denominados Toppinikin (subditos d'el rei de Portugal) foi empregado como artilheiro contra os inimigos.

Finalmente, feito prisioneiro pelos inimigos e levado por elles, permaneceu dez mezes e meio em constante perigo de ser morto e devorado por elles.

3 Como Deus misericordiosamente e maravilhosamente libertou este prisioneiro, no anno já mencionado, e como elle tornou a voltar para a sua querida patria.

Tudo para honra e gloria da misericordia de Deus, dado a impressão.

CAPITULO I

De que vale á cidade o guarda,
E ao navio possante nos mares,
Si Deus a elles não proteger?



Eu, Hans Staden, de Homberg em Hessen, resolvi, caso Deus quizesse, visitar a India. Com esta intenção, sahi de Bremen para Hollanda e achei em Campen (Campon) navios que tencionavam se carregar de sal, em Portugal. Embarquei-me

em um delles e, no dia 29 de Abril de 1547, chegámos á cidade de São Tuval (Setubal) depois de uma travessia de quatro semanas. Dahi fui á Lissebona que dista cinco milhas de São Tuval.

Em Lissebona alojei-me em uma hospedaria, cujo dono era allemão e chamava-se Leuhr-o-moço, onde fiquei algum tempo.

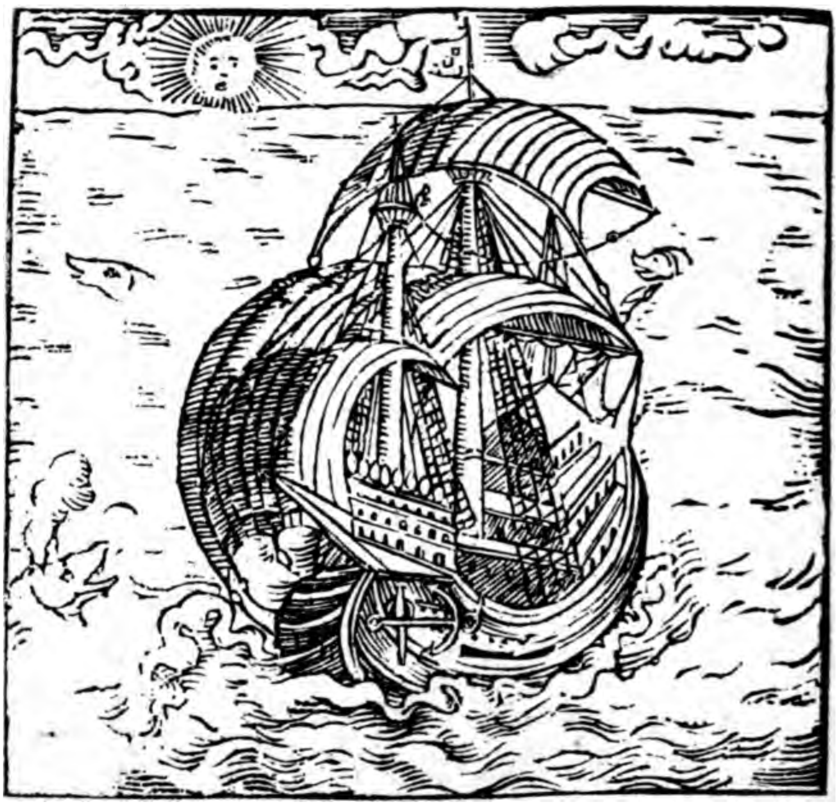
Contei-lhe que tinha sahido da minha patria e perguntei-lhe quando esperava que houvesse expedição para a India. Disse-me elle que eu me tinha demorado demais e que os navios d'El-rei que navegavam para a India já tinham sahido. Pedi-lhe então que me auxiliasse no intento de encontrar outro navio, visto que perdêra estes, tanto mais que elle sabia a lingua, e que eu estava prompto a servil-o por minha vez.

Levou-me elle para um navio, como artilheiro. O capitão deste vaso chamava-se Pintiado (Penteado) e se destinava ao Prasil, para negociar e tinha ordens de atacar os navios que negociavam com os mouros brancos da Barbaria. Tambem si achasse navios francezes em relações com os selvagens do Prasil, devia aprisional-os, assim como tirar alguns prisioneiros que merecessem castigos, para povoarem as novas terras.

O nosso navio estava bem apparelhado de tudo que é necessario para guerra no mar. Eramos tres allemães, um chamado Hans von Buchhausen, o outro Heinrich Brant, de Bremen, e eu.

CAPITULO II

Descripção da minha primeira viagem de Lissebona para fóra de Portugal. Caput II.



Sahimos de Lissebona com mais um navio pequeno, que tambem pertencia ao nosso capitão, e chegámos primeiro a uma ilha, denominada Ilha de Madera, que pertence a El-Rei de Portugal, e onde moram portuguezes. E' grande productora de vinho e de assucar. Alli mesmo, numa cidade chamada Funtschal, embarcámos victualhas,

Depois disso, sahimos da ilha da Barbaria (Marroco), para uma cidade chamada Cape de Gel (Arzilla é mais ou menos

a 30 milhas de Tanger) que pertence a um rei mouro, branco, a quem denominam Shiriffi (Sheriff). Esta cidade pertencia, outr'ora, a El-Rei de Portugal; mas foi retomada pelo Shiriffi. Nesta cidade pensavamos encontrar os mencionados navios que negociam com os infiéis. Chegámos e achámos, perto da terra, muitos pescadores castelhanos, que nos informaram de que muitos navios estavam para chegar, e ao nos afastarmos, sahiu do porto um navio bem carregado. Perseguimol-o, alcançando-o; porém a tripolação escapou nos botes. Enxergámos então em terra um bote vasio que bem podia nos servir para abordar o navio aprisionado e fomos buscal-o.

Os mouros brancos chegaram então a cavallo, para proteger o navio; mas não podiam approximar-se por causa dos nossos canhões. Tomámos conta do navio e o carregámos com a nossa preza, que consistia em assucar, amendoas, tamaras, couros de cabra e gomma arabica, que levámos até a Ilha de Madera, e mandámos o nosso pequeno navio á Lissebona para informar a El-Rei e receber ordens a respeito da presa, porque havia negociantes valencianos e castelhanos entre os proprietarios.

El-Rey nos respondeu que deixassemos a presa na Ilha e continuassemos a viagem, emquanto Sua Magestade deliberava sobre o caso.



Assim fizemos, e navegámos outra vez, até o Cape de Gel, para ver si encontravamos mais presas. Porém foi em vão: fomos impedidos pelo vento, que em parte da costa era sempre contrario. A noite, na vespera de Todos os Santos, uma tempestade nos levou da Barbaria para o lado do Prasil. Quando estavamos a 400 milhas da Barbaria grande, uma porção de peixes cercou o navio; apanhámos a muitos com o anzol. Alguns, grandes, eram dos que os marinheiros chamavam *Albakores*. As *Bonitas* eram menores, e ainda a outros chamavam *Durados*. Tambem havia muitos do tamanho do

harenque, que tinham azas nos dous lados, como os morcegos, e eram muito perseguidos pelos grandes Quando percebiam isso, sahiam da agua em grandes cardumes e voavam, a cerca de duas braças acima da agua; muitos cahiam perto e outros longe a perder de vista; depois, cahiam outra vez na agua. Nós os achavamos frequentemente, de manhã cedo, dentro do navio, tendo entrado durante a noite, quando voavam. E são denominados na lingua portugueza—*pisce bolador*.

Dahi chegámos até á linha equinoxial onde estava muito quente, porque, ao meio dia, o Sol estava exactamente por cima de nossas cabeças. Durante algum tempo de dia não soprou vento nenhum; mas de noite, se desencadeavam muitas vezes fortes trovoadas, acompanhadas de chuva e vento, que passavam logo. Entretanto tinhamos de velar constantemente, para que nos não surprehendessem, quando navegavamos a panno.

Mas, quando outra vez soprou o vento, que se tornou temporal, durante alguns dias, e contrario a nós, julgámos que soffreriamos fome, si continuasse. Orámos a Deus, pedindo bom vento. Aconteceu então uma noite, em que tivemos forte tempestade e que nos encontravamos em grande perigo, apparecerem muitas luzes azues no navio, como nunca mais tenho visto. Onde as vagas batiam no navio, lá estavam tambem as luzes. Os portuguezes diziam que essas luzes eram um signal de bom tempo que Deus nos mandava, para nos consolar no perigo. Agradeciamos então a Deus, depois que desappareciam. Estas luzes se chamam Santelmo, ou Corpus Santon.



Quando o dia raiou, o tempo se tornou bom sopran
vento favoravel, de modo que vimos claramente que taes
zes são milagres de Deus.

Continuámos a viagem através do oceano, com bom v
to. Em 28 de Janeiro (1548) enxergámos uma terra, parte
um cabo chamado Sancto Agostinho. A oito milhas de
chegámos a um porto, denominado Prannenbucke (Pernaml
co). Contavam-se 88 dias que tinhamos estado no mar sem
avistado a terra. Alli os portuguezes tinham estabelecido u
colonia, chamada Marin. O commandante desta colonia foi c

mado Arto Koslio (Duarte Coelho), a quem entregámos os prisioneiros; e alli descarregámos algumas mercadorias, que lá ficaram. Terminámos os nossos negocios neste porto, desejando seguir viagem, mas esperando cargas.

CAPITULO III

COMO OS SELVAGENS DO LOGAR PRANNENBUCKE ESTAVAM REVOLTADOS E QUERIAM DESTRUIR A COLONIA DOS PORTUGUEZES. CAPUT III.

Aconteceu que os selvagens do logar se tinham revoltado contra os portuguezes, o que nunca antes tinham feito; mas que agora fizeram por causa de terem sido escravisados. Por isso, o commandante nos pediu, pelo amor de Deus, que occupassemos o logar denominado Garasú (Iguaraçú), a cinco milhas de distancia do porto de Marin, onde estavamos ancorados, e de que os selvagens se queriam apoderar. Os habitantes da colonia do Marin não podiam vir em auxilio delles, porque suspeitavam que os selvagens os fossem attacar.

Fomos, pois, em auxilio da gente de Garasú, com quarenta homens do nosso navio e para lá nos dirigimos numa embarcação pequena, A colonia está situada num braço do mar, que avança duas leguas pela terra a dentro. Haveria uns 90 christãos para a defesa. Com elles estavam mais uns 30 mouros e escravos brazileiros que pertenciam aos habitantes. Os selvagens que nos sitiavam foram estimados em oito mil. Nós tinhamos ao redor da praça apenas uma estacada de madeira.

CAPITULO IV

DE COMO ERAM SUAS FORTIFICAÇÕES E COMO ELLES COMBATIAM CONTRA NÓS. CAPUT IV.

Ao redor do logar onde estavamos sitiados havia uma matta, na qual tinham construido dois reductos de arvores grossas, para onde se retiravam de noite; e quando nós os atacavamos, para lá voltavam. Ao pé destes reductos tinham

feito buracos no chão, nos quaes estavam durante o dia e donde sahiam para guerrilhar comnosco. Quando atiravamos sobre elles, cahiam todos pensando assim evitar o tiro. Tinham-nos sitiados tão bem, que não podiamos sahir nem entrar. Chegavam perto da colonia, atiravam flechas aos ares, suppondo que na quéda deviam nos alcançar; atiravam tambem flechas nas quaes tinham amarrado algodão com cera, que accendiam para incendiar os tectos das casas e combinavam já o modo de nos devorar quando nos tivessem apanhado.

Tinhamos ainda alguma victualha mas isto logo se acabou. Neste paiz é uso trazer diariamente, ou de dois em dois dias, raizes frescas para fazer farinha ou bolos; mas os nossos não podiam se approximar do logar em que se encontravam essas raizes.

Como percebemos que haviamos de sentir falta de victualhas, sahimos em dous barcos para um logar chamado Tamaraka (Itamaraçá) para buscal-as. Os selvagens, porèm, tinham atravessado grandes arvores no rio e havia muitos delles nas duas márgens, com o intuito de impedir a nossa viagem. Forçámos, porém, a barreira e ao meio dia, mais ou menos, voltámos são e salvos. Os selvagens nada poderam nos fazer nas embarcações; arremessavam, porém, grande porção de páus (lenha) entre a margem e os botes e queriam incendial-os, juntamente com uma especie pimenta, que lá cresce, com o fim de nos fazer abandonar as embarcações por causa da fumaça. Mas não fòram bem succedidos e, emquanto isto durára, cresceu a maré e nos voltámos. Fomos a Tamaraka, onde os habitantes nos déram as victualhas.

Com estas voltámos, outra vez, para o logar sitiado. No mesmo logar em que d'antes haviam posto obstaculos tinham de novo derribado arvores, como anteriormente; mas acima do



nivel d'agua e na margem tinham cortado duas arvores de modo a ficarem ainda em pé. Nas copas tinham amarrado umas cousas chamadas *sippo* que crescem como lupulo, porém mais grossos. As pontas tinham amarrado nas suas estacadas e queriam puxal-as para fazer tombar as arvores e cahir sobre as nossas embarcações. Seguimos para lá, forçámos a passagem, a primeira das arvores cahiu para o lado da estacada e a outra cahiu n'agua, um pouco atrás do nosso bote. E antes que começassemos a forçar as barreiras, chamámos por nossos companheiros da colonia para virem em nosso auxilio. Quando começámos a chamar, gritando, gritaram os selvagens tambem, para que os nossos companheiros nos não ouvissem,

porque não podiam ver-nos por causa de uma pequena matta que havia entre nós; mas tão perto estavamos que elles nos poderiam ter ouvido, si os selvagens não tivessem gritado.

Levámos as victualhas á colonia, e como os selvagens viram que nada podiam fazer, pediram a paz e se retiraram· O cerco durava havia quasi um mez e varios dos selvagens morreram, mas nenhum dos christãos. Quando vimos que os selvagens estavam pacificados, voltámos outra vez para o navio grande em Marin, e ahi carregámos agua e tambem farinha de mandióca para servir de victualha, e o commandante da colonia de Marin nos agradeceu.

CAPITULO V

De como sahimos de Prannenbucke para uma terra chamada Buttugaris; encontramos um navio francez e nos batemos com elle. Caput V.

Viajámos quarenta milhas para diante, até um porto cha. mado Buttugaris, onde pretendiamos carregar o navio com páu-prasil e receber provisões em permuta com os selvagens-



Quando ahi chegámos encontrámos um navio da França, que estava carregando páu-prasil. Atacámol-o para aprisional-o, mas elles nos cortaram o mastro grande com um tiro e se escaparam; alguns dos nossos morreram e outros foram feridos.

Depois disto, queriamos voltar para Portugal, porque não podiamos obter vento favoravel para entrar no porto, onde pensavamos obter victualhas. O vento era-nos contrario, e por isso fomo-nos embóra, com tão poucas provisões que soffriamos muita fome; alguns comiam couro de cabritos, que tinhamos a bordo. Distribuiram a cada um de nós, por dia,

um copinho de agua e um pouco de farinha de raiz brazileira (mandioca). Estivemos 108 dias no mar, e no dia 12 de agosto chegámos a umas ilhas chamada Losa Sores (Los Açores) que pertencem a El-Rei de Portugal; ahi lançámos ancora, descançámos e pescámos. Alli mesmo vimos um navio no mar, ao qual nos dirigimos para ver que navio era. Mostrou-se ser um navio de piratas, que se puzeram em defesa, mas nós ficámos victoriosos e lhes tomámos o navio. Escaparam nos escaleres para as ilhas. O navio tinha muito vinho e pão, com que nos regalámos. Depois encontrámos cinco navios, que pertenciam a El-Rei de Portugal e tinham de esperar nas ilhas a vinda de um outro navio das Indias para comboial-os até Portugal. Ahi ficámos e ajudámos a levar o navio das Indias, que veiu para uma ilha chamada Tercera (Terceira), onde ficámos. Nesta ilha, tinham-se ajuntado muitos navios que todos vinham do novo mundo; alguns iam para a Hespanha, outros para Portugal. Sahimos da ilha Tercera em companhia de quasi cem navios, e chegámos em Lissebona (Lisboa), a 3 de outubro, mais ou menos, do anno 1548; tinhamos estado dezeseis mezes em viagem.

Depois, descancei algum tempo em Lissebona e fiquei com vontade de ir com os hespanhóes para as novas terras que elles possuem. Sahi por isso de Lissebona, em navio inglez, para uma cidade chamada porto Santa Maria, na Castilia. Alli queriam carregar o navio com vinho; dahi fui para um Estado denominado Civilia, onde achei tres navios que estavam se apparelhando para ir até um paiz chamado Rio de Pratta, situado na America. Este paiz, a aurifera terra chamada de *Pirau* que a poucos annos foi descoberta, e o Prasil é tudo uma e mesma terra firme.

Para conquistar aquelle territorio, mandaram, ha alguns annos, navios dos quaes um tinha voltado pedindo mais auxilio e contou como era rico em ouro. O commandante dos tres navios chamava-se Don Diego de Senabrie e devia ser governador, por parte d'El-Rei, daquelle paiz. Fui a bordo de um dos navios que estavam muito bem equipados. Sahimos de

Civilia para São Lucas, por onde a gente de Civilia sahe para o mar, e ahi ficámos esperando bom vento.

CAPITULO VI

Narração da minha segunda viagem de Civilia, em Hespanha, para America. Caput VI.

No anno de 1549, no quarto dia depois da paschoa, fizemo-nos de vela para São Lucas, com vento contrario, pelo que aportámos a Lissebona; quando o vento melhorou fomos até as ilhas Cannarias e deitámos ancora numa ilha chamada Pallama (Palma), onde embarcámos algum vinho para a viagem. Os pilotos dos navios resolveram, caso ficassem separados no mar, encontrarem-se em qualquer terra que fosse, no grão 28 ao sul da linha equinoccial.

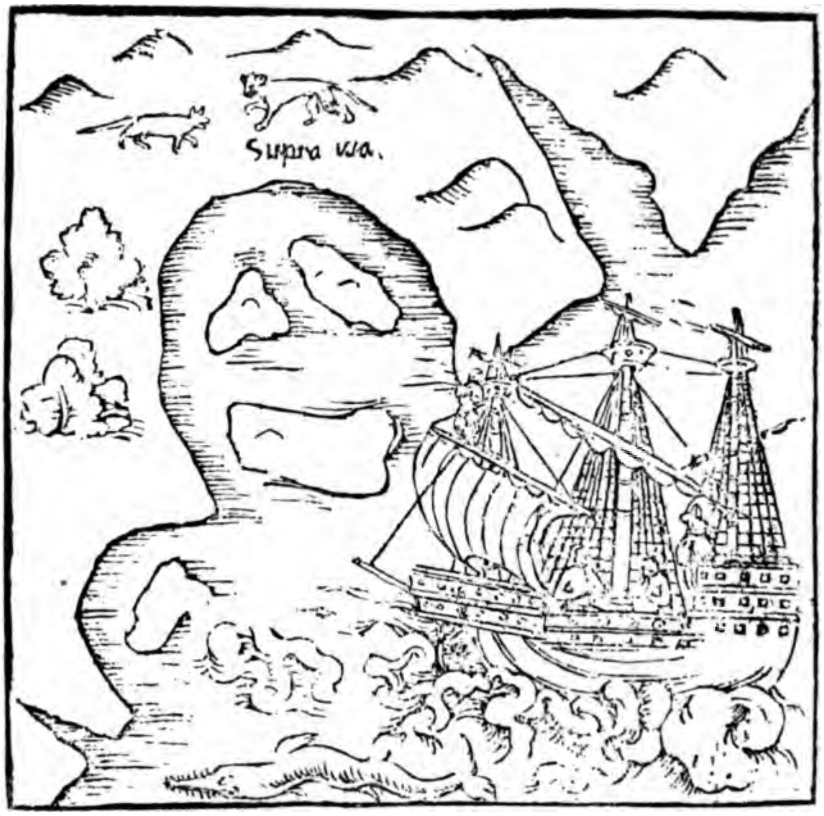
De Pallama, fomos até Cape-virde (Cabo-Verde), isto é, a cabeça verde, situada na terra dos mouros pretos. Alli quasi naufragámos; mas continuámos a nossa derrota, porém o vento era-nos contrario e levou-nos algumas vezes até a terra de Gene (Guiné), onde tambem habitam mouros pretos. Depois, chegámos a uma ilha denominada S. Thomé, que pertence a El-Rei de Portugal. E' uma ilha rica em assucar, mas muito insalubre. Ahi habitam portuguezes que tem muitos mouros pretos, que lhes pertencem. Tomámos agua fresca na ilha e continuámos a viagem, perdemos ahi de vista dous dos navios companheiros, que, por causa de uma tempestade. se afastaram, de modo que ficámos sós. Os ventos eram-nos contrarios, porque naquelles mares tem elles a particularidade de soprarem do sul, quando o sol está ao norte da linha equinoccial, e quando o sol está ao sul desta linha vêm elles do norte e costumam então permanecer na mesma direcção durante cinco mezes, e por isso não podémos seguir o nosso rumo durante quatro mezes. Quando, porém, entrou o mez de Setembro, começou o vento a ser do norte, e

então continuámos a nossa viagem de sud-sudoeste para a America.

CAPITULO VII

DE COMO CHEGÁMOS A LATITUDE DE 28 GRÁOS NA TERRA DA AMERICA E NÃO PODÉMOS RECONHECER O PORTO PARA ONDE IAMOS, E UMA GRANDE TEMPESTADE SE DESENCADEOU EM TERRA. CAPUT VII.

Um dia, que era 18 de novembro, o piloto tomou a altura do sol, que era de 28 gráos, pelo que procurámos terra a Oéste. No dia 24 do mesmo mez vimos terra. Tinhamos estado 6 mezes no mar; algumas vezes em grande perigo. Quando chegámos perto da terra não reconhecemos o porto e os signaes que o primeiro official nos tinha descripto. Tambem não podiamos nos arriscar a entrar num porto desconhecido, pelo que cruzámos em frente da terra. Começou a ventar muito, de modo que julgavamos ser levado sobre as rochas, pelo que amarrámos alguns barris vasios, nos quaes puzemos polvora, firmando-os bem e amarrando nelles as nossas armas, de fórma que, si naufragassemos e alguns escapassem, teriam com que se defender em terra, porque as ondas levariam os barris para a terra. Continuámos então a cruzar, mas não nos valeu de nada, porque o vento levou-nos sobre as rochas, que estavam submergidas, com 4 braças de agua e por causa das grandes vagas tinhamos de aprôar para a terra, na persuasão



de que todos haviam de perecer. Deus, porém, quiz que quando chegámos bem perto das rochas, os nossos companheiros enxergassem um porto, no qual entrámos. Ahi avistámos um pequeno navio que fugiu de nós e se escondeu por detrás de uma ilha, onde não o podiamos ver, nem saber que navio era; porém não o seguimos. Deitámos aqui ancora, agradecendo a Deus qne nos salvou, descançámos e enxugámos a nossa roupa.

Eram mais ou menos duas horas da tarde, quando deitámos ancora. De tarde, veiu uma grande embarcação com selvagens, que queriam fallar comnosco. Nenhum de nós, porém,

entendia a lingua delles. Démos-lhes algumas facas e anzóes, com que voltaram. Na mesma noite, veiu mais uma embarcação cheia, na qual estavam dois portuguezes. Estes nos perguntaram de onde vinhamos. Respondemos que vinhamos da Hespanha. A isto replicaram que deviamos ter um bom piloto, que podesse nos levar ao porto, porque, apezar de elles bem o conhecerem, com uma tempestade destas não poderiam ter entrado. Contámos-lhes então tudo e como o vento e as ondas quasi nos fizeram naufragar; e quando estavamos certos de estar perdidos, enxergámos de repente o porto. Foi, pois, Deus que nos guiou inesperadamente e nos salvou do naufragio; e nem sabiamos onde estavamos.

Quando ouviram isso, admiraram-se muito e agradeceram a Deus e disséram que o porto onde estavamos era Supraway (Superaqui) e que estavamos a 18 leguas de uma ilha, chamada S. Vincente, que pertencia a El-Rei de Portugal, e lá moravam elles e aquelles que tinhamos visto com o navio pequeno que fugiram porque pensaram que nós eramos francezes.

Perguntámos tambem a que distancia estava a ilha de Santa Catharina, para onde queriamos ir. Responderam que podia ser umas trinta milhas para o sul e que lá havia uma tribu de selvagens chamados Carios (Carijós) e que deviamos nos acautellar contra elles. Os selvagens do porto onde estavamos, chamavan-se Tuppin Ikins (Tupiniquins) e eram seus amigos, de modo que não corriamos perigo.
francezes.

Perguntámos mais em que latitude estava o lugar, e responderam-nos que estava a 28 gráos, o que era verdade. Tambem nos ensinaram como haviamos de conhecer o paiz.

CAPITULO VIII

De como sahimos outra vez do porto para de novo procurar o logar para onde queriamos ir. Caput VIII.

Quando o vento de est-sueste cessou, ficou bom o tempo com o vento de Nordéste. Levantámos então ferro e voltámos arap a terra, já mencionada. Viajámos dous dias, procurando

o porto, mas não podémos reconhecel-o. Percebemos, porém, pela terra que tinhamos passado o porto porque o sol estava tão escuro, que não podiamos fazer observações, nem podiamos voltar porque o vento era contrario.

Mas Deus é um salvador nas necessidades. Quando estavamos na nossa reza vespertina, implorando a protecção de Deus, aconteceu que nuvens grossas formavam-se ao sul para onde tinhamos sido levados. Antes de termos acabado a reza, o Nordéste acalmou, de modo a não ser mais perceptivel e o vento sul, apezar de não ser a época do anno em que elle reina, começou a soprar, acompanhado de tantos trovões e relampagos, que ficámos amedrontados. O mar tornou-se tempestuoso, porque o vento sul, de encontro ao do norte, levantava as ondas, e estava tão escuro que se não podia enxergar. Os grandes relampagos e os trovões intimidavam a tripolação, de modo que ninguem sabia o que fazer, para colher as velas. Esperavamos todos perecer aquella noite, porém Deus fez com que o tempo mudasse e melhorasse; e voltámos para o logar de onde tinhamos partido naquelle dia, procurando de novo o porto, mas não podiamos reconhecel-o, porque havia muitas ilhas ao pé da terra firme.

Quando chegavamos ao gráo 28, disse o capitão ao piloto que entrasse por detrás de uma ilha e deitasse ancora, afim de ver em que terra estavamos. Entrámos então, entre duas terras, onde havia um porto excellente, deixámos a ancora ir ao fundo e deliberámos entrar no bote para melhor explorar o porto.

CAPITULO IX

De como alguns de nós sahiram com o bote para reconhecer o porto e acharam um crucifixo sobre uma rocha. Caput IX.

Foi no dia de Santa Catharina, no anno 1549, que deitámos ancora, e no mesmo dia alguns dos nossos, bem municiados, fôram no bote para explorar a bahia. Começámos a pen-

sar que fosse um rio, que se chama Rio de S. Francisco, situado tambem na mesma provincia, porque, quanto mais nós entravamos, mais cumprido parecia.



Olhavamos de vez en quando, para ver se descobriamos alguma fumaça, porém nada vimos. Finalmente, pareceu-nos ver umas cabanas e para lá nos dirigimos. Eram já velhas, sem pessoa alguma dentro, pelo que continuámos até de tarde. Então vimos uma ilha pequena na frente, para a qual nos dirigimos, para passar a noite por pensarmos haver alli um abrigo. Quando chegámos á ilha, já era noite; mas não podiamos nos arriscar a ir para a terra, pelo que alguns dos nossos

foram rodear a ilha para ver si alli havia gente; mas não descobriram ninguem. Fizemos então fogo e cortámos uma palmeira, para comer o palmito, e ficámos alli durante a noite. De manhã cedo, avançámos pela terra a dentro. Nossa opinião era que havia alli gente, porque as cabanas eram disto um indicio. Ao avançar, vimos de longe sobre uma rocha, um madeiro, que nos parecia uma cruz e não comprehendiamos quem a podia ter posto alli. Chegámos a ella e achámos uma grande cruz de madeira, apoiada com pedras e com um pedaço de fundo de barril amarrado e neste fundo havia gravadas lettras que não podiamos lêr, nem adivinhar qual o navio que podesse ter erigido esta cruz; e não sabiamos se este era o porto onde deviamos nos reunir. Continuámos então rio acima e levámos o fundo do barril. Durante a viagem, um dos nossos examinou de novo a inscripção e começou a comprehendel-a. Estava alli gravado em lingua hespanhola: SI VEHU POR VENTURA, ECKYO LA ARMADA DE SU MAJESTET, TIREN UHN TIREAY AUERAN RECADO (se viniesse por ventura aqui la armada de su magestad, tiren un tiro y haram recado). Isto quer dizer: Si por acaso para aqui vierem navios de sua magestade, dêm um tiro e terão resposta.

Voltámos então de pressa para a cruz e disparámos um tiro de peça, continuando depois, rio acima, a nossa viagem.

Pouco depois, vimos cinco canôas com selvagens, que viéram sobre nós, pelo que apromptámos as nossas armas. Chegando mais perto, vimos um homem vestido e com barba que estava na prôa de uma das canôas e nos parecia christão. Gritámos a elle para fazer parar as outras canôas e vir com uma só conversar comnosco. Quando elle chegou perto, perguntámos em que terra nós estavamos, a que respondeu que estavamos no porto de Schirmirein (Xerimirim), assim denominado pelos selvagens, e para melhor entendermos, acrescentou que se chama Santa Catharina, cujo nome foi dado pelos descobridores.

Alegrou-nos muito isto, porque este era o porto que procuravamos, sem conhecer que já alli estavamos, sendo mesmo

no dia de Santa Catharina. Vêde, pois, como Deus soccorre aquelle que no perigo o implora com sinceridade.

Então elle nos perguntou de onde vinhamos, a que respondemos que pertenciamos aos navios do Rei da Hespanha, em caminho para o Rio de Platta, e que havia mais navios em viagem, que esperavamos, com Deus, chegassem logo para nos unirmos a elles. A isto elle respondeu que estimava muito e agradecia a Deus, porque havia tres annos que elle tinha sahido da provincia Rio de Platta, da cidade chamada la Sancion (Assumpção), que pertencia aos hespanhóes, por ter sido mandado a beira mar, distante 300 milhas do logar onde estavamos, para fazer os Carijós, que eram amigos dos hespanhóes, plantarem raizes que se chamam mandioca e supprir os navios que disso precisassem. Eram essas as ordens do capitão que levava as ultimas noticia para a Hespanha e que se chamava Salaser (Juan de Salazar) e que agora voltava com os outros navios.

Fomos então com os selvagens para as cabanas onde elle morava, e alli fomos bem tratados.

CAPITULO X

Como fui mandado ao nosso grande navio com uma canoa cheia de selvagens. Caput X.

Pediu então o nosso capitão ao homem que achámos entre os selvagens que mandasse vir uma canôa, com gente que levasse um de nós ao navio, para que este tambem podesse vir

Ordenou-me que seguisse com os selvagens ao navio, tendo nós estado fóra já tres noites, sem que a gente do navio soubesse que fim tinhamos levado.

Quando cheguei a distancia de um tiro do navio, fizéram um grande alarido, pondo-se em defesa e não queriam que chegassemos mais perto com a canôa. Gritaram-me, perguntando como era isto, onde ficaram os outros e como é que vinha sósinho com a canôa cheia de selvagens. Callei-me, não res-

pondi, porque o Capitão me ordenára que fingisse estar triste e observasse o que fazia a gente do navio.

Como lhes não respondi, diziam entre si: aqui ha qualquer cousa, os outros de certo estão mortos e estes agora vêm com aquelle só, para armar-nos uma cilada e tomar o navio. Queriam então atirar sobre nós, porém chamaram-me ainda uma vez. Comecei então a me rir e disse que estivessem socegados, porque trazia boas novas, por isso permittiram que me aproximasse. Contei então o que se tinha passado, o que muito os alegrou, e os selvagens voltaram sósinhos. Seguimos logo com o navio até perto das cabanas, onde fundéamos para esperar os outros navios, que se tinham separado de nós, por causa da tempestade.

A aldeia onde moravam os selvagens chamava-se Acuttia e o homem que lá achámos chamava-se Johan Ferdinando e era Biscainho, da cidade de Bilba (Bilbáo). Os selvagens eram Carios (Carijós) e trouxeram-nos muita caça e peixe, dando-lhes nós anzóes en tróca.

CAPITULO XI

COMO CHEGOU O OUTRO NAVIO DA NOSSA COMPANHIA, QUE SE TINHA PERDIDO, E NO QUAL ESTAVA O PRIMEIRO PILOTO. CAPUT XI.

Depois de cerca de tres semanas de demóra, chegou o navio no qual se achava o primeiro piloto, mas o terceiro navio estava perdido de todo e nada mais soubemos delle.

Apparelhámos, então, para sahir e fizemos provisão para 6 mezes, porque havia ainda cerca de 300 leguas de viagem por mar. Quando tudo estava prompto, perdemos o grande navio no porto, o que impediu a nossa ida.

Ficámos ahi dous annos, no meio de grandes perigos e soffrendo fome. Eramos obrigados a comer lagartos, ratos do campo e outros animaes exquisitos, que podiamos achar, como mariscos que viviam nas pedras e muitos bichos extravagantes. Os selvagens que nos davam mantimentos, emquanto recebiam presentes de nossa parte, fugiram depois para outros

logares e como não podiamos fiar-nos nelles, cançámos de lá estar para talvez perecer.

Deliberámos, pois, que a maior parte dos nossos devia ir por terra para a provincia de Sumption (Assumpção) que distava cerca de 300 milhas de lá. Os outros iriam com o navio que restava. O capitão conservava alguns de nós, que iriam por agua com elle. Aquelles que iam por terra levavam alguns victualhas e alguns selvagens. Muitos delles, porém, morreram de fome no sertão; mas os outros chegaram, como depois soubemos, e para o resto o navio era pequeno demais para navegar no mar.

CAPITULO XII

Como deliberámos ir a S. Vincente, que era dos portuguezes, arranjar com elles um navio para fretar, e terminar assim a nossa viagem, porém, naufragamos e não sabiamos a que distancia estavamos de S. Vincente. Caput XII.

Os portuguezes têm perto da terra firme uma ilha denominada S. Vincente (*Urbioneme* na lingua dos selvagens). Esta ilha se acha a cerca de 70 milhas do logar onde estavamos. Era nossa intenção ir até lá, para ver se poderiamos arranjar com os portuguezes um navio para fretar e ir com elle até o Rio de Platta, porque o navio que tinhamos era pequeno demais para nós todos. Para effectuar isso, alguns dos nossos foram com o capitão Salasar para a ilha de S. Vincente, mas nenhum de nós tinha estado lá, exceto um de nome Roman (Romão), que se obrigou a descobrir a ilha.

Sahimos, pois, do forte de Inbiassape que se acha no gráu 28, ao sul do Equinoxio, e chegámos cerca de dois dias depois da nossa partida a uma ilha chamada Alkatrases, mais ou menos a 40 milhas do logar de onde sahimos. Alli o vento se tornou contrario e nos obrigou a ancorar. Na ilha havia muitos passaros maritimos chamados *Alkatrases*, que são faceis de apanhar. Era tempo da incubação. Desembarcámos, para procurar agua potavel e encontrámos cabanas velhas e

cacos de panellas dos selvagens, que lá tinham morado. Tambem achámos umas pequenas fontes numa rocha. Alli matámos muitos dos referidos passaros e levámos seus ovos para bordo, onde cozinhámos os passarós e os ovos. Acabada a refeição, levantou-se uma grande tempestade do sul que nos fez receiar que as ancoras largassem e fosse arremessassado o navio sobre os rochedos. Isto já era de tarde e pensavamos ainda alcançar o porto chamado Caninee (Cananéa). Mas antes de chegarmos, já era de noite e não pudémos entrar. Affastámonos então da terra com grande perigo, pensando a cada instante que as vagas despedaçassem o navio, porque perto da terra são ellas muito maiores do que no alto mar, longe da terra.

Durante a noite tinhamos nos affastado tanto, que de manhã não enxergámos mais a terra. Somente muito depois, appareceu ella a vista, mas a tempestade era tamanha, que pensámos não resistir. Então aquelle que já tinha estado alli pretendeu reconhecer S. Vincente e aproámos para lá. Uma grande neblina, porém, nos não deixou reconhecer bem a terra e tivemos de alijar tudo que era pesado para alliviar o navio. Estavamos com muito medo, mas avançámos pensando encontrar o porto, onde moram os portuguezes, mas enganámo-nos.

Quando então a neblina se levantou um pouco, deixando ver a terra, disse Romão que se lembrava de que o porto estava na nossa frente e bastava dobrar o rochedo para alcançar o porto por de trás. Fomos alli, mas quando chegámos só vimos a morte, porque não era o porto, sendo obrigados a virar para a terra e naufragar. As ondas batiam contra a terra, que era medonho e rogámos a Deus que salvasse a nossas almas, fazendo o que os marinheiros fazem quando estão para naufragar.

Quando chegámos ao logar onde as vagas batiam em terra ellas nos suspendiam tão alto como si estivessemos sobre uma muralha.. O primeiro baque sobre a terra já despedaçou o navio. Alguns saltavam no mar e nada-

vam para a costa, outros alli chegavam agarrados aos pedaços do navio. Assim Deus nos ajudou a chehar vivos á terra, continuando o vento e a chuva, que quasi nos regelava.



CAPITULO XIII

Como soubemos em que paiz de selvagens tinhamos naufragado. Caput XIII.

Chegando á terra agradecemos a Deus que nos deixou alcançar vivos á costa, ainda que estivessemos tristes por não saber onde tinhamos chegado, porque o Romão não conhecia o paiz, nem sabia si estavamos longe ou perto de S. Vincen-

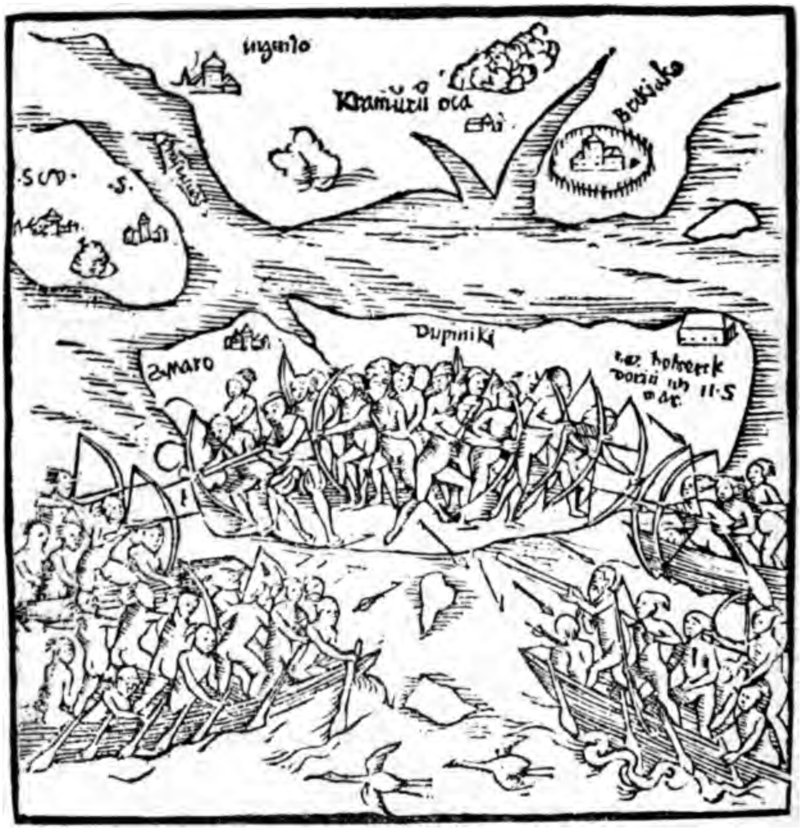
te, ou si havia selvagens que nos podessem fazer mal. Um dos companheiros, de nome Claudio, que era francez, começou a correr pela praia para se aquecer, quando de repente reparou numas casas por detrás dos arbustos e que se pareciam com casas de christãos. Dirigiu-se então para lá e encontrou um logar onde moravam portuguezes e se chamava Itenge-Ehm (Itanhaen), cerca de duas milhas distante de S. Vincente. Contou então a elles o nosso naufragio e que estavamos com muito frio, não sabendo para onde deviamos ir. Quando ouviram isso, viéram correndo e levaram-nos para suas casas, dando-nos roupas. Ahi ficámos alguns dias, até que voltámos a nós.

Deste logar, fomos por terra até S. Vincente, onde os portuguezes nos receberam bem e nos déram comida por algum tempo. Quando vimos que tinhamos perdido os nossos navios, mandou o Capitão um navio portuguez para buscar os outros nossos companheiros, que tinham ficado em Byasape, o que se realisou.

CAPITULO XIV

Como está situado S. Vincente. caput xiv

S. Vincente é uma ilha muito proxima da terra firme e onde ha dous logares, um denominado em portuguez S. Vincente e na lingua dos selvagens Orbioneme. O outro, que dista cerca de 2 leguas, chama-se *Ywawasupe*, além de algumas casas na ilha que se chama Ingenio (Engenho) e nas quaes se faz assucar. Os portuguezes que ahi moram têm por amiga



uma nação brazileira que se chama Tuppin Ikin, cujas terras se estendem pelo sertão a dentro, cerca de 80 leguas e ao longo do mar umas 40 legnas. Esta nação tem inimigos para ambos os lados, para o Sul e para o Norte. Seus inimigos para o lado doSul chamam-se Carios (Carijós) e os inimigos para o lado do Norte chamam-se *Tuppin-Inba*. São chamados *Tawaijar* (Tabajara) por seus contrarios, o que quer dizer inimigo. Os portuguezes soffrem muitos males delles e têm ainda hoje de temel-os.

CAPITULO XV

COMO SE CHAMA O LOGAR DONDE LHES VEM A MAIOR PERSEGUIÇÃO E COMO ESTÁ SITUADO. CAPUT XV.

A cinco milhas de S. Vincente ha um logar denominado *Brikioka* (Bertioga-burutioca), onde os inimigos selvagens primeiro chegam, para dahi seguirem entre uma ilha chamada Santo Maro e a terra firme.

Para impedir este caminho aos indios, havia uns irmãos mamelucos, cujo pae era portuguez e cuja mãe era brazileira, todos christãos e tão versados na lingua dos christãos, como na dos selvagens. O mais velho chamava-se Johan de Praga (João de Braga), o segundo Diego de Praga (Diogo de Braga), o terceiro Domingo de Praga (Domingo de Braga), o quarto Francisco de Praga (Francisco de Braga), o quinto Andréa de Praga (André de Braga) e o pae chamava-se Diago de Praga (Diogo de Braga).

Cerca de dois annos antes da minha vinda, os cinco irmãos tinham decidido, com alguns amigos selvagens, edificar alli uma casa forte para combater os inimigos, o que já estava executado.

A elles se ajuntaram mais alguns portuguezes, que moravam com elles, porque era uma terra boa. Os seus inimigos, os Tuppin-Inba, descobriram isso e se prepararam no seu paiz, que dista d'alli cerca de 25 milhas, vieram uma noite com 70 canôas e, como é costume delles, atacaram de madrugada. Os mamelucos e os portuguezes correram para uma casa, que tinham feito de páu a pique e ahi se defenderam. Os outros selvagens fugiram para suas casas e resistiram quanto podéram. Assim morreram muitos inimigos. Finalmente, porém, os inimigos venceram e incendiaram o logar de Brikioka, capturaram todos os selvagens, mas aos christãos, que eram mais ou menos 8, e aos mamelucos não puderam fazer nada, porque Deus quiz salval-os. Os outros selvagens, porém, que tinham capturado, esquartejaram e repartiram entre si, depois do que voltaram para o seu paiz.

CAPITULO XVI

COMO OS PORTUGUEZES REEDIFICARAM BRIKIOKA E DEPOIS FIZERAM UMA CASA FORTE NA ILHA S. MARO. CAPUT XVI.

Depois disto pensaram as autoridades e o povo que era bom não abandonar este logar, mas que devia ser fortificado, porque deste ponto todo o paiz podia ser defendido. E assim fizeram.

Quando os inimigos perceberam que o logar lhes offerecia grande difficuldade para ser atacado, vieram de noite, mas por agua, e aprisionaram todos quantos encontraram em S. Vincente. Os que moravam mais longe pensavam não correr perigo, visto existir uma casa forte na visinhança, pelo que soffreram muito.

Por causa disso, deliberaram os moradores edificar outra casa ao pé da agua, e bem de fronte de Brikioka, e ahi collocar canhões e gente para impedir os selvagens. Assim tinham começado um forte na ilha, mas não o tinham acabado, porque diziam-me que não tinham artilheiro portuguez que se arriscasse a morar alli.

Fui ver o logar. Quando os moradores souberam que eu era allemão e que entendia de artilharia, pediram-me para ficar no forte e ajudal-os a vigiar o inimigo. Promettiam dar-me companheiros e um bom soldo. Diziam tambem que si eu o fizesse, seria estimado pelo Rei, porque o Rei costumava ser especialmente bom para com aquelles que em terras assim novas contribuiam com seu auxilio e seus conselhos.

Contractei com elles para servir 4 mezes na casa, depois do que um official devia vir por parte do Rei, trazendo navios, e edifficar alli um forte de pedra, para maior segurança; o que foi feito. A maior parte do tempo estive no forte com mais tres e tinha algumas peças commigo, mas estava sempre em perigo dos selvagens porque a casa não estava bem segura. Era necessario estar alérta para que os selvagens não nos surprehendessem durante a noite, o que varias vezes procura-

ram; porém, Deus sempre nos ajudou, e sempre os percebemos.

Depois de alguns mezes veiu um official por parte do Rei, porque tinham escripto ao Rei como era grande o atrevimento dos selvagens e o mal que os mesmos lhe faziam. Tambem tinham escripto como era bella esta terra e que não era prudente abandonal-a. Para então melhorar as condições, veiu o coronel Tome de Susse (Thomé de Souza) para vêr o paiz e o logar que queriam fortificar.

Contaram-lhe tambem os serviços que eu tinha prest do; e que eu tinha ficado na casa forte onde nenhum Portuguez queria permanecer, por estar muito mal defendida.

Isso o agradou muito e elle disse que ia fallar ao Rei a meu respeito, se Deus lhe permittisse voltar para Portugal, com o que eu havia de aproveitar.

Acabou, porém, o tempo de meu serviço que era de quatro mezes e pedi licença. O coronel, com todo o povo, pediu para que ficasse por mais algum tempo. Respondi que sim e que ficava ainda por dous annos; e quando acabasse este tempo, tinham de deixar-me voltar no primeiro navio para o Portugal, onde o Rei havia de retribuir os meus serviços. Para este fim, deu-me o coronel, por parte do Rei, as minhas *privilegia* como é de costume dar aos artilheiros reaes, que os pedem. Fizeram a casa de pedras, puzeram dentro alguns canhões e ordenaram-me que zelasse bem da casa e das armas.

CAPITULO XVII

Como e por que motivo tinhamos de observar os inimigos mais numa época do anno do que em outra. Caput XVII.

Era necessario estar mais alerta duas vezes no anno do que no resto, quando tratavam especialmente de invadir com forças o paiz. E estas duas épocas eram primeiro no mez de Novembro, quando umas fructas de nome *Abbati* amadureciam, e das quaes preparavam uma bebida chamada *Kaa wy*. Além

desta, ha tambem uma raiz denominada mandioka, que misturam com o abbati, quando maduro para fazer a sua bebida. Quando voltam de uma guerra, querem ter os abbatis para fabricar uma bebida, que é para beber quando comem os inimigos, si tiverem capturado algum, e durante o anno inteiro esperam com impaciencia o tempo dos abbatis.

Tambem em Agosto deviamos esperal-os, porque neste tempo vão a caça de uma especie de peixes que então sáem do mar para agua doce, onde desovam. Estes peixes chamam elles em sua lingua *Bratti* (parati) e os hespanhóes lhes dão o nome de Lysses. Neste tempo costumam sair para o combate, com o fim de ter tambem mais abundancia de comida. Os taes peixes, elles apanham com pequenas redes ou matam-n-os com flechas, e levam-n-os fritos comsigo, em grande quantidade; tambem fazem delles uma farinha que chamam *Pira-Kui* (Pira-iquê).

CAPITULO XVIII

Como fui aprisionado pelos selvagens e como isso aconteceu. Caput XVIII.

Tinha commigo um selvagem de uma tribu denominada Carios, que era meu escravo. Elle caçava para mim e com elle fui ás vezes ao matto.

Aconteceu, porém, uma vez que um hespanhol da Ilha S. Vincente veiu me visitar na ilha de Santo Maro, que fica a



cerca de 5 milhas, e mais um allemão de nome Heliodorus Hessus, filho de Eobanus, fallecido. Este morava na ilha de S. Vincente, num ingenio onde se fabricava assucar. Este ingenio pertencia a um genovez que se chamava Josepe Ornio (Giuseppe Adorno) e o Heliodorus era caixeiro e gerente do negociante, dono do ingenio (ingenio são casas onde se fabrica assucar). Já conhecia este Heliodorus,, porque quando naufraguei com os hespanhóes, estava elle com a gente que encontrámos em S. Vincente e ficou então meu amigo. Veiu elle então para me ver, porque tinha sabido talvez que eu estava doente.

No dia anterior tinha eu mandado o meu escravo para o matto para procurar caça, e queria ir buscal-a no dia seguinte para ter alguma cousa que comer, pois naquelle paiz não ha muito mais além do que ha no matto.

Quando ia indo pelo matto, ouvi dos dois lados do caminho uma grande gritaria, como costumam fazer os selvagens e avançando para o meu lado. Reconheci então que me tinham cercado e apontavam as flechas sobre mim e atiravam. Exclamei: *Valha-me Deus!* Mal tinha pronunciado estas palavras quando me estenderam por terra, atirando sobre mim e picando-me com as lanças. Mas não me feriram mais (Graças a Deus) do que em uma perna, despindo-me completamente. Um tirou-me a gravata, outro, o chapéo, o terceiro, a camisa, etc., e começavam a disputar a minha posse, dizendo um que tinha sido o primeiro a chegar a mim, e o outro, que tinha me aprisionado. Emquanto isto se dava bateram-me os outros com os arcos. Finalmente, dous levantaram-me, nú como estava, pegando-me um em um braço e outro, no outro, com muitos atrás de mim e assim correram commigo pelo matto até o mar, onde tinham suas canôas. Chegando ao mar vi, á distancia de uma pedrada, uma ou duas canôas suas, que tinham levado em terra, por baixo de uma moita e com uma porção delles em roda. Quando me enxergaram, trazidos pelos outros, correram ao nosso encontro, enfeitados com plumas como era costume, mordendo os braços, fazendo-me comprehender que me queriam devorar. Diante de mim, ia um Rei com o páu que serve para matar os prisioneiros. Elle fez um discurso e contou como elles tinham me capturado e feito seu escravo ou *perot* (assim os chamam os portuguezes), querendo vingar sobre mim a morte de seus amigos. E quando me levaram até as canôas, alguns me déram bofetadas. Apressaram-se então em arrastar as canôas para a agua, de medo que em Brikioka já estivessem alarmados, como era verdade.

Antes, porém, de arrastarem as canôas para a agua, amarraram-me as mãos e como não eram todos do mesmo logar, cada aldeia ficou zangada por voltar sem nada e disputavam

com aquelles que me conservavam. Uns diziam que tinham estado tão perto de mim como os outros, e queriam tambem ter sua parte de mim, propondo matar-me immediatamente.

Eu orava e esperava o golpe, porém, o Rei, que me queria possuir disse que desejava me levar vivo para casa, para que as mulheres me vissém e se divertissem a minha custa, depois do que matar-me-ia e *Kawewi pepicke*, isto é, queriam fabricar a sua bebida, reunir-se para uma festa e me devorar conjunctamente. Assim me deixaram e me amarraram quatro cordas no pescoço, fazendo-me entrar numa canôa emquanto ainda ficaram em terra. As pontas das cordas amarraram na canôa, que arrastaram para a agua para voltar para casa.

CAPITULO XIX

COMO QUERIAM VOLTAR E OS NOSSOS CHEGARAM PARA ME RECLAMAR, E COMO VOLTARAM PARA ELLES E COMBATERAM. CAPUT XIX.

Ao pé da ilha, na qual fui aprisionado, ha uma outra ilha pequena, onde se aninham uns passaros maritimos de nome *Uwara*, que tem pennas vermelhas. Perguntaram-me os indios si os seus inimigos Tuppin Ikins tinham estado lá este anno, para apanharem os passaros e os filhotes. Disse que sim, mas elles queriam ver, pois estimam muito as pennas daquelles passaros, porque todos os seus enfeites são geralmente de pennas. A particularidade deste passaro é que suas primeiras pennas são pardacentas, ficando pretas quando começa a vôar, tornando-se depois encarnadas, como tinta vermelha. Fôram então para ilha, pensando encontrar ahi os passaros. Quando tinham chegado a cerca de dez tiros de espingarda do logar onde tinham deixado as canôas, voltaram-se e enxergaram ume porção de Tuppin Ikin e alguns portuguezes entre elles, porque um escravo que tinha me acompanhado, quando fui agarrado, escapára e dera alarma quando me prenderam. Pensavam vir livrar-me e gritaram para os que me capturaram que viessem combater, si tivessem coragem. Voltaram então com a canôa para os que estavam em terra e estes atiraram

com sarabatanas e flechas e os da canôa responderam; desataram as minhas mãos, mas as cordas do meu pescoço continuavam fortemente atadas.

O Rei, que estava commigo na canôa, tinha uma espingarda e um pouco de polvora, que um francez lhe dera em tróca de páu prasil. Ordenou-me que atirasse sobre os que estavam em terra.

Depois de terem combatido um pouco, ficaram com medo de que os outros tivessem canôas para os perseguir, pelo que fugiram. Tres delles tinham sido atirados. Passaram a cerca de um tiro de falconete de Brikioka,onde eu costumava estar, e quando passámos de fronte fizeram-me ficar em pé, para que meus companheiros me vissem. Do forte dispararam dous grandes tiros, porém nos não alcançaram.

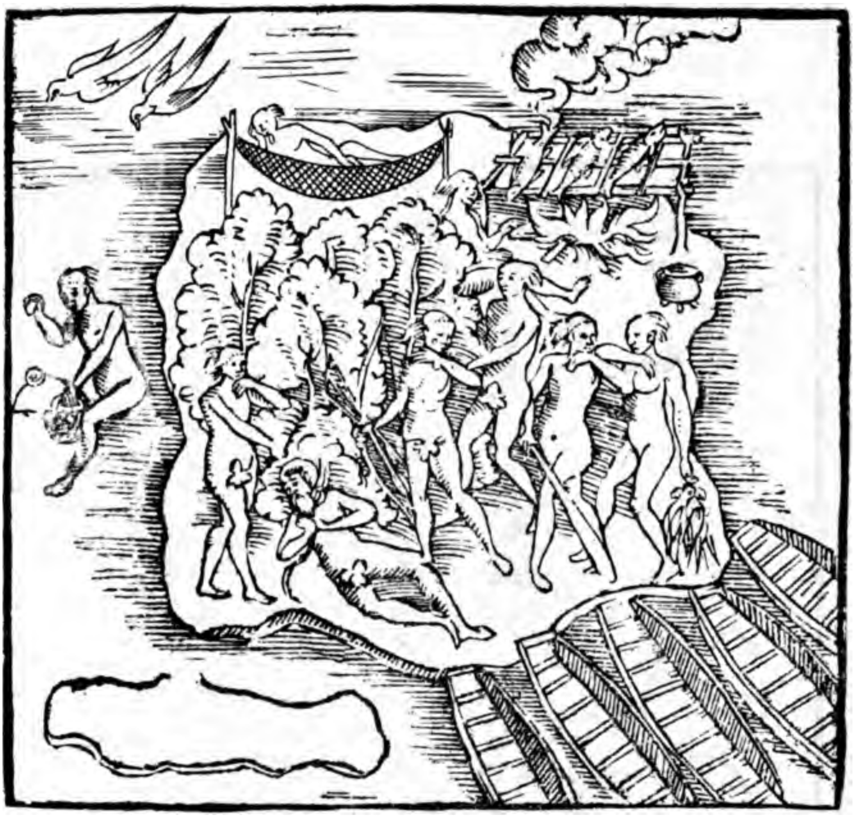
Emquanto isso, sahiram algumas canôas de Brikioka para nos alcalcançar, mas os selvagens fugiram de pressa e vendo os amigos que nada podiam fazer, voltaram.

CAPITULO XX

O QUE SE PASSOU NA VIAGEM PARA A TERRA DELLES. CAPUT 20.

Como havia mais ou menos sete milhas de caminho de Brikioka para o paiz delles, seriam, conforme a posição do sol, cerca de 4 horas da tarde deste mesmo dia quando me capturaram.

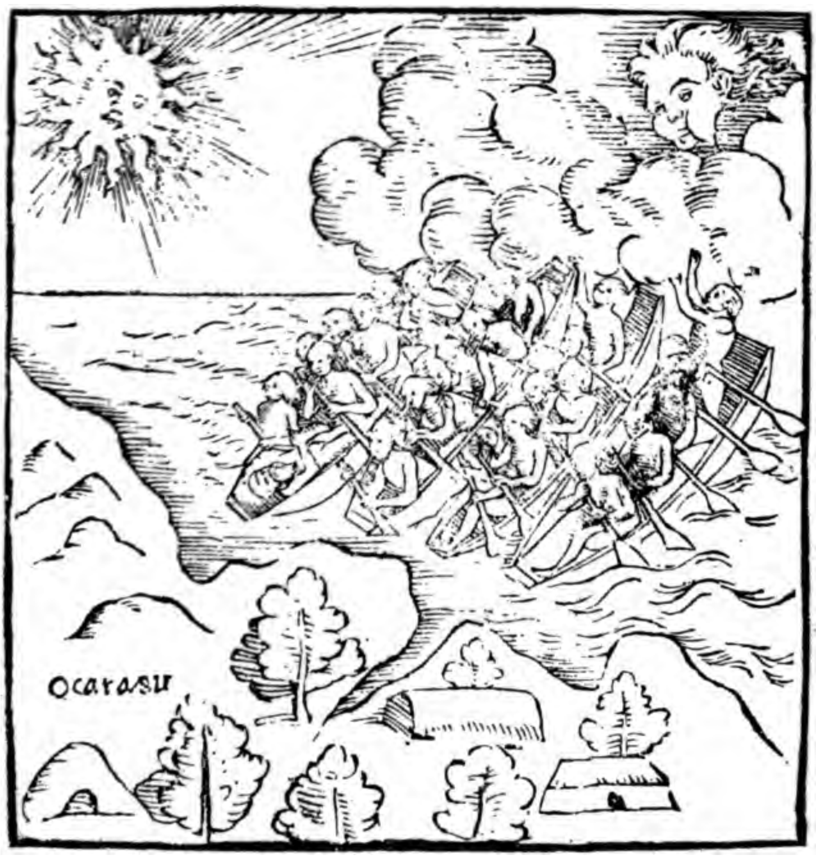
Fôram a uma ilha e puxaram as canôas para terra, pretendendo ficar ahi de noite e tiraram-me da canôa. Chegando a terra, nada podia enxergar porque tinham me ferido na cara, nem podia andar por causa da ferida na perna; pelo que fiquei deitado sobre a areia. Cercaram-me, com ameaças de me devorar.



Estando nesta grande afflicção, pensava no que nunca tinha cogitado neste valle de lagrimas, onde vivemos. Com os olhos banhados em pranto, comecei a cantar do fundo do meu coração o psalmo: A ti imploro meu Deus, no meu pezar, etc. Os selvagens diziam então: «Vêde como elle chora, ouvi como se lamenta».

Parecia-lhes no entanto que não era prudente ficarem na ilha durante a noite, e se embarcaram de novo, para ir a terra firme, onde estavam umas cabanas que antes tinham levantado. Quando chegámos, era alta noite. Accenderam então fogueiras e conduziram-me para lá. Ahi tive de dormir numa

rede, que na lingua delles se chamava *Inni* e era a cama delles, que amarram em dous páus acima do chão, ou quando estão numa matta, entre duas arvores. As cordas que eu tinha no pescoço, amarraram por cima numa arvore e deitaram-se



em roda de mim, caçoando commigo e me chamando *Schere inbau ende* «Tu ės meu bicho amarrado.»

Antes de raiar o dia sahiram de novo, remaram todo o dia e quando o sol descambou no horizonte faltavam-lhes ainda duas milhas para chegar ao logar onde queriam pousar.

Levantou-se então uma grande nuvem preta por de trás de nós, tão medonha, que os obrigou a remar com toda a pressa para alcançar a terra, por causa do vento e das nuvens.

Quando viram que não podiam escapar, disseram-me: *Ne mungitta dee Tuppan do Quabe anamasu y an dee Imme Ranni me sisse*, o que quer dizer: «Pede a teu Deus, que a grande chuva e vento não nos façam mal.» Callei-me, fiz a minha oração a Deus, como pediram, e disse:

O' tu, Deus Omnipotente, que tens o poder na terra e no céo, tu que do começo auxiliaste aquelles que imploram o teo nome e que os escutaste, mostra a tua clemencia a estes pagãos, para que eu saiba que tu ainda estás commigo e para que os selvagens, que te não conhecem, possam vêr que tu, meu Deus, ouviste a minha oração.

Estava deitado na canôa e amarrado, de modo a não poder ver o tempo, mas elles voltavam-se continuamente para trás e começavam a dizer: *O qua moa amanassu*, o que quer dizer; «A grande tempestade fica para trás,» Ergui-me então um pouco, olhei para trás e vi que a grande nuvem se dissipava. Agradeci então a Deus.

Chegando em terra, fizeram commigo como d'antes; amarraram-me a uma arvore e deitam-se ao redor de mim, dizendo que estavamos agora perto da terra delles, onde chegariamos no dia seguinte á tarde, o que muito pouco me alegrou.

CAPITULO XXI

COMO ME TRATARAM DE DIA, QUANDO ME LEVARAM ÁS SUAS CASAS.

CAPUT XXI.

No mesmo dia, a julgar pelo sol, deviam ser Ave-Marias, mais ou menos, quando chegámos ás suas casas; havia já tres dias que estavamos viajando. E até o logar onde me levaram, contavam-se trinta milhas de Brickioka (*), onde eu tinha sido aprisionado.

(*) O auctor escreve umas vezes Brikioka e outras vezes Brickioka. Em todos os logares conservamos a sua orthographia.

Quando iamos chegando perto das suas casas, vimos que era uma aldeia que tinha sete casas e se chamava *Uwaitibi* (Ubatuba). Entrámos numa praia que vai abeirando o mar e alli perto estavam as suas mulheres numa plantação de raizes, que chamam mandioca. Na mesma plantação havia muitas mulheres, que arrancavam as raizes, e a estas fui obrigado a gritar na lingua dellas: *A Junesche been ermi vramme*, isto é: *Eu, vossa comida, cheguei.*

Chegando em terra, correram todos das casas (que estavam situadas num morro), moços e velhos, para me verem. Os homens iam com suas flechas e arcos para as casas e recommendaram-me ás suas mulheres que me levassem entre si, indo algumas adiante, outras atrás de mim. Cantavam e dançavam unisonos os cantos que costumam, como canta sua gente quando está para devorar alguem.

Assim me levaram até a *Ywara*, deante de suas casas, isto é, á sua fortificação feita de grossas e cumpridas achas de madeira, como uma cerca ao redor de um jardim. Isto serve contra os inimigos. Quando entrei, correram as mulheres ao meu encontro e me deram bofetadas, arrancando a minha barba e fallando em sua lingua: *Sche innamme pepike ae*, o que quer dizer: «Vingo em ti o golpe que matou o meu amigo, o qual foi morto por aquelles entre os quaes tu estiveste.»

Conduziram-me, depois, para dentro das casas, onde fui obrigado a me deitar em um *inni*. Voltaram as mulheres e continuaram a me bater e me maltratar, ameaçando de me devorar.

Emquanto isto, ficavam os homens juntos em uma cabana e bebiam o que chamam *Kawi*, tendo comsigo os seus Deuses, que se chamam *Tammerka* (Tamaracá), em cuja honra cantavam, por terem prophetizado que me capturariam.

Tal canto ouvi e durante uma meia hora não veiu um só homem; sómente mulheres e crianças estavam commigo.

CAPITULO XXII

COMO OS MEUS DOUS AMOS VIERAM PARA MIM E DISSERAM-ME QUE TINHAM ME DADO A UM AMIGO QUE DEVIA ME GUARDAR E ME MATAR QUANDO ME QUIZESSEM DEVORAR. CAPUT XXII.

Não conhecia ainda seus costumes, tão bem como depois, e pensava agora que se preparavam para me matar. Logo depois vieram os dous que me capturaram, um de nome *Ieppipo Wasu* e seu irmão *Alkindar Miri*, e contaram-me como tinham me dado ao irmão de seu pae, Ipperu Wasu, por amizade. Este me devia conservar e me matar quando me quizessem devorar e assim ganhar um nome a minha custa

Porque este mesmo Ipperu Wassu tinha capturado um escravo, havia um anno, e por amizade fizera delle presente ao Alkindar Miri, este o matou e ganhou com isso um nome. Alkindar Miri tinha então promettido ao Ipperu Wasu de fazer presente a elle do primeiro que capturasse. Este era eu.

Os dous que me capturaram disseram-me mais: «Agora, as mulheres te levarão para fóra, *Aprasse*.» Não comprehendi



então esta palavra, que quer dizer dançar. Puxaram-me para fóra, pelas cordas que ainda tinha no pescoço, até a praça. Viéram todas as mulheres que havia nas sete cabanas e levaram-me, e os homens se fôram embóra. Umas pegaram-me nos braços, outras nas cordas que tinha no pescoço, de forma que quasi não podia respirar. Assim me levaram; eu não sabia o que queriam fazer de mim e me lembrava do soffrimento do nosso redemptor Jesus Christo, quando era maltratado innocentemente pelos infames judeus. Por isso, consolei-me e tornei-me paciente. Conduziram-me até a cabana do Rei, que se chamava *Uratinge Wasu*, que quer dizer na minha lingua «o grande pas-

saro branco». «Deante da cabana do Rei, havia um monte de terra fresca, e alli me assentaram, emquanto algumas mnlheres me seguravam. Pensei então que queriam matar-me e procurava com os olhos o Iwera Pemme, instrumento com que matam gente, e perguntei si já me queriam matar. Não me responderam, mas veiu uma mulher que tinha um pedaço de crystal em uma cousa que parecia um páu arcado, cortou-me com este crystal as pestanas dos olhos e queria cortar tambem a barba. Mas isto não quiz supportar e disse que me matassem com barba e tudo. Disseram entáo que me não queriam matar ainda e me deixaram a barba. Porém, alguns dias depois, m'a cortaram com uma tesoura que os francezes lhes tinham dado.

CAPITULO XXIII (1)

COMO DANÇARAM COMMIGO DEANTE DAS CABANAS NAS QUAES GUARDAM SEUS IDOLOS TAMMERKA. CAPUT 24.



Depois conduziram-me do logar onde me cortaram as pestanas para as cabanas, onde guardavam os seus Tammerka, ou idolos. Formaram um circulo ao redor de mim, ficando eu no centro, com duas mulheres; amarraram-me n'uma perna umas cousas que chocalhavam e na nuca collocaram-me uma

(Por engano este capitulo tem o numero 24 na 1.ª edição do auctor.

outra cousa, feita de pennas de passaros, que excedia a cabeça e que se chama na lingua delles *Arasoya*. Depois começaram as mulheres a cantar e conforme um som dado tinha eu de bater no chão com o pé, em que estavam amarrados os chocalhos, para chocalhar em acompanhamento do canto. A perna ferida me doia tanto, que mal podia me conservar de pé, pois a ferida ainda não estava curada.

CAPITULO XVIV

COMO DEPOIS DA DANÇA ME ENTREGARAM AO IPPERU WASU, QUE ME DEVIA MATAR. CAPUT XXIIII.

Acabada a dança, fui entregue ao Ipperu Wasu. Alli estava muito bem guardado. Tinha ainda algum tempo para viver. Trouxeram todos os idolos que havia nas cabanas e collocaram ao redor de mim, dizendo que elles tinham prophetizado a captura de um portuguez. Disse eu então: Estas cousas não tem poder, nem podem fallar e è mentira que eu seja portuguez. Sou amigo e parente dos francezes e a terra de onde eu sou, chama-se Allemanha. Responderam me que isso devia ser mentira, porque si eu fosse amigo dos francezes, nada tinha que fazer entre os portuguezes; pois sabiam bem que os francezes eram tão inimigos dos portuguezes, como elles mesmos. Os francezes vinham todos os annos com embarcações e lhes traziam facas, machados, espelhos, pentes e tesouras; e elles davam em troca páu-prasil, algodão e outras mercadorias, como enfeites de pennas e pimenta. Por isso, eram elles seus amigos; os portuguezes, assim nunca fizeram. Tinham vindo os portuguezes ha muitos annos a esta terra, e tinham, no logar onde ainda moravam, contrahido amizade com os seus inimigos. Depois, tinham se dirigido elles tambem aos portuguezes para negociar, e de boa fé foram aos seus navios e entraram nelles, tal como faziam ainda hoje com os francezes; mas quando os portuguezes julgavam que havia bom numero nos navios, os atacaram, amarraram e entregaram aos seus inimigos, que os mataram e devoraram. Alguns tinham sido tambem mortos a

tiros e muitos soffreram outras crueldades mais. Diziam que os portuguezes tinham praticado assim, porque tinham vindo guerreal-os, com seus inimigos.

CAPITULO XXV (1)

COMO OS QUE ME CAPTURARAM ESTAVAM ZANGADOS E SE QUEIXAVAM DE QUE OS PORTUGUEZES MATARAM A TIRO SEU PAE, O QUE QUERIAM VINGAR EM MIM. CAPUT XXVI.

E diziam mais que os portuguezes tinham atirado no braço o pae dos dois irmãos que me capturaram, do que veiu elle a fallecer, e esta morte de seu pae queriam vingar em mim. Eu repliquei que não deviam vingar-se em mim, porque eu não era portuguez e tinha vindo, havia pouco, com os castelhanos; que eu tinha naufragado e por isso tinha ficado lá.

Entre os indios havia um moço que tinha sido escravo dos portuguezes. Os selvagens que moravam com os portuguezes tinham ido guerrear os Tuppin-Inba e tinham tomado uma aldeia inteira. Os velhos foram comidos e os moços todos foram trocados por mercadorias com os portuguezes. Este moço era um dos que tinham sido vendidos e ficou perto de Brickioka com seu Senhor, que se chamava Antonius Agudin, um gallego.

A este mesmo escravo tinham capturado, uns tres mezes antes da minha captura.

Como era da mesma raça que elles, não o mataram. Elle me conhecia. Perguntaram-lhe quem eu era. Elle então disse que era verdade que um navio tinha naufragado e os homens que havia no navio chamavam-se castelhanos e eram amigos dos portuguezes. Com elles estava eu, e mais nada sabia elle de mim.

Ouvindo agora e tambem antes que havia francezes entre elles e que costumavam vir embarcados, insisti no que tinha dito e continuei: «que eu era amigo e parente dos francezes,

(1) No original vem outra vez por engano capitulo XXVI

que deixassem de me matar, até que os francezes, viessem e me reconhecessem. Guardaram-me então muito bem, porque havia alli alguns francezes que os navios tinham deixado para carregar pimenta.

CAPITULO XXVI

COMO UM FRANCEZ, QUE OS NAVIOS DEIXARAM ENTRE OS SELVAGENS, CHEGOU PARA ME VER E LHES RECOMMENDOU QUE ME DEVORASSEM, PORQUE EU ERA PORTUGUEZ. CAPUT XXVI.

Havia um francez a quatro milhas de distancia do logar das cabanas, onde eu estava. Quando soube a noticia, veiu para uma das cabanas em frente daquella em que eu estava. Vieram então os selvagens me chamar. Está aqui um francez, queremos ver agora si tu és francez ou não. Isto me alegrou porque pensava: «Elle é christão, elle fallará para o bem».

Conduziram-me nú a sua presença. Era moço e os selvagens o chamavam *Karwattuware*. Fallou-me em francez, mas eu não podia entendel-o bem. Os selvagens estavam presentes e escutavam. Como lhe não podia responder, disse elle aos selvagens, na lingua delles: «Matem-n-o e devorem-n-o, o scelerado é portuguez legitimo, vosso e meu inimigo». Comprehendi perfeitamente e pedi, por amor de Deus, que lhes dissesse que me não devorassem. Mas elle me disse: «Querem te devorar». Lembrei-me então de Jeremias, cap. 17, onde diz: «Maldito seja o homem que nos outros homens confia». E com isso, sahi dalli com grande pezar no coração. Nos hombros tinha um pedaço de panno de linho, que me tinham dado (onde o teriam adquirido?), tirei-o (o sol me tinha queimado muito) e o arremessei aos pés do francez, dizendo a mim mesmo: «Si tenho de morrer, para que então cuidar para outros da minha carne?» Conduziram-me então outra vez á cabana, onde me guardaram. Deitei-me na rede e Deus sabe quanto me considerava desgraçado, e comecei a me lamentar, cantando o psalmo:

Roguem ao espirito santo (3)
Que nos dê a verdadeira fé,
Que nos guarde até ao fim,
Quando sahirmos desta triste vida
Kyrioleys

Disseram, então: «E' legitimo portuguez, agora lamenta-se e tem medo da morte».

O referido francez ficou dous dias nas cabanas e no terceiro foi-se embóra. Então determinaram que se fizessem os preparativos para me matarem no primeiro dia depois de terem arranjado tudo. Guardaram-me muito bem e escarneceram de mim, tanto os moços como os velhos.

CAPITULO XXVII

COMO EU SENTIA FORTES DORES DE DENTES. CAPUT XXVII.

Aconteceu que, emquanto eu estava reduzido a esta miseria, e como se costuma dizer uma desgraça não vem sosinha, um dente começou a doer-me tanto que quasi desanimei de todo. O meu senhor veiu e me perguntou porque comia tão pouco, respondi que me doia um dente. Voltou então com um instrumento de madeira e me quiz extrair o dente. Disse-lhe que não me doia mais, mas elle queria extrail-o por força. Porém, oppuz-me tanto que elle me deixou; mas disse que si eu não queria comer e engordar, matar-me-iam antes do tempo. Deus sabe quantas vezes eu pedi de coração, que, si fosse de sua vontade, me deixasse morrer sem que os selvagens o soubessem, para que elles não satisfizessem o seu desejo em mim.

(3) Sanctum precemur Spiritum
Vera beare nos fide
Ut nos in hac reservet,
In fine nempe vitæ
Hic quando commigramus
Doloribus soluti
Kyrie Eleison

CAPITULO XXVIII

COMO ME LEVARAM AO SEU REI CHEFE, KONYAN-BÉBE CHAMADO, E O QUE FIZERAM COMMIGO ALLI. CAPUT XXVIII.

Alguns dias depois, levaram-me para uma outra aldeia que elles chamam *Arirab*, para um rei, de nome Konyan-Bébe, que era o principal rei de todos. Alli haviam se reunido mais alguns em uma grande festa, a modo delles, e queriam me ver, pelo que me mandaram buscar naquelle dia.

Chegando perto das cabanas, ouvi um grande rumor de canto e de trombetas, e deante das cabanas havia umas quinze cabeças espetadas; eram de gente sua inimiga, chamada *Markaya*, e que tinha sido devorada. Quando me levaram para lá, disseram-me que as cabeças eram de seus inimigos e que estes se chamam Markayas. Fiquei então com medo e pensei: «assim farão commigo tambem!» Quando entravamos nas cabanas, um dos meus guardas avançou e gritou com voz forte para que todos o ouvissem «*Aqui trago o escravo, o portuguez,*» pensando que era cousa muito bôa ter o inimigo em seu poder. E fallou muitas outras cousas mais, como é de costume, conduzindo-me até onde estava o rei assentado, bebendo com os outros e estando já embriagados pela bebida que fazem, chamada Kawawy. Fitaram-me desconfiados e perguntaram: «Vieste como nosso inimigo? Eu disse: Vim, mas não sou vosso inimigo.» Deram-me então a beber. Já tinha ouvido fallar muito do rei Konyan-Bébe, que devia ser um grande homem, um grande tyrano para comer carne humana. Fui direito a um delles que pensava ser elle e lhe fallei tal como me vieram as palavras, na sua lingua e disse: «Es tu Konyan-Bébe, vives tu ainda?» Sim,» disse elle; «eu vivo ainda.» «Então, disse eu, ouvi muito fallar de ti e que és um valente homem.» Com isto, levantou-se e cheio de si começou a passear. Elle tinha uma grande pedra verde atravessada nos labios (como é costume delles); tambem fazem rosarios brancos de uma especie de conchas, que é seu enfeite. Um destes o rei tinha no pescoço,

e tinha mais de 6 braças de cumprido. Por este enfeite vi que elle era um dos mais nobres.

Tornou a assentar-se e começou a me perguntar o que planejavam seus inimigos, os Tuppin-Ikins e os portuguezes. E disse mais: porque queria eu atirar sobre elle, em Brickioka? Porque lhe contaram que eu era artilheiro e atiráva contra elles. Então respondi que os portuguezes me tinham mandado e me obrigaram. Disse elle então que eu tambem era portuguez, porque o francez, que me havia visto e a quem elle chamava «seu filho», lhe dissera que eu não sabia a sua lingua por ser portuguez legitimo. Eu disse então: «Sim, é verdade; estive muito tempo fóra daquella terra e tinha esquecido a lingua.» Elle replicou que já tinha ajudado a capturar e comer cinco portuguezes e que todos tinham mentido. Só me restava então consolar-me e recommendar-me á vontade de Deus, porque comprehendi que devia morrer. Tornou então a me perguntar o que os portuguezes diziam delle e si elles tinham muito medo delle. Eu respondi: «Sim, elles fallam muito de ti e das grandes guerras que tu lhes costumas fazer; mas agora fortificam melhor Brickioka.»

«Sim, continuou elle, queria de vez em quando capturalos, como me tinham capturado no matto.»

Ainda mais contei eu a elle: «Sim, teus verdadeiros inimigos são os Tuppin-Ikins que preparam 25 canôas para virem atacar o teu paiz», como realmente tambem aconteceu.

Emquanto elle me fazia perguntas, ficavam os outros em pé, escutando. Em summa; perguntou-me muito e fallou muito. Regosijava-se dos muitos portuguezes e dos selvagens seus inimigos que tinha morto. Emquanto isto se passava commigo, os que estavam bebendo na cabana acabaram com a bebida que alli havia; passaram então todos a uma outra cabana na qual continuaram a beber e por isso terminou a minha conferencia com o chefe.



Nas outras cabanas, continuaram suas zombarias commigo e o filho do rei atou-me as pernas em tres logares, obrigando-me a pular com os pés juntos. Riram-se disso e disseram: *Alli vem a nossa comida pulando.* Perguntei ao meu senhor que me levára até ahi, si era para me matar aqui. Respondeu-me que não, mas que era costume tratar assim os escravos. Tiraram-me então as cordas das pernas e me beliscaram, rodeando-me e fallando; um disse que o couro da cabeça era delle, outro que a barriga da perna lhe pertencia. Depois obrigaram-me a cantar e cantei versos religiosos. Queriam elles que eu os traduzisse. Disse então que tinha cantado do meu

Deus. Elles respondiam que meu Deus era excremento, isto na lingua delles—*Teuire*. Taes palavras me maguaram e pensava: «O' tu, Deus bondoso, como podes soffrer isto co paciencia?» Quando, no dia seguinte, todos na aldeia me tinha visto e descarregado todos os insultos sobre mim, Konyan-B be disse áquelles que me guardavam que tomassem mui sentido commigo.

Levaram-me então outra vez para fóra, para voltar Uwattibi, onde me deviam matar. Gritavam atrás de mim q logo viriam á cabana de meu senhor para deliberarem sob minha morte e me devorarem, mas meu senhor me consol dizendo-me que tão cedo eu não seria morto.

CAPITULO XXIX

COMO AS 25 CANOAS DOS TUPPIN IKINS VIERAM, COMO EU TINHA DITO AO REI, PARA ATACAR AS CABANAS ONDE EU ESTAYA. CAPUT 17. (*)



Emquanto isto, aconteceu que as 25 canôas dos selvagens, que eram amigos dos portuguezes, como eu tinha dito, e estavam promptos para ir á guerra antes de eu ser preso, vieram uma manhã para atacarem as cabanas.

(*) Este erro é do original.

Quando os Tuppin Ikins queriam atacar as cabanas e começavam a atirar sobre ellas, tiveram medo os das cabanas e as mulheres queriam fugir. Disse então a elles: «Vós me tendes por portuguez, vosso inimigo, dae-me um arco e flechas e deixae-me ir, quero ajudar-vos a defender as cabanas.» Deram-me um arco e flechas. Eu gritava e atirava ao modo delles o melhor que podia, e lhes dizia que tivessem animo, não havia perigo. Minha intenção era de passar pela cerca ao redor das cabanas e correr para os outros, porque elles me conheciam e sabiam que eu estava na aldeia. Mas quando os Tuppin Ikins viram que nada podiam fazer, voltaram outra vez para suas canôas e se foram embora. Quando estiveram longe, fui preso de novo.

CAPITULO XXX

COMO OS CHEFES SE REUNIRAM DE NOITE, AO LUAR. CAPUT 30.

Na tarde do dia em que os outros haviam partido, reuniram-se, ao luar, na praça que fica entre as cabanas e conferenciaram a respeito da época em que me deviam matar e me conduziram para o meio delles, maltratando-me e fazendo zombaria de mim. Eu estava triste, olhei para a lua e pensei: «Oh, meu Deus e Senhor, ajuda-me nesta afflicção, para que me veja livre.» Perguntaram-me porque eu olhava para a lua. Então lhes respondi: «Vejo que ella está zangada», porque a figura que está na lua parecia-me tão terrivel (Deus me perdôe) que eu pensava que Deus e todas as creaturas deviam estar zangadas commigo. Perguntou-me então o rei, que me queria matar, o chamado Jeppipo Wasu, um dos reis das cabanas:



«Com quem está zangada a lua?» Respondi-lhe: *Ella olha para tua cabana.* Por causa destas palavras, começou elle a fallar aspero commigo. Para contradizer isso, disse eu: «De certo não será com a tua cabana, ella está zangada com os escravos Cariós, (que tambem há uma raça que assim se chama). «Sim, disse elle, sobre elles que venha a desgraça.» Ficou nisso e não pensei mais sobre esta conversa.

CAPITULO XXXI

COMO OS TUPPIN IKINS INCENDIARAM UMA OUTRA ALDÊA, CHAMADA MAMBUKABE. CAPUT XXXI.

No dia seguinte chegou a noticia de uma aldêa chamada *Mambuhabe* que os Tuppin Ikins tinham atacado, quando sahiram do logar onde eu estava captivo; e os moradores tinham fugido, excepto um menino que elles captivaram, e depois foram incendiadas as cabanas. Então o Jeppipo Wasu (que tinha poder sobre mim e que muito me maltratava) foi para lá, porque eram seus amigos e parentes e queria ajudal-os a fazer novas cabanas. Por isso, levou comsigo todos os amigos de sua aldeia e teve a lembrança de levar a farinha de raizes (mandioca) para fazer a festa e me devorarem. E quando se foi embora, ordenou áquelle a quem me tinha entregue, chamado Ipperuwasu, que me guardasse bem. Ficaram então fóra mais de quinze dias e lá prepararam tudo.

CAPITULO XXXII

COMO CHEGOU UM NAVIO DE SÃO VINCENTE E PERGUNTOU POR MIM E ELLES DERAM UMA NOTICIA BREVE DE MIM. CAPUT XXXII

Nesse interim, chegou um navio dos portuguezes de Brickioka, deitou ancora não longe do logar em que eu estava captivo e disparou um tiro de peça para que os selvagens ouvissem e viessem fallar com elles.

Quando perceberam isto, disseram-me: «Alli estão os teus amigos, os portuguezes, e querem talvez saber si tú ainda vives ou te comprar.» Disse então eu: *De certo é meu irmão*, porque eu suppunha que si o navio dos portuguezes passasse por lá, perguntariam por mim. Para que os selvagens não penssassem que eu era portuguez, disse-lhes que tinha um irmão que tambem era francez e estava com os portuguezes. Mas não queriam acreditar que eu fosse sinão portuguez e foram tão perto do navio que puderam chegar á falla. Os

portuguezes então perguntaram como eu passava. E elles responderam: Que não se importavam commigo. E quando eu vi o navio se ir embóra, sabe Deus o que fiquei pensando. Elles disseram entre si: Temos o homem certo, já mandam navios atrás delle.

CAPITULO XXXIII

Como o irmão de Jeppipo Wasu chegou de Mambukabi e queixou-se a mim de que seu irmão, sua mãe e todos os outros estavam doentes e pediu-me que eu fizesse com que meu Deus lhes désse outra vez a saude. Caput 34. (*)

Esperava eu todos os dias os outros que, como antes disse, estavam fóra, preparando-se contra mim. Um dia depois ouvi alguem gritar na cabana do rei, que estava ausente. Tive medo pensando que voltavam, porque é costume dos selvagens não se ausentarem mais de quatro dias. Quando então voltam, seus amigos gritam de alegria. Não muito depois desta gritaria, veiu um delles ter commigo e disse: «O irmão do teu senhor chegou e diz que os outros ficaram muito doentes.» Fiquei alegre e pensei: «Aqui Deus quer fazer alguma cousa.» Pouco tempo depois veiu o irmão do meu senhor á cabana onde eu estava, assentou-se ao pé de mim, começou a se lamentar e disse que seu irmão, sua mãe e os filhos de seu irmão tinham todos ficado doentes, e seu irmão tinha mandado a mim para me dizer que eu devia fazer com que meu Deus lhes désse saúde, e accrescentou: «meu irmão está pensando que teu Deus está zangado.» Eu lhe disse que sim, que meu Deus está zangado, porque elles queriam me devorar e tinham ido á Mambukabe para fazer os preparativos. E lhe disse mais: «Vós dizeis que eu sou portuguez, e eu não o sou.» E accrescentei: «vae ter com teu irmão, para que elle volte a sua cabana e então fallarei a meu Deus, para que elle fique bom.» Então respondeu-me que estava muito doente, que não podia vir;

(*) Outro erro do original que continua

que elle sabia e tinha reparado que si eu quizesse, elle ficaria bom lá mesmo. Eu lhe respondi que ficaria tão bom que podia voltar para sua cabana, onde elle então havia de sarar completamente. Com isto retirou-elle com a resposta para a Mambukabe, que fica a quatro leguas de Uwattibi, onde eu estava.

CAPITULO XXXIV

Como o Jeppipo Wasu, doente, voltou. caput xxxv.

Depois de alguns dias voltavam todos doentes. Então mandou elle me conduzir para a sua cabana e me disse que tinham todos ficado doentes e que eu bem o sabia, porque elle se lembrava ainda que eu tinha dito: *A lua estava zangada contra a sua cabana.* Quando ouvi estas palavras, pensei commigo: «aconteceu pela providencia de Deus que eu em a noite referida tivesse fallado da lua.» Fiquei muito alegre e pensei: «hoje Deus está commigo.»

Então lhe disse mais que era verdade, por elle querer-me comer e eu não ser seu inimigo e por isso veiu-lhe a desgraça. Elle disse então: *que nada me fizessem, si elle tornasse a le-vantar.* Não sabia como melhor rogar a Deus, porque pensei, «si voltam outra vez á saúde, matam-me assim mesmo; si morrem, então dirão os outros: «vamos matal-o antes de acontecer mais desgraças por causa delle», como já começavam a dizer. Seja como Deus quizer. Elle (o rei) pediu-me muito para que ficassem bons. Andei em roda delles e lhes deitei a mão nas cabeças, como me pediram. Deus não o quiz, e começaram a morrer. Morreu-lhes uma creança, depois morreu a mãe delle (do rei), uma mulher velha, a qual queria fazer os potes nos quaes pretendiam fabricar a bebida quando tivessem de me devorar.

Alguns dias depois morreu um seu irmão (do rei), depois mais uma creança, e mais um irmão, que era aquelle que me tinha dado a noticia quando tinham ficado doentes.

Vendo então que seus filhos, sua mãe e irmãos tinham morrido, ficou muito triste e temia que elle e mais mulheres

tambem morressem e me pediu que rogasse a meu Deus para não ficar mais zangado e o deixar viver. Eu o consolei como pude e disse que elle nada soffreria, e que não devia pensar em me devorar quando ficasse são. Respondeu-me que não e ordenou aos outros da sua cabana que não fizessem mais zombaria de mim, nem ameaçassem de me devorar. Assim mesmo continuou ainda doente algum tempo, porém ficou ou-



tra vez bom e tambem uma de suas mulheres, que estava doente. Mas, morreram mais ou menos oito de sua amizade, os quaes me tinham feito muito mal. Havia ainda dois outros

reis em duas outras cabanas, um, Vratinge Wasu; outro Kenrimakui ficou bom. Vratinge Wasu tinha sonhado que eu tinha vindo e dito a elle que elle devia morrer. De manhã cedo veiu elle ter commigo e se queixou. Eu disse que não, e que não havia perigo; mas que elle tambem não pensasse em me matar, nem que isto aconselhasse. Disse elle então: «si aquelles que me tinham capturado não me matassem, elle não me faria mal, e ainda que me matassem elle não comeria da minha carne.

Do mesmo modo, o outro rei, Kenrimakui, tinha tambem sonhado commigo um sonho que muito o alarmou. Chamou-me á sua cabana, me deu de comer e depois queixou-se a mim dizendo que tinha uma vez estado em guerra, onde capturára um portuguez que elle matou com suas mãos e comeu delle tanto que seu peito ainda doia disso, e não queria comer mais ninguem. E tinha sonhado commigo sonhos tão horriveis que pensava tambem morrer. Eu disse-lhe que não havia perigo si não comesse mais carne de gente.

Tambem as mulheres velhas em algumas cabanas, as quaes muito me tinham maltratado com beliscões, pancadas e ameaças de me devorar, estas mesmas me chamaram então *Scheraeire*, isto é, «meu filho, não me deixes morrer. Si te tratámos assim, foi porque pensámos que tu eras portuguez e estes nós detestamos. Temos tambem tido alguns portuguezes, que comemos; mas o Deus delles não ficava tão zangado como o teu; por isso, vemos agora que tu não podes ser portuguez.»

Assim deixaram-me por algum tempo, porque não sabiam bem o que pensar de mim, si eu era portuguez, ou si era francez. Disseram-me que si tinha barba vermelha, como os francezes, tambem tinham visto portuguezes com egual barba, mas elles tinham geralmente barbas pretas.

Depois deste panico, quando um dos meus senhores ficou bom, não fallaram mais em me devorar, porém guardaram-me tão bem como d'antes e não queriam me deixar andar sosinho.

CAPITULO XXXV

Como voltou o francez que tinha recommendado aos selvagens que me devorassem e eu lhe pedi que me levasse, mas os meus senhores não queriam me deixar. Caput 36.

O tal francez Karwattuware, do qual já fallei, que se virou contra mim, como os selvagens que o acompanhavam e que eram amigos dos francezes, veiu para arranjar com os indios pimenta e uma especie de pennas.

Quando então estava de volta para o logar onde os navios chegam, chamado Mungu Wappe e Iterwenne, tinha elle de passar por onde eu estava. Na sahida do francez não duvidei que me iam devorar, como elle o tinha recommendado; e como esteve ausente algum tempo, não podia pensar que eu estivesse vivo.

Chegando outra vez ás cabanas, onde eu estava, fallou commigo na lingua dos selvagens; eu me agastei com elle porque me perguntou si eu ainda estava vivo e lhe disse: «Sim, graças a Deus, que me conservou por tanto tempo.» Talvez tivesse elle ouvido dos selvagens como isto aconteceu, e o chamei para um logar onde podiamos fallar a sós, para que os selvagens não ouvissem o que eu fallava. Ahi disse a elle que elle bem podia ver que Deus me tinha poupado a vida; tambem que eu não era portuguez, mas allemão, e por causa do naufragio dos hespanhoes tinha chegado a terra dos portuguezes; e pedi que contasse aos selvagens o que eu tinha dito a elle, dissesse que era amigo e parente delle, e que elle me levasse quando chegassem os navios. Porque eu tinha medo de que, si elle não o fizesse, elles haviam de pensar que havia charlatanismo da minha parte e si uma vez ficassem zangados, me matariam.

Fiz-lhe uma admoestação, na lingua dos selvagens, e perguntei si elle não tinha um coração christão no peito e si não se lembrava que depois desta vida ha ainda uma outra, para elle ter recommendado a elles que me matassem. Come-

çou então a se arrepender e disse que tinha pensado que eu era portuguez. que é gente tão má, que quando os indios apanhavam algum nas provincias do Prasil, elles o enforcavam logo; o que é verdade. Tambem me disse que elles (os francezes) tinham de se contentar com os costumes dos selvagens, e faziam causa commum com seus inimigos porque eram inimigos hereditarios dos portuguezes.

Como eu tinha pedido, contou elle aos selvagens que a primeira vez não me conhecia bem, mas que eu era da Allemanha e amigo delles, pelo que queria me levar comsigo quando chegassem os navios. Mas, meus senhores responderam que não, que não me deixavam para ninguem, sinão si viesse meu pae ou meu irmão, com um navio cheio de carga, como machados, espelhos, facas, pentes e tesouras, accrescentando que elles me acharam na terra dos inimigos e eu lhes pertencia.

Quando o francez ouviu isso, disse-me que comprehendia que não me deixariam. Pedi-lhe então, por amor de Deus, que me mandasse buscar para me levar á França no primeiro navio que chegasse. Isso me prometteu elle, e disse aos selvagens que me guardassem bem e que não me matassem, porque meus amigos haviam de vir me procurar; e se foi embóra.

Tendo partido o francez, perguntou-me um dos meus senhores, chamado Alkindar Miri (não o que estava doente), o que o Karwattuwara (que era o nome do francez na lingua dos selvagens) me tinha dado e si elle era meu patricio, respondi que sim; *porque então* dizia elle, *não te deu uma faca para tu me dares*, e ficou zangado. Depois quando ficaram outra vez com saúde, começaram de novo a murmurar a meu respeito e diziam que os francezes não valiam mais que os portuguezes. Comecei a ter medo de novo.

CAPITULO XXXVI

COMO DEVORARAM UM PRISIONEIRO E ME CONDUZIRAM A ESSE ESPECTACULO. CAPUT 37.

Aconteceu que alguns dias depois quizeram devorar um prisioneiro, numa aldêa chamada *Tickquarippe*, cerca de seis milhas de distancia do logar onde me achava captivo. Alguns dos das cabanas onde eu estava foram para lá e me levaram tambem. O escravo que elles iam comer era de uma nação chamada *Marckaya*. Fomos para lá em uma canôa.

Quando chega o momento de se embriagarem, como é seu costume, quando devoram alguma victima, fazem de uma raiz uma bebida que chamam *Kawi*, bebem-n'a toda e matam o prisioneiro. Em a noite seguinte, quando iam beber á morte do homem, cheguei-me para a victima é lhe perguntei: «Estás já prompto para morrer?» Riu-se e me respondeu: *sim*. A corda com que amarram os prisioneiros, *mussurana*, é de algodão e mais grossa do que um dedo. *Sim*, disse elle, *estou prompto para tudo*. Somente a mussurana não era bem cumprida (faltava-lhe cerca de séis braças). *Sim, nos temos melhores cordas*, disse elle, assim como quem vai á uma feira.

Eu tinha commigo um livro, em lingua portugueza, que os selvagens tiraram de um navio que apanharam com o auxilio dos francezes; fizeram-me presente desse livro.

Deixei o prisioneiro e li o livro, e tive muito dó delle. Voltei a ter com elle (porque os portuguezes têm estes markayas por amigos) e lhe disse: «Eu tambem sou prisioneiro como tu e não vim aqui para devorar a tua carne, foram os outros que me trouxeram.»

Então respondeu que sabia bem que nossa gente não come carne humana.

Disse-lhe mais que não se affligisse porque só lhe comiam a carne e sua alma ia para um outro logar, aonde vão tambem as almas da nossa gente, e alli ha muita alegria. Então perguntou-me si isso era verdade. Eu respondi que sim, e

disse-me elle que nunca vira a Deus. Eu disse que na outra vida havia de vel-o; e quando acabei de fallar com elle, deixei-o.

Na mesma noite em que tinha fallado com elle, levantou-se um forte vento, soprando tão horrorosamente que tirava pedaços das cobertas das casas. Os selvagens zangaram-se então commigo, e disseram na sua lingua: «Apomeirin geuppawy wittu wasu Immou.» O maldito, o santo fez agora vir o vento, porque olhou hoje no *couro da trovoada* (que era o livro que eu tinha). E eu alegrei-me com isso, porque o escravo era amigo dos portuguezes e eu pensava que o máu tempo impedisse a festa. Orei, então, a Deus Senhor e disse: «Si tu me preservaste até agora, continúa ainda porque estão zangados commigo.»

CAPITULO XXXVII

O QUE ACONTECEU NA VOLTA, DEPOIS DE O TEREM COMIDO. CAPUT 38.

Estando acabada a festa, voltamos outra vez para as nossas casas e meus senhores trouxeram comsigo um pouco de carne assada. Gastámos tres dias na volta, viagem que ordinariamente póde ser feita em um; mas ventava e chovia muito. No primeiro dia, de noite, quando faziamos ranchos no matto onde iamos pousar, disseram-me que eu fizesse acabar a chuva. Comnosco ia um menino, que tinha levado uma canella do prisioneiro, e nella havia ainda carne que elle comia. Eu disse ao menino que deitasse fóra o osso. Zangaram-se então commigo todos e disseram que isto era a sua verdadeira comida, e ficou nisso. Levámos tres dias em caminho.

Chegando a distancia de um quarto de milha das nossas casas, não pudemos mais avançar porque as ondas cresceram muito. Arrastámos as canôas para terra, pensando que no dia seguinte faria bom tempo e que poderiamos levar a canôa para a casa; mas a tempestade continuava. Pensámos então em ir por terra e voltar buscar a canôa quando fizesse bom tempo. Antes, porém, de sahir, elles e o menino comeram a carne do osso e depois o deitaram fóra. Fomos por terra e logo

o tempo ficou bom. Pois bem, disse eu: «não querieis me acreditar quando eu disse que meu Deus estava zangado, por causa do menino estar comendo a carne do osso.» «Sim, responderam-me, si elle a tivesse comido sem eu o ver, o tempo teria continuado bom.» E nisto ficou.

Quando outra vez cheguei ás cabanas, um dos que tinham parte em mim, chamado Alkindar, perguntou-me si eu agora tinha visto como tratavam os seus inimigos; respondi que me parecia horroroso que elles os devorassem; o facto de os matarem não era tão horrivel. Sim, disse elle, é o nosso costume, e assim fazemos com os portuguezes tambem.

O mesmo Alkindar me era muito adverso e estimaria bem que me tivesse morto aquelle a quem me tinha dado, porque, como já deveis ter lido, Ipperu Wasu lhe tinha dado um escravo para matar com o fim de elle ganhar mais um nome. Então Alkindar lhe promettêra, por sua vez, lhe fazer presente do primeiro inimigo que elle capturasse Mas, como não acontecia o mesmo commigo, elle de bom grado o teria feito; porém o seu irmão lhe impedia, porque tinha medo de que lhe acontecesse alguma desgraça.

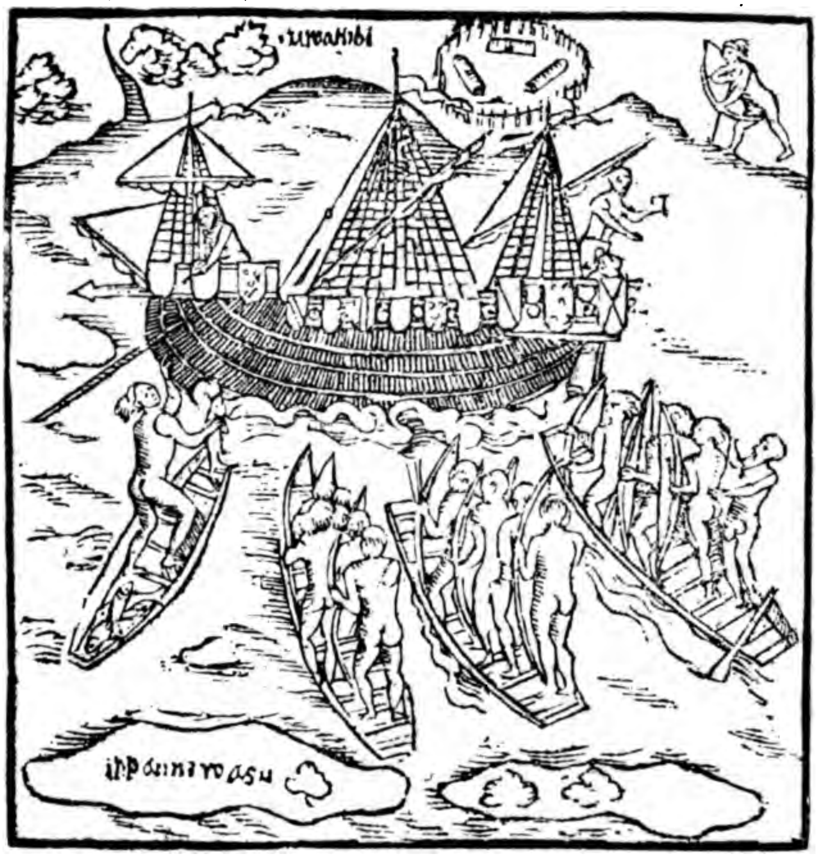
Por isso, este mesmo Alkindar, antes que os outros me tivessem levado ao logar onde tinham devorado aquelle outro, tinha ameaçado de me matar. Mas, voltando agora, e emquanto eu estava fóra, tinha elle ficado com dór de olhos, que o obrigou a ficar quieto e não enxergar por algum tempo; disse-me que eu fallasse a meu Deus para que os seu olhos sarassem. Eu disse que sim, mas que elle depois não fosse máu para commigo. Elle disse que não. Alguns dias depois, tinha elle saúde de novo.

CAPITULO XXXVIII

Como outra vez um navio foi mandado pelos portuguezes á minha procura. Caput 39.

Quando já estava no quinto mez da minha estada entre elles, chegou outra vez um navio da ilha de S. Vincente. Os

portuguezes tem o costume de ir á terra dos seus inimigos, porém bem armados, para negociar com elles. Dão-lhes facas e anzóes, por farinha de mandioca que os selvagens tem em muitos logares, e que os portuguezes, que tem muitos escravos para as plantações de canna, precisam para o sustento dos mesmos. Chegado o navio, vão os selvagens reunidos ou a dous nas canôas e entregam a mercadoria na maior distancia possivel. Depois, dizem o preço que querem por ella, o que os portuguezes lhes dão; mas emquanto os dous estão ao pé do navio esperam ao longe canoas cheias de homens, e quando acabam os negocios avançam muitas vezes e combatem com os portuguezes, arremessando flechas sobre elles; depois do que voltam.



O referido navio disparou um tiro de peça, para que os selvagens soubessem que um navio estava lá. Foram para elle. Ali perguntaram por mim e si eu ainda estava vivo. Responderam que sim. Então pediram os portuguezes para me ver porque tinham um caixão cheio de mercadorias que meu irmão, tambem francez, tinha mandado e que estava com elles no navio.

No navio, com os portuguezes, estava um francez, de nome Claudio Mirando, que antes tinha sido meu camarada; a este chamei meu irmão, porque pensava que talvez estivesse

a bordo e perguntasse por mim, visto já ter feito essa viagem.

Voltaram do navio para a terra e disseram-me que meu irmão tinha vindo mais uma vez com um caixão cheio de mercadorias, e queria muito me ver. Eu lhes disse: «Levae-me para lá, mas de longe porque quero fallar com meu irmão; os portuguezes não nos entendem; quero lhe pédir que conte ao nosso pai, quando chegar a casa, e peça que volte com muitas mercadorias para me buscar.» Acharam que era bom assim, mas tinham medo de que os portuguezes nos entendessem, porque estavam preparando uma grande guerra que queriam declarar para o mez de Agosto, na visinhança de Brickioka, onde eu fui capturado. Eu sabia bem de todos os seus planos e por isso tinham medo de que eu fallasse sósinho com elles (os portuguezes). Mas eu disse que não havia perigo porque os portuguezes não comprehendiam a lingua do meu irmão e a minha. Levaram-me então a cerca de um tiro de funda do navio e tão nú como eu sempre andava entre elles. Chamei então os do navio e disse: «Deus e Senhor esteja comvosco, queridos irmãos. Que um só falle commigo e não deixe perceber que eu não sou francez.» Então um chamado Joham Senchez, Boschkeyer (Biscayo), que eu bem conhecia, me disse: «Meu querido irmão, por vossa causa viémos aqui com o navio, não sabendo si estaveis vivo ou morto, porque o primeiro navio não trouxe noticias vossas. Agora o Capitão Brascupas (Braz Cubas) em Sanctus (Santos) ordenou que investigassemos si ainda estaveis vivo, e quando soubessemos que ainda vivieis deviamos ver si elles vos queriam vender; sinão deviamos ver si capturavamos alguns para trocar por vós.»

Respondi então: «Que Deus vos recompense eternamente, porque estava com muita afflicção e não sabia quaes eram os seus planos; já me teriam devorado, si Deus não tivesse impedido singularmente.» Continuei, dizendo que elles não me venderiam; peço que não deixeis perceber que não sou francez e por amor de Deus dai-me algumas mercadorias, facas e anzóes.» Isto fizeram e um indio foi ao navio em canôa buscal-os.

Vendo que os selvagens não queriam me deixar fallar com elles por mais tempo, disse eu aos portuguezes que se acautellassem bem, porque se preparavam para armar guerra de novo contra Brickioka. Responderam-me que seus alliados selvagens tambem se preparavam e queriam atacar a aldeia, exactamente onde eu estava, e que eu estivesse animado porque Deus havia de levar tudo pelo melhor, e como eu via, elles não podiam me auxiliar. «Sim, disse eu; porque é melhor que Deus me castigue nesta vida do que na outra e rogae a Deus que me ajude a sahir desta miseria.»

Com isso me recommendei a Deus, o Senhor. Queriam fallar ainda commigo, mas os selvagens não queriam mais deixar-me ter conversa com elles e tornaram a voltar commigo para as cabanas.

Tomei então as facas e os anzóes e distribui entre elles e disse: «Tudo isto meu irmão o francez me deu. Perguntaram-me o que meu irmão tinha conversado commigo. Respondi que tinha recommendado ao meu irmão que procurasse escapar dos portuguezes e voltar para nossa terra, e de lá trouxesse navios com muitas mercadorias para me trazer, porque vós sois bons e me tratais bem; isto quero recompensar quando voltar o navio.» Assim tinha sempre que pretextar, o que muito os agradou.

Depois disseram entre si: «Elle de certo é francez, vamos agora tratal-o melhor. Eu continuei com elles dizendo sempre: «Logo ha de vir um navio me buscar», para que me tratassem bem. Depois disso levaram-me as vezes ao matto, onde tinham que fazer e me obrigaram a ajudal-os.

CAPITULO XXXIX

Como elles tinham um prisioneiro que sempre me calumniava e que teria gostado de que elles me tivessem morto e como o mesmo foi morto e devorado na minha presença. Caput XL.

Havia entre elles um prisioneiro da raça que se chama

Cariós e que são inimigos dos selvagens, que são amigos dos portuguezes. O mesmo tinha pertencido aos portugnezes, de quem tinha fugido. Aos que vêm, assim a elles, elles não matam sinão quando comettem algum crime especial, conservam-n-os como sua propriedade e os obrigam a servir-lhes.

Este Cariós esteve tres annos entre estes Tuppin Inba e contou que me tinha visto entre os portuguezes e que eu tinha atirado por vezes sobre os Tuppin Inba, quando vinham em guerra.

Havia alguns annos que os portuguezes tinham morto a tiro um dos reis; este rei, disse o Carió, tinha eu atirado. E os instigava sempre, para que me matassem, porque eu era o inimigo verdadeiro; elle o tinha visto. Mas elle mentia em tudo isso porque já tinha estado tres annos entre elles e havia só um anno que eu tinha chegado a S. Vincente, de onde elle tinha fugido, e orei a Deus para que me guardasse contra estas mentiras. Aconteceu então, no anno 1554 mais ou menos, no sexto mez depois que estava prisioneiro, que o Cariós ficasse doente e o senhor delle me pediu que eu o auxiliase para que ficasse bom e pudesse caçar para termos o que comer, porque eu bem sabia que quando elle trouxesse alguma cousa tambem dava para mim. Mas como me parecia que elle não podia mais sarar, queria elle (o senhor) dal-o a um amigo para que o matasse e ganhase mais um nome.

Assim estava elle doente, já havia uns nove ou dez dias. Elles tem uns dentes que são de um animal que chamam *Backe* (pacca), amollam estes dentes, e onde o sangue estanca, alli cortam elle com o dente sobre a pelle, o sangue corre e este é tanto como quando aquí se corta a cabeça de alguem.

Tomei então um destes dentes e queria abrir-lhe uma veia mediana. Mas não podia cortar com elle porque o dente estava muito cego. Estavam todos em roda de mim. Como eu me retirei por ver que nada valia, perguntaram-me si elle ficava bom outra vez? Eu lhes disse que nada tinha conseguido e que o sangue não corria, como podiam ter visto. «Sim, replicaram; elle quer morrer, vamos matal-o, antes que elle morra.» Eu dis-



se: «não, não o façam; talvez possa sarar ainda.» Mas não valeu de nada; levaran-n-o para frente da cabana do rei Vratinga e dous o seguraram porque elle estava tão doente que não percebia o que faziam com elle. Chegou então aquelle a quem tinha sido dado para matal-o e lhe deu um golpe táo grande sobre a cabeça que os miollos saltaram. Deixaram-n-o assim deante da cabana e iam comel-o. Eu disse então que não fizessem isso, porque elle era um homem doente e que elles podiam tambem ficar doentes. Ficaram sem saber o que fazer. Sahiu então um delles da cabana onde eu morava, chamou as mulheres para qué fizessem um fogo ao pé do morto e lhe cor-

tou a cabeça, porque tinha um só olho e parecia tão feio da doença que teve, que elle deitou fóra a cabeça e esfollou o corpo sobre o fogo. Depois o esquartejou e dividiu com os outros, como é de seu costume e o devoraram, excepto a cabeça e os intestinos, que lhes repugnavam, porque elle tinha estado doente.

Fui de uma para outra cabana. Em uma assaram os pés, em outra, as mãos; e na terceira, pedaços do corpo. Disse-lhes então como o Cariós que elles estavam assando e queriam devorar me tinha sempre calumniado e dito que eu tinha morto alguns de seus amigos, quando estive entre os portuguezes. Isso era mentira, porque elle nunca me tinha visto. Sabeis que elle esteve entre vós alguns annos e nunca esteve doente; agora, porém, quando elle mentiu a meu respeito, meu Deus ficou zangado, o fez ficar doente e metteu na vossa cabeça que o matasseis e o devorasseis. Assim meu Deus fará com todos os máus que me. têm feito mal, ou fazem. Ficaram com medo destas palavras e isso agradeço a Deus todo poderoso, que em tudo se mostrou tão forte e misericordioso para commigo.

Peço, por isso, ao leitor que preste attenção ao meu escripto, não que tome este trabalho mesmo por ter vontade de escrever novidades; mas unicamente para mostrar o beneficio de Deus.

Approximou-se o tempo da guerra que durante 3 mezes elles tinham preparado. Esperava sempre que, quando sahissem, elles me deixasem em casa com as mulheres, porque queria ver si emquanto estivessem ausentes podia fugir.

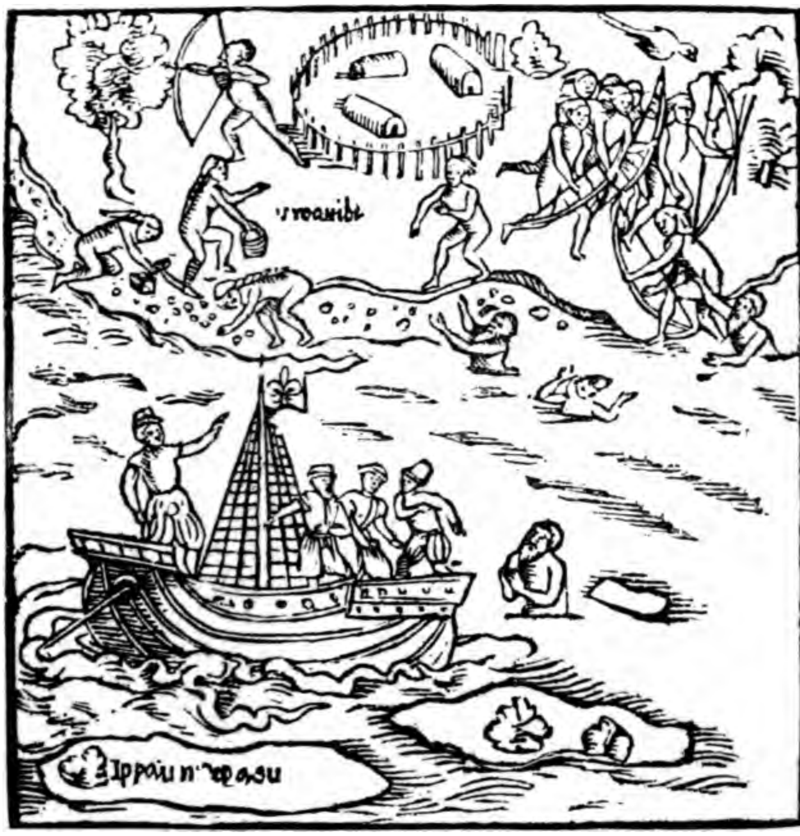
CAPITULO XL

COMO UM NAVIO PRANCEZ CHEGOU PARA NEGOCIAR COM OS SELVAGENS ALGODÃO E PÁU PRASIL, PARA O QUAL MAVIO EU QUERIA IR, MAS DEUS NÃO PERMITTIU. CAPUT XLI.

Cerca de oito dias antes da partida para a guerra, um navio francez tinha chegado a oito milhas dalli, a um porto

que os portuguezes chamam: Rio de Jenero e na lingua dos selvagens Iteronne (Nitheroy). Alli costumam os francezes carregar páu prasil. Chegaram tambem á aldeia onde eu estava com o seu bote e trocaram com os selvagens pimenta, macacos e papagaios. Um dos que estavam no bote saltou em terra. Elle sabia a lingua dos selvagens e se chamava Jacob. Elle negociou com elles e eu pedi que me levasse a bordo. Mas meu senhor disse que não, porque não queria me deixar ir assim, queria mercadorias por mim. Pedi-lhes então que elles mesmos me levassem a bordo, meus amigos lhes dariam então mercadorias bastantes. Replicaram que estes não eram meus verdadeiros amigos.

«Porque estes que tinham vindo com o bote não te déram uma camisa, apezar de tu andares nú? Elles não fazem caso de ti (como era verdade).» Mas eu disse: «Si eu chegasse ao grande navio, elles me vestiriam.» Disseram-me então que o navio não sahiria tão cedo, primeiro tinham de ir a guerra, e quando voltassem haviam de me levar ao navio. O bote queria então voltar, porque tinha estado ausente do navio uma noite. Quando então vi que o bote se ia embora outra vez, pensei: «O Deus bondoso, si o navio sahir agora e não me levar comsigo, tenho de perecer entre esta gente, porque não são de confiança.» Com este pensamento, sahi da cabana e me



dirigi para a agua; quando viram isso, correram atrás de mim. Eu corri na frente e elles queriam-me agarrar. Ao primeiro que se chegou a mim bati até me largar e toda a aldeia estava atrás de mim; assim mesmo escapei delles e nadei para o bote. Quando então queria entrar no bote, os francezes não me deixaram e disseram que si elles me levassem contra a vontade dos selvagens, elles se levantariam tambem contra elles e se tornariam seus inimigos. Voltei então triste, nadando para a terra, e pensei: «vejo que é a vontade de Deus que quer que eu continúe ainda na desgraça. Mas si eu não

tivesse procurado escapar, teria pensado depois que era a minha culpa.»

Quando eu então voltei a terra, ficaram alegres e disseram: «não, elle volta.» Fiquei então zangado e disse: «pensaveis que eu queria fugir? Eu fui ao bote e disse aos meus patricios que elles se preparassem para quando vos voltardes da guerra me levarem para lá, que então teria muitas mercadorias para vos dar. «Isto os agradou e ficaram outra vez contentes.

CAPITULO XLI

COMO OS SELVAGENS FORAM PARA A GUERRA E ME LEVARAM, E O QUE ACONTECEU NESTA VIAGEM. CAPUT XLII.

Quatro dias depois reuniram-se algumas canôas que queriam ir para a guerra, na aldeia onde eu estava. Chegou lá o chefe Konyan Bebe, com os seus. Disse-me então o meu senhor que me queria levar. Pedi que elle me deixasse em casa. E elle talvez o tivesse feito, mas Konyan Bebe disse que me levassem. Eu não deixei transparecer que ia contrariado. para que elles pensassem que eu ia de bom grado e que eu não queria fugir quando chegassem a terra do inimigo e tivessem menos cautella commigo. Era tambem minha intenção, si me tivessem deixado em casa, fugir para o navio francez.

Mas levaram-me e tinham uma força de xxxxiii canôas e cada canôa tripolada com mais ou menos xxiii e alguns delles tinham tirado bons augurios da guerra, consultando os seus idolos. em sonhos e outras superstições, como é seu costume, de modo que estavam bem dispostos. Sua intenção era dirigirem-se á visinhança de Brickioka, onde me capturaram, e se esconderem nas mattas dos arredores e aprisionar todos que lhes cahissem nas mãos.

Quando iniciámos a partida, para a guerra, era no anno 1554, cerca de xiiii de Agosto. Neste mez (como já foi referido aqui) uma especie de peixe, que se chama em portuguez

doynges (tainha), em hespanhol liesses, e na lingua dos selvagens bratti (parati) sahem do mar para as aguas doces, para desovar. Os selvagens chamam á isso Zutpirakaen (piracema). Neste tempo costumam ambos ir a guerra, tanto seus inimigos como elles proprios, para apanhar peixes e comerem na viagem. Na ída, vão muito de vagar; mas na volta, com a maior pressa que pódem.

Eu esperava sempre que os amigos dos portuguezes tambem estivessem em viagem, porque estes estavam tambem promptos para invadirem a terra dos outros, como antes me tinham dito os portuguezes, no navio.

Durante a viagem perguntaram-me sempre o que eu pensava, si haviam de aprisionar alguem. Para os não zangar, disse que sim; tambem disse que os inimigos nos haviam de encontrar. Uma noite, quando estavamos num logar da praia que tambem se chama Uwattibi, apanhámos muitos dos peixes bratti, que são do tamanho de um lucio; ventava muito de noite. Conversavam muito commigo e queriam saber de muita cousa. Disse eu então que este vento passa sobre muitos mortos. Havia mais uma porção de selvagens, tambem no mar, que tinham entrado num rio chamado *Paraibe*. «Sim, disseram, estes atacaram os inimigos em terra e muitos delles morreram (como mais tarde soube que tinha acontecido).»

Quando chegámos a um dia de viagem de distancia do logar onde queriam executar o seu plano, arrancharam-se na matta, numa ilha que os portuguezes chamam S. Sebastião, mas que os selvagens chamam *Meyenbipe*.»

Chegando a noite, o chefe Konyan Bebe, sendo chamado, passou pelo acampamento para a matta, fallou e disse que tinham chegado agora perto da terra dos inimigos que todos se lembrassem do sonho que tivessem durante a noite, e que procurassem ter sonhos felizes. Acabada esta falla, começaram a dançar em honra de seus idolos até alta noite e foram depois dormir. Quando o meu senhor se deitou, disse-me que eu procurasse ter um bom sonho. Eu respondi que não me importava com sonhos, que são sempre falsos. «Então, disse

elle, roga assim mesmo a teu Deus, para que aprisionemos inimigos.»

Ao raiar do dia reuniram-se os chefes ao redor de uma panella cheia de peixe frito, que comeram, contando os sonhos que mais lhes agradaram. Alguns dansaran em homenagem aos seus idolos e quizeram neste mesmo dia ir a terra dos seus inimigos, num logar chamado *Boywassukange* (Boisucanga), alli queriam esperar até que anoitecesse.



Quando sahimos do logar onde tinhamos pernoitado, chamado Meyenbipe, perguntaram-me outra vez o que eu pensava. Disse então ao acaso que em Boywassukange haviamos

de encontrar os inimigos, e que tivessem coragem. E era minha intenção fugir delles no mesmo logar Boywassukange, quando chegassemos, porque de lá até o logar onde me tinham capturado havia sómente 6 leguas.

Quando continuámos perto da terra, vimos por detrás de uma ilha umas canôas que se dirigiram a nós. Gritaram então: «Alli vém os nossos inimigos, os Tuppin Ikins.» Assim mesmo queriam esconder-se com as canôas por de trás de um rochedo, para que os outros passassem sem os ver. Com tudo, viram-nos e fugiram para a sua terra. Nós remámos com toda



a força atrás delles, certamente durante quatro horas e então os alcançamos. Eram cinco canôas cheias, todas de Brickioka. Eu os conheci a todos. Havia seis mammelucos em uma das cinco canôas e dous eram irmãos; um chamava-se Diego de Praga, o outro Domingos de Praga. Estes se defenderam valentemente, um, com um tubo (sarabatana), e o outro com um arco. Resistiram em sua canoa durante duas horas a trinta e algumas canôas nossas. Quando tinham acabado as suas flechas, os Tuppin Inba os atacaram e os capturaram e alguns foram logo mortos e atirados. Os dous irmãos não ficaram feridos, mas dous dos seis mammelucos ficaram muito feridos e tambem alguns dos Tuppin Ikin, entre os quaes havia uma mulher.

CAPITULO XLII

COMO TRATARAM OS PRESOS NA VOLTA. CAPUT XLIII.

Era no mar, a duas boas leguas distante da terra, onde foram capturados, e voltaram o mais de pressa possivel á terra para pernoitar outra vez no mesmo logar, onde já estiveramos. Quando chegámos a Meyen bibe era de tarde e o sol estava entrando. Levaram então os prisioneiros, cada um para sua cabana; mas a muitos feridos desembarcaram e logo mataram, cortaram-n-os em pedaços e assaram a carne. Entre os que assaram de noite havia dous mammelucos que eram christãos. Um era portuguez, filho de um capitão e se chamava George Ferrero, e a sua mãe era selvagem. O ou-



tro chamava-se Hieronymus; este era prisioneiro de um selvagem que morava na cabana onde eu estava e cujo nome era Parwaa. Elle assou Hieronymus de noite, a mais ou menos um passo distante de onde eu estava deitado. O mesmo Hieronymus (Deus lhe falle n'alma) era parente consanguineo de Diego Praga.

Nesta mesma noite, quando elles se tinham acampado, fui entrar na cabana na qual conservavam os dois irmãos, para fallar com elles, porque tinham sido meus bons amigos em Brickioka, onde fui preso. Então perguntaram-me se deviam ser devorados; eu respondi que isso deviam deixar á vontade do Pae Celeste e de seu amado filho Jesus Christo, o crucificado

por nossos pecados, em cujo nome eramos baptizados até a nossa morte. «No mesmo, disse eu, tenham fé, pois Elle me tem conservado tanto tempo entre os selvagens e o que Deus todo poderoso fizer comnosco, com isso devemos nos conformar.»

Perguntaram-me ainda os dois irmãos como ia seu primo Hieronymus; eu lhes disse que elle fôra assado ao fogo e que eu tinha visto já comerem um pedaço de filho de Ferrero. Choraram então; eu os consolei e disse que de certo sabiam que eu estava lá havia cerca de 8 mezes e que Deus tinha me conservado. «Isso fará elle comvosco tambem, confiem nelle, disse eu. Eu sinto isso mais do que vós, porque sou de uma terra extranha e não estou acostumado aos horrores desta gente; mas vós nascestes aqui e aqui fostes criados». «Sim, responderam, eu tinha o coração endurecido por causa da minha propria desgraça e por isso os não lastimava mais.»

Estando assim a fallar com elles, chamaram-me os selvagens para minha cabana e me perguntaram que conversa cumprida tinha eu tido com elles.

Senti muito ter de os deixar e lhes disse que se entregassem á vontade de Deus, e que podiam ver que miserias havia neste valle de lagrimas. Responderam-me que nunca tinham experimentado isso tão bem como agora e que se sentiam mais alegres por eu estar com elles. Sahi então da sua cabana e atravessei todo o acampamento, vendo os prisioneiros. Andei assim sósinho e ninguem me guardava, de modo que desta vez podia bem ter fugido, porque estavamos numa ilha, Meyenbipe chamada, cerca de 10 leguas de caminho de Brickioka; mas deixei de o fazer por causa dos christãos presos, dos quaes ainda havia quatro vivos. Assim pensava eu: «si eu fugir, fican zangados e os matam logo; talvez Deus nos preserve a todos.» E assentei de ficar com elles para consolal-os, como realmente fiz. E os selvagens estavam muito contentes commigo porque eu antes tinha dito, por acaso, que os inimigos viriam ao nosso encontro. Como eu tinha adivinhado isso, disseram que eu era melhor propheta que o maraka delles.

CAPITULO XLIII

Como dansavam com os seus inimigos, quando pernoitamos, no dia seguinte. Caput 44.

No dia seguinte chegámos não longe do seu paiz, ao pé de uma grande montanha denominada *Occarasu*. Alli acamparam para passar a noite. Fui então á cabana do rei chefe (Konianbebe chamado) e lhe perguntei o que pensava fazer com os mammelucos. Elle disse que seriam devorados e prohibiu-me fallar com elles, porque elle estava muito zangado com elles; deviam ter ficado em casa e não ter ido com seus inimigos em guerra contra elle. Eu pedi a elle para deixal-os viver e vendel-os aos seus amigos, outra vez. Elle repetiu-me que seriam devorados.

E o mesmo Konian Bebe tinha uma grande cesta cheia de carne humana diante de si e estava comendo uma perna, que fez chegar perto da minha bocca, perguntando si eu tambem queria comer. Eu respondi que nenhum animal irracional devora o outro, como podia então um homem devorar um outro homem? Cravou então os dentes na carne e disse: «Jau ware sche (jauar e xé)», que quer dizer: sou um tigre, está gostoso! Com isto, retirei-me de sua presença.



Esta mesma noite ordenou elle que cada um levasse seus prisioneiros para a frente do matto, ao pé da agua, num logar limpo. Isto se fez. Reuniram-se então fizeram um grande circulo e dentro ficaram os prisioneiros. Obrigaram todos os prisioneiros a cantarem e chocalharem os idolos Tammaraka. Quando os prisioneiros acabaram o canto começaram, um depois do outro, a fallar com coragem: «Sim, sahimos como costuma fazer gente brava, para apprender a comer os nossos inimigos. Agora vós vencestes e nôs aprisionastes, mas não fazemos caso disso! Os valentes morrem na terra dos inimigos; a nossa è ainda grande; os nossos nôs vingarão em vos». «Sim, respon-

deram os outros, vós já acabastes a muitos dos nossos, por isso queremos nós vingar de vós.»

Acabada esta disputa, levou cada um seu prisioneiro, outra vez, para o alojamento.

Tres dias depois partimos novamente para a terra delles; cada um levou seu prisioneiro para a sua casa. Os que eram de Uwattibi, onde eu estava, tinham capturado oito selvagens vivos e tres mammelucos que eram christãos, a saber: Diego e seu irmão, e mais um christão chamado Andorico; este tinha sido aprisionado pelo filho do meu senhor. E mais dous mammelucos que eram christãos levaram assados para a casa, para lá os devorar. Tinhamos levado onze dias na viagem, ida e volta.

CAPITULO XLIV

Como o navio francez ainda lá estava, para o qual me tinham promettido levar quando voltassem da guerra, etc., como fica referido. Caput XLV.

Quando chegámos outra vez á casa, pedi a elles que me levassem para o navio francez porque já tinha estado na guerra com elles e tinha ajudado a capturar seus inimigos, dos quaes ja deviam ter ouvido que eu não era nenhum portuguez.

Disseram-me que sim, que iam levar-me; mas que queriam primeiro descançar e comer mokaen (moquem), isto é, a carne assada dos dous christãos.

CAPITULO XLV

Como foi que elles comerama assdo o primeiro dos dous christaos, a saber: Jorge Ferreira, o filho do capitão portuguez. Caput 46.

Havia um rei de uma das cabanas, defronte daquella em que eu estava. Este era chamado *Tatamiri*, forneceu o assado e mandou fazer bebidas, como era o costume delles; reuniramse então muitos delles para beber, cantar e ficar alegres. No dia seguinte, depois de terem bebido muito, aquentaram outra vez a carne assada e a comeram. Mas a carne de Hieronymus

estava ainda dentro de uma cesta, pendurada ao fumeiro nâ cabana onde eu estava, havia mais de tres semanas; estava tão secca como um páu por ter estado tanto tempo ao fumeiro sem que a comessem. O selvagem que a possuia era chamado Parwaa. Este tinha ido algures buscar raizes para fazer a bebida que serviria na occasião de comer a carne de Hieronymus. Assim passou o tempo e não queriam levar-me para o navio antes de ter passado a festa de Hieronymus e terem acabado de comer a sua carne. Emquanto isso, foi-se embóra outra vez o navio francez, sem eu saber porque havia mais ou menos oito milhas de caminho de onde eu estava.

Quando soube desta noticia fiquei muito triste; mas os selvagens diziam que costumava geralmente voltar todos os annos, com o que me tinha de contentar.

CAPITULO XLVI

Como o Deus todo poderoso me fez um signal. Caput XLVII.

Eu tinha feito uma cruz de um páu ôco e a tinha levantado em frente da cabana, onde eu estava. Muitas vezes fiz ahi a minha oração ao Senhor e tinha ordenado aos selvagens que a não arrancassem porque havia de acontecer uma desgraça; porém desprezaram minhas palavras. Uma vez que eu estava com elles em uma pescaria, uma mulher arrancou a cruz e a deu a seu marido para esfregar (polir)no páo, que era redondo, uma especie de rosario que fazem de conchas maritimas. Isto me contrariou. Logo depois começou a chover



muito e durou a chuva alguns dias. Vieram á minha cabana e pediram-me que eu fallasse com meu Deus para fazer cessar a chuva, porque sinão parasse impediria a plantação, visto ser chegado o tempo de plantarem. Eu disse que era culpa delles porque tinham offendido meu Deus, arrancando o madeiro; e era ao pé deste madeiro que eu costumava fallar com o meu Deus. Como elles acreditaram que esta era a causa da chuva, ajúdou-me o filho do meũ senhor a levantar de novo a cruz. Era mais ou menos a uma hora da tarde, calculada pelo sol. Logo que a cruz se levantou ficou immediatamente bom o tempo, que tinha estado muito tempestuoso antes. Admira-

ram-se todos e pensavam que meu Deus fazia tudo que eu queria.

CAPITULO XLVII

COMO UMA NOITE FUI PESCAR COM DOUS SELVAGENS E DEUS FEZ UM MILAGRE POR CAUSA DE UMA CHUVA E TEMPESTADE. CAPUT XLVIII.

Eu estava com um dos mais nobres dentre elles, chamado Parwaa, e que tinha assado Hieronymus. Elle, mais um e eu estavamos pescando; ao escurecer levantou-se uma chuva com trovoada, mas não longe de nós, e o vento trazia a chuva para o nosso lado. Pediram-me então os dous selvagens que eu fallasse com o meu Deus para que impedisse a chuva, porque assim talvez apanhassemos mais peixe. Eu sabia que nas cabanas nada mais tinhamos para comer. As suas palavras me commoveram e pedi a Deus, do fundo do meu coração, que quizesse mostrar o seu poder, por terem os selvagens pe-



dido e para que vissem que tu, meu Deus, estás sempre commigo. Como tinha acabado a minha oração, veiu o vento soprando com violencia e trazendo a chuva; esta cahiu até mais ou menos seis passos de nós e nós nem démos por isso. Então disse o selvagem Parwaa: «vejo agora que fallaste com teu Deus.» E apanhámos alguns peixes.

Quando voltámos para as cabanas, contaram os dous aos outros selvagens que eu tinha fallado com o meu Deus e que cousas tinham acontecido. Os outros ficaram disso muito admirados

CAPITULO XLVIII

COMO FOI QUE COMERAM ASSADO O OUTRO CHRISTÃO CHAMADO HIERONYMUS. CAPUT XLIX.

Quando o selvagem Parwaa estava com tudo prompto, como já disse, mandou fazer bebidas para beberem quando comessem Hieronymus. Tendo depois acabado isto fôram buscar os dous irmãos e mais um que o filho do meu senhor tinha capturado, chamado Anthonius. Quando nós, os quatro christãos, estivemos juntos, fomos obrigados a beber com elles, mas antes de beber fizemos a nossa oraçao a Deus para que salvasse as nossas almas e a nós tambem quando chegasse a nossa hora. Os indios conversaram comnosco e se mostraram alegres, mas nos viamos só desgraças! No dia seguinte de manhã aquentaram de novo a carne, comeram e acabaram logo com ella. Nesse mesmo dia me levaram para fazer presente de mim. Quando me separei dos dois irmãos, pediram-me elles que orasse a Deus por elles; e eu lhes ensinei o modo de fugirem do logar para onde elles deviam dirigir-se na serra e não serem perseguidos, porque eu já tinha explorado a serra. Isto fizeram, ficaram livres e se escaparam, como soube depois; mas si foram apanhados outra vez não sei ainda.

CAPITULO XLIX

COMA FOI QUE ME LEVARAM PARA FAZER PRESENTE DE MIM. CAPUT 50,

Levaram-me para o logar em que queriam fazer presente de mim, até um ponto chamado *Tackwara sutibi* (Itaquaquecetuba), e quando estavamos já a certa distancia voltei-me para as cabanas de onde tinhamos sahido e vi que havia uma nuvem preta sobre ellas. Apontei para ella e disse que meu Deus estava zangado com a aldeia porque tinham comido carne de gente. E depois de me levarem, entregaram-me a um rei de nome

Abbati Bossange (Abatybo sanhé). A este disseram que elle não me fizesse mal, nem deixasse fazerem, porque meu Deus era terrivel quando me faziam mal. E isto tinham elles visto quando eu ainda estava com elles; eu tambem o exhortei e disse que logo meu irmão e meus parentes deviam vir com um navio cheio de mercadorias e, si me tratassem bem, havia de lhe dar muitos presentes, porque eu sabia que Deus havia de fazer chegar logo o navio do meu irmão. Isto muito o agradou. O rei chamou-me seu filho e fui á caça com os delle.

CAPITULO L

COMO OS SELVAGENS DAQUELLE LOGAR CONTARAM QUE O NAVIO FRANCEZ TINHA SE FEITO Á VELA DE NOVO. CAPUT 51.

Contaram-me como o navio anterior, *Maria Bellete* (Bel'Eté) chamado, de Depen (Dieppe), e pelo qual eu tanto queria partir, alli recebeu carga completa, a saber: páo prasil, pimenta, algodão, pennas, macacos, papagaios e muitas outras coisas que não tinham encontrado em outra parte. No porto do Rio de Jenero tinham aprisionado um navio portuguez e dado um portuguez a um rei selvagem, chamado *Itawu*, que o tinha devorado. Tambem o francez que, quando eu fiquei prisioneiro, tinha recommendado que me devorassem, estava no navio e queria voltar para sua terra. O navio dos francezes, como já contei, e quando eu tinha fugido para o bote delles não me quizeram receber, tinha naufragado na volta e quando eu voltei para a França em outro navio, ninguem sabia ainda onde tinha ficado, como direi mais tarde.

CAPITULO LI

COMO LOGO DEPOIS DE TEREM FEITO PRESENTE DE MIM UM OUTRO NAVIO CHEGOU DA FRANÇA, CHAMADO KATHARINA DE VATTAUILLA, O QUAL POR PROVIDENCIA DE DEUS COMPROU-ME E COMO ISSO ACONTECEU. CAPUT 52.

Tendo estado mais ou menos quatorze dias no logar Tackwara sutibi, em casa do rei Abbati Bossange, aconteceu

um dia que alguns selvagens se dirigiram a mim e disseram que tinham ouvido tiros, o que devia ter sido em Iteronne, cujo porto tambem elles chamam Rio de Jennero. Como eu entendi que um navio lá estava, pedi a elles que me levassem para lá, porque era de certo o do meu irmão. Disseram-me que sim, porém me detiveram ainda por alguns dias.

Emquanto isso, aconteceu que os francezes, que tinham vindo, ouviram fallar que eu estava entre os selvagens. O capitão mandou duas pessoas do navio em companhia de seis dos selvagens, que eram seus amigos no logar, as quaes chegaram a uma cabana, cujo rei se chamava *Sowarasú*, perto das cabanas onde eu estava. Os selvagens me vieram dizer que duas pessoas tinham desembarcado do navio. Fiquei alegre e fui ter com ellas e lhes dei as boas vindas, na lingua dos selvagens. Vendo-me tão desgraçado, tiveram pena de mim e repartiram suas roupas commigo. Perguntei-lhes porque tinham vindo. Responderam que por minha causa; tinham recebido ordem de me levar para o navio e estavam dispostos a usar de todos os meios para isso. Então meu coração se alegrou reconhecendo a clemencia de Deus. E eu disse a um dos dous, que se chamava Perot e sabia a lingua dos selvagens, que elle devia declarar que era meu irmão e tinha trazido para mim uns caixões, cheios de mercadorias, e que elles me levassem a bordo para buscar os caixões; e que accrescentasse que eu queria ficar ainda com elles para colher pimenta e outras cousas mais, até que o navio voltasse no anno seguinte. Depois desta conversa, levaram-me para o navio, e meu senhor tambem foi commigo. No navio todos tiveram pena de mim e me trataram muito bem. Depois de estarmos uns cinco dias a bordo, perguntou-me o rei dos selvagens, Abbati Bossange, ao qual eu tinha sido dado, onde estavam os caixões, para me darem e podermos logo voltar para a terra. Contei isso mesmo ao commandante do navio. Este me ordenou que eu os fosse entretendo até que o navio estivesse com toda a carga, para que se não zangassem ou fizessem algum mal quando vissem que elles me conservaram no navio, ou não tramassem qualquer traição;

tanto mais que tal gente não é de confiança. Porém meu senhor insistiu em levar-me comsigo para a terra. Eu, porém, o entretive com a minha prosa e disse que não tivesse tanta pressa; que elle bem sabia que quando bons amigos se reunem não podem separar-se tão cedo; mas que quando o navio tivesse de partir, haviamos de voltar para a sua casa; e assim o detive. Finalmente, quando o navio esteve prompto, reuniram-se os francezes todos do navio; eu estava com elles e o meu senhor, o rei, com os que tinha levado, tambem lá estava. O capitão do navio mandou então seu interprete dizer aos selvagens que elle estava contente de me não terem morto depois de terem-me tirado do poder de seus inimigos. Mandou dizer mais (para com mais facilidade me livrar delles) que tinha mandado chamar-me para o navio, porque queria lhes dar alguns presentes por terem-me tratado tão bem. Egualmente era sua intenção persuadir-me que eu devia ficar entre elles por estar familiar com elles, e para colher pimenta e outras mercadorias, para quando o navio voltasse. Tinhamos então combinado que uns dez homens da tripolação, que de algum modo se pareciam commigo, se reunissem e declarassem que eram meus irmãos e que queriam-me levar comsigo. Communicou-se isso a elles e que os mesmos meus irmãos não queriam que eu fosse com os seivagens para a terra,; mas que voltasse para a nossa terra, porque o nosso pai queria ver me mais uma vez antes de morrer.

O capitão mandou dizer que elle era o superior no navio e queria muito que eu fosse com os selvagens outra vez para a terra; mas que elle estava só e meus irmãos eram muitos, pelo que nada podia fazer contra elles. Estes pretextos todos foram dados para que não houvesse desaccordo com os selvagens. E eu disse tambem ao meu senhor, o rei, que eu queria muito voltar com elle, porém elle podia bem ver que os meus irmãos não me deixavam. Começou então o rei a clamar a bordo que eu voltasse no primeiro navio, que elle me considerava seu filho e que estava muito zangado com a gente de Uwattibi, que me queria devorar.

E uma das mulheres do rei, que tinha vindo a bordo, foi

por elle obrigada a gritar *sobre mim*, como é o costume delles, e eu gritei tambem, segundo o mesmo costume. Após isso o capitão deu a todos algumas mercadorias, que podiam valer uns cinco ducados, em facas, machados, espelhos e pentes. Com isso partiram para as suas casas, em terra.

Assim me livrou o todo poderoso Senhor, o Deus de Abrão, Isaac e Jacob, do poder dos tyrannos. A Elle sejam dados louvor, honra e gloria, por intermedio de Jesus Christo, seu amado filho, nosso Salvador. Amen.

CAPITULO LII

COMO SE CHAMAVAM OS COMMANDANTES DO NAVIO. DE ONDE ERA O NAVIO O QUE AINDA ACONTECEU ANTES DE PARTIRMOS DO PORTO, E QUE TEMPO LEVÁMOS EM VIAGEM PARA A FRANÇA. CAPUT LIII.

O capitão do navio se chamava Wilhelm de Moner e o piloto Françoy de Schantz. O navio tinha o nome de Catharina de Wattauilla, etc. Apromptaram o navio para voltar a França, e um dia de manhã emquanto ainda estavamos no porto (Rio de Jennero chamado), aconteceu chegar um pequeno navio portuguez, que queria sahir do porto depois de ter negociado com uma raça de selvagens, que tinham como amiga e que se chamava Los Markayas, cujo paiz limita directamente com o dos Tuppin Ikins, que são amigos dos francezes. As duas nações são grandes inimigas.

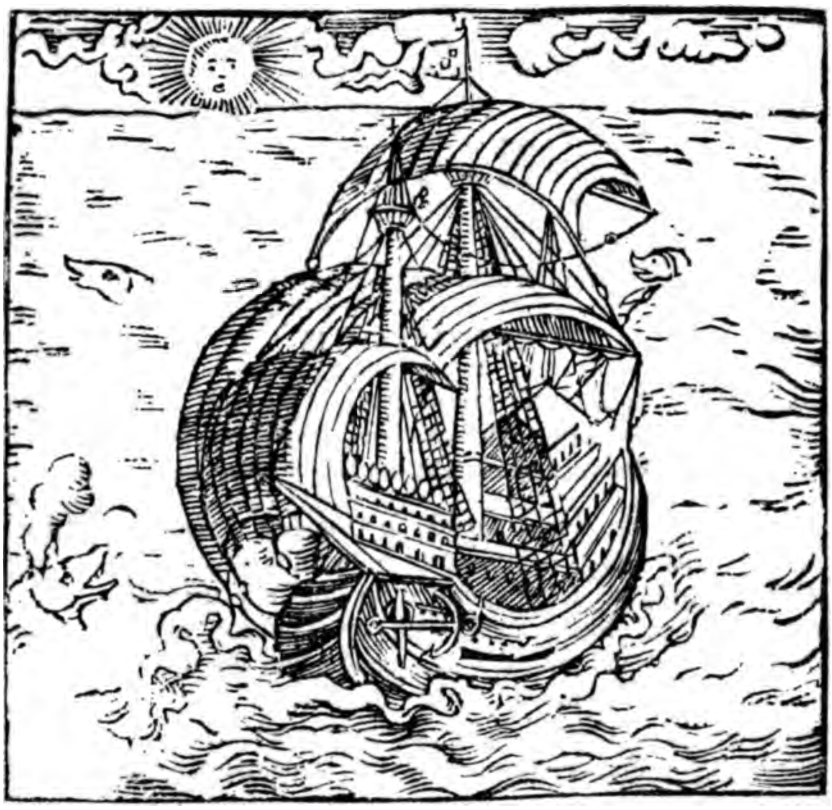
Era pequeno o navio (como já contei), tinha vindo para me comprar dos selvagens e pertencia a um *factor* chamado



Peter Rœsel. Os francezes apromptaram seu bote com algumas armas de fogo e partiram para aprisional-o. Tinham-me levado comsigo, para eu fallar com elles que se rendessem. Mas quando atacámos o naviosinho, fomos repellidos e alguns francezes foram atirados e outros feridos. Eu tambem fui mortalmente ferido por um tiro e muito mais que qualquer dos outros feridos, que ainda viviam. Invoquei então nesta angustia o Senhor, porque só sentia a agonia da morte; e

pedi ao bondoso Pae que por ter elle me livrado do poder dos tyrannos me conservasse a vida para que ainda pudesse chegar á terra christã e contar aos outros os beneficios que elle me tinha dispensado. E fiquei outra vez completamente bom, louvado seja Deus por toda a eternidade.

No anno Domini de 1554, no ultimo dia de Outubro, partimos á vela do porto Rio de Jennero e fomos de volta para



á França. Tivemos no mar sempre bom vento, de que os marinheiros estavam admirados e acreditavam que fosse uma graça de Deus tal tempo (como tambem o foi).

Na vespera do Natal appareceram muitos peixes ao redor

do navio, dos que se chamam *Meerschweine*. Apanhámos tantos que os tivemos por alguns dias. O mesmo aconteceu de tarde no dia dos Reis. Deus nos mandou grande fartura de peixes, porque não tivemos que comer senão o que Deus nos forneceu do mar. Mais ou menos no dia xx de Fevereiro do anno LV, chegámos em França, a uma cidade chamada Honflor (Honfleur), na Normandia. Durante toda a viagem de volta, não vimos terra alguma, em cerca de quatro mezes. Quando descarregaram o navio, ajudei-os. Acabado isso, agradeci a todos os beneficios recebidos e pedi depois um passaporte do capitão. Elle, porém, teria antes querido que eu fizesse mais uma viagem com elle, mas quando viu que eu não queria ficar, arranjou-me elle um passaporte do Moensoral Miranth (Monsieur l'amiral), Governador de Normandia. E meu capitão deu-me dinheiro para a viagem, Despedi-me e parti de Honflor para Habelnoeff e de Habalnoeffe para Depen.

CAPITULO LIII

Como em Depen eu fui levado para a casa de que era dono o capitão do navio Bellete, que antes de nós tinha deixado Prasil e ainda não tinha voltado. Caput 54.

Era de onde tinha partido o primeiro navio Maria Bellette no qual estava o interprete (que tinha recommendado aos selvagens que me devorassem) e no qual elle pretendia voltar para a França. Neste navio estavam tambem aquelles que não quizeram levar-me no bote, quando fugi dos selvagens, tambem o mesmo capitão do navio que, como me contaram os selvagens, lhes tinhao dado um portuguez para devorar porque tinham aprisionado um navio portuguez, como antes narrei.

Esta gente do navio Bellette ainda não tinha chegado com o seu navio, quando eu cheguei ali, apezar de que segundo o calculo do navio de Wattauilla que chegou depois delles e me comprou, devia ter chegado lá trez mezes antes de nós. As suas mulheres e os seus amigos vieram me procurar e me

perguntaram si eu nada sabia delles; eu respondi; «Sei bem delles, ha uma parte de gente má no navio, estejám lá onde estiverem», e contei como um delles, que esteve na terra dos selvagens e que estava a bordo, tinha aconselhado aos selvagens que me devorassem, mas que Deus todo poderoso tinha-me preservado e contei como tinham vindo com o bote até as cabanas, onde eu estava, para fazerem permutas com os selvagens de pimenta e macacos, e que eu tinha fugido dos selvagens e tinha nadado até seu bote; mas que não quizeram receber-me e como fui obrigado a voltar de novo a terra para o poder dos selvagens, que tinham me causado muito mal. Tambem tinham dado um portuguez aos selvagens para devorar, disse-lhes, e como elles não tinham tido compaixão de mim. Por tudo isso, vi agora bem que Deus tinha sido tão bom para commigo que, louvado seja Elle, tinha chegado antes delles, para vos dar noticias. Hão de chegar quando for possivel mas quero prophetisar que Deus não deixará sem castigo por mais ou menos tempo tamanha inclemencia e tyrannia, como tinham mostrado para commigo. Deus lhes perdoe, porque era visivel que Deus no céo tinha ouvido os meus lamentos e se tinha compadecido de mim. E contei-lhes mais como para aquelles que tinham-me resgatado dos selvagens, tudo tinha ido bem em toda a viagem, como era verdade. Deus nos concedeu bom tempo e bom vento, e deu-nos peixes do fundo do mar.

Ficaram tristes e me perguntaram o que eu pensava e si elles ainda existiam; para os não desesperar disse eu então que ainda podiam voltar, apezar de que todos e eu tambem não podiamos calcular sinão que tivessem perecido.

Depois de todas estas conversas, despedi-me e disse que si voltassem, contassem a elles que Deus me tinha ajudado e que eu tinha estado aqui.

De Depen parti em um navio para Lunden (Londres), em Engellandt (Inglaterra), onde fiquei alguns dias. Dalli parti para Seelandt e de Seelandt para Antdorff. Assim Deus todo poderoso, para o qual tudo é possivel, ajudou-me a voltar para a patria. Louvado seja Elle eternamente. Amen.

MINHA ORAÇÃO A DEUS, O SENHOR, EMQUANTO EU ESTAVA NO PODER DOS SELVAGENS, PARA SER DEVORADO.

Oh tu, Deus Todo Poderoso, tu que fundaste céo e terra, tu, Deus dos nossos antepassados Abrão, Isaac e Jacob, tu, que tão poderosamente conduziste o teu povo de Israel da mão de seus inimigos através do Mar Vermelho. A ti, que eterno poder tens, peço que me livres das mãos destes tyrannos, que não te conhecem, em nome de Jesus Christo, teu amado filho, que livrou os peccadores da prisão eterna. Porém, Senhor, si é tua vontade que eu soffra, hei de soffrer uma morte tão tyrannica, destes povos que não te conhecem e que dizem, quando lhes falho de ti, que tu não tens poder de me tirar de suas mãos; então fortaleçe-me no ultimo momento, quando realisarem sua vontade sobre mim, para que eu não duvide da tua clemencia. Si tenho de soffrer tanto nesta desgraça, dá-me depois repouso e preserva-me do mal que horrorisou a todos os nossos antepassados. Mas, Senhor, tu podes bem livrar-me do seu poder; livra-me, eu sei que tu podes me auxiliar e quando tu me tiveres livrado não o quero attribuir á felicidade, sinão unicamente á mão poderosa que me auxiliou porque agora nenhum poder de homem pode me valer. E quando me tiveres livrado de seu poder, quero louvar a tua Graça e dal-a a conhecer a todos as nações onde eu chegar. Amen.

Não posso crer que alguem possa orar de coração
Sem que esteja em grande perigo ou perseguição,
Porque emquanto o corpo vive conforme quer,
Está sempre contra o seu Creador.
Por isso, Deus, quando manda alguma desgraça,
E' prova que elle o quer ainda bem,
E ninguem deve ter disso duvida,
Porque isso é uma dadiva de Deus.
Nenhuma consolação, nem arma, existe melhor
Que a simples fé em Deus.
Por isso, cada homem de devoção

Nada melhor pode ensinar a seus filhos
Do que a comprehensão da palavra Deus,
Na qual sempre podem ter confiança.
Para que tu, leitor,não julgues
Que eu tive todo este trabalho para ter fama e honra,
Digo que é para o louvor e honra de Deus,
Que conhece todos os pensamentos do homem.
A Elle, caro leitor, te recommendo,
E peço que elle continue a me ajudar:

Amen.

FIM DO PRIMEIRO LIVRINHO



VERDADEIRA E CURTA NARRAÇÃO DO COMMERCIO
E COSTUMES DOS TUPIN INBAS, CUJO PRISIO-
NEIRO EU FUI. MORAM NA AMERICA. SEU
PAIZ ESTA' SITUADO NO 24.º GRADUS,
NO LADO DO SUL DA LINHA
EQUINOXIAL SUA TERRA
CONFINA COM UM
DISTRICTO, RIO
DE JENNERO
CHAMADO



CAPITULO I

COMO SE FAZ A NAVEGAÇÃO DE PORTUGAL PARA RIO DE JENERO, SITUADO NA AMERICA, MAIS OU MEMOS NO 24° GRADUS DO TROPICI CAPRICORNI. CAPUT I.

Lissebona é uma cidade de Portugal, situada no 39 gráus, ao norte da linha equinoxial. Quando se parte de Lissebona para a provincia de Rio de Jenero, situada no paiz da Prasil, que tambem se chama America, vae-se primeiro a umas ilhas chamadas *Canariæ*, que pertencem ao Rei da Hespanha. Seis dellas mencionarei aqui: A primeira, Gran Canaria; a segunda, Lanserruta; a terceira, Forte Ventura; a quarta, Il Ferro; a quinta, La Palma; a sexta Tineriffe. Dahi se vai ás ilhas que se chamam *Los insules de Cape virde.* O que quer dizer: as ilhas da cabeça verde, cujo cabeça verde se acha na terra dos mouros pretos, que se chama tambem Gene. As supra mencionadas ilhas estão debaixo do Tropici de Cancri e pertencem ao rei de Portugal. Das ilhas navega-se Sud-Sud-Oeste para o paiz do Prasil em um grande e vasto mar, muitas vezes tres mezes e mais antes de chegar ao paiz. Primeiro navega-se passando o Tropicum Cancri que fica para traz. Depois passa-se a lineam equinoxialem. Quando se navega, voltando para o Norte, não se enxerga mais a estrella polar (que se chama tambem Polum Arcticum). Depois chega-se a altura do Tropici Capricorni, navega-se por baixo do sol e quando se tem chegado a altura do Tropici Capricorni, na hora do meio dia, vê-se o sol para o lado do Norte, e faz sempre muito calor entre os dois tropicis. O referido paiz Prasil está em parte dentro dos dois tropicis.

seccos que estão em frente das cabanas de seus inimigos. Fazem isso para prender alguem que sae das cabanas a buscar lenha.

São tambem mais crueis com seus inimigos do que os inimigos com elles. Por exemplo; cortam-lhes os braços e pernas, emquanto ainda vivos pela grande gula que os distingue. Os outros, porém, matam primeiro antes de os despedaçar para os devorar.

CAPITULO IV

Como os selvagens Tuppin Inba, dos quaes fui prisioneiro, tem suas moradas. Ca. 4.

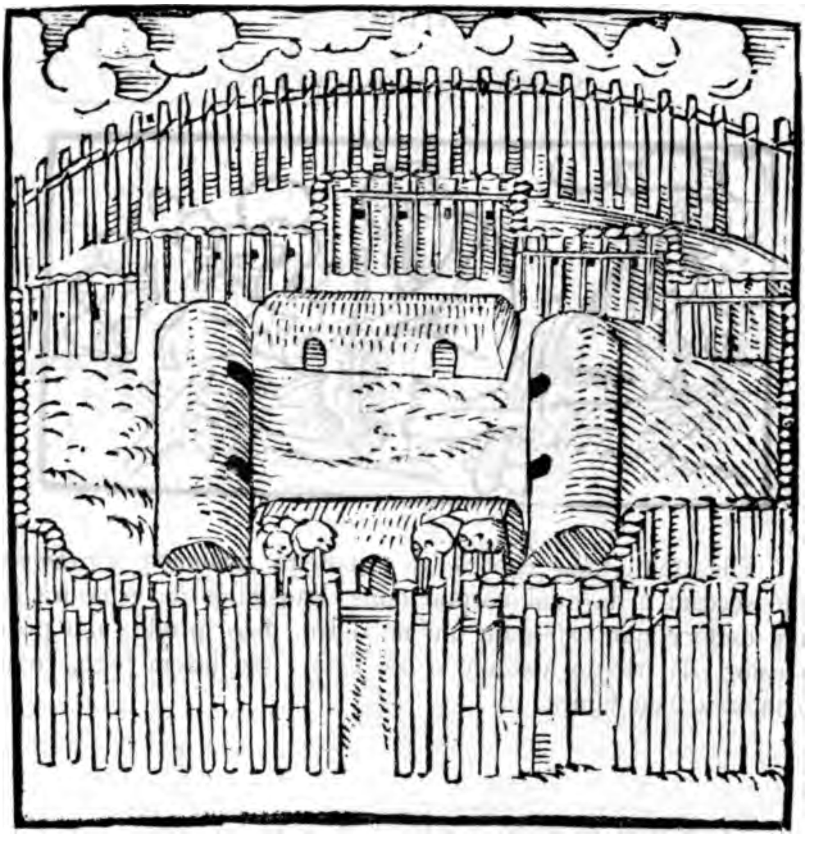
Elles tem suas habitações em frente da grande serra, já mencionada, juncto do mar. Tambem por detrás da serra estende-se o seu dominio certamente de 60 milhas. Um grande rio desce da serra e corre para o mar; em um logar deste rio moram elles e chamam Parakibe. A extensão do terreno que elles ahi occupan pode ser de 28 milhas, e estão elles ahi rodeados de inimigos. Do lado do Norte confinam com uma raça de selvagens, que se chamam *Wocttaka* (Goaitaca), e são seus inimigos; do lado do Sul chamam-se seus inimigos Tuppin Ikin, e do lado da terra a dentro seus inimigos são chamados *Karaya*. Depois vem os Wayganna, que moram na serra perto delles, e mais uma raça que se chama Markaya, que habita entre estes. Por estes são elles muito perseguidos. Os outros já mencionados guerream-se entre si e quando um delles apanha um dos outros o devora.

Gostam muito de collocar as suas cabanas onde a agua e a lenha não fiquem longe. O mesmo quanto á caça e ao peixe, e quando tem devastado um logar mudam as moradas para outra parte. Quando querem construir as suas habitações, um dos chefes dentre elles reune uns 40 homens e mulheres, quantos pode encontrar, geralmente amigos e parentes.

Estes levantam a cabana, que tem mais ou menos 14 pés de largura e uns 150 pés de comprimento, e, si forem muitos, 2 braças de altura; o tecto é redondo, como uma abobada. Cobrem

depois com uma grossa camada de ramas de palmeira, de modo a não chover dentro. Ninguem tem um quarto separado, cada casal de homem e de mulher tem um espaço na cabana, de um dos lados, de 12 pés; do outro lado um outro casal, o mesmo espaço. Assim se enchem as cabanas e cada casal tem o seu fogo. O chefe tem o seu aposento no centro da cabana. Estas tem geralmente tres portinhas, uma em cada extremidade e uma no centro; são baixas de modo a ser necessario a gente curvar-se para sahir e entrar. Poucas das suas aldêas tem mais de sete cabanas. No meio, entre as cabanas,

Figura das cabanas e cercas



deixam um espaço, onde matam os seus prisioneiros. São tambem inclinados a fazer fortificações ao redor da suas cabanas; isso fazem assim: Erguem, ao redor das cabanas, uma cerca de troncos rachados de palmeiras. A cerca costuma ter braça e meia de altura, e fazemn-a tão juncta que nenhuma flecha possa atravessal-a. Deixam uns buracos para os tiros e pelos quaes atiram. Ao redor da cerca fazem outra cerca de varas grossas e compridas, porém as não collocam muito perto uma da outra, apenas de modo a não deixar passar um homem. Alguns delles tem o costume de espetar em postes em frente a entrada das cabanas as cabeças dos que foram devorados.

CAPITULO V

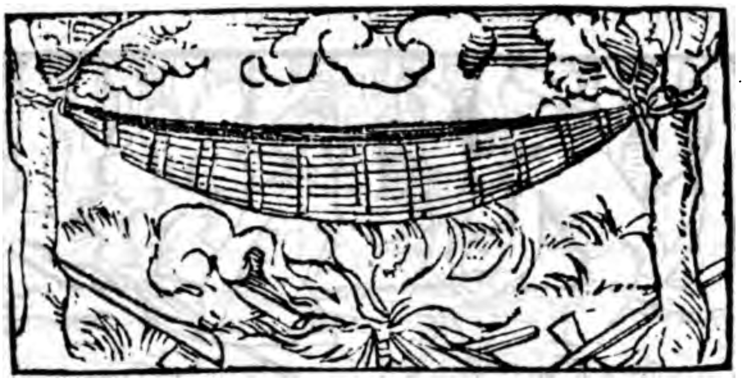
COMO FAZEM FOGO. CAPUT VI.



Elles tem uma especie de madeira chamada *Vrakuciba* que seccam e da qual cortam dous páosinhos da grossura de um dedo e que esfregam um no outro. Isto produz um pó e o calor da fricção ascende o pó. Com isso fazem fogo, como o mostra esta figura.

CAPITULO VI

EM QUE DORMEM. CAPUT VII.



Elles dormem em cousas que se chamam *Inni* na lingua delles e que são de fios de algodão. Amarram estas em dous moirões, acima da terra, e conservam fogo acceso durante a noite. Não gostam tambem de sahir das cabanas de noite, para fazer suas necesidades, porque tem muito medo do diabo, que elles chamam *Ingange* e que muitas vezes enxergam.

CAPITULO VII

COMO SÃO DESTROS EM ATIRAR CAÇA E PEIXES COM FLECHAS. CAPUT VIII.

Por onde andam, quer na mata quer na agua, levam sempre comsigo o arco e as flechas. Quando vão para a matta, caminham de cabeça erguida, examinando as árvores para descobrir algum passaro grande, macaco ou outro animal, que vive sobre as arvores, para o matar, e perseguem-no até o matarem. Raras vezes acontece ir alguem á caça e voltar sem trazer alguma cousa.

Do mesmo modo perseguem os peixes na beira do mar e

tem uma vista muito penetrante. Quando apparece um peixe atiram e poucos tiros erram. Quando ferem um, atiram-se na agua e nadam atrás delle. Alguns dos grandes peixes, quando se sentem feridos, vão para o fundo, mas elles vão atraz, mergulham até seis braças e tiram o peixe.



Elles tem tambem pequenas redes, feitas de fibras, que tiram de umas folhas pontudas e cumpridas chamdas *Tackaun* (tocum); e quando querem pescar com redes, reunem-se alguns e cada um occupa um logar na agua. Quando a agua não é funda, entram alguns, formam um circulo e batem na agua para o peixe afundar; é então cai que na rede. Quem apanha mais divide com os outros.

Muitas vezes vem á pescaria aquelles que moram longe do mar. Apanham muito peixe, seccam-no ao fogo e moem-no num pilão, fazendo uma farinha que se conserva por muito tempo. Levam esta comsigo e comem com farinha de raiz, porque, si levassem comsigo o peixe apenas frito, não durava nada, por não o salgarem; tambem a farinha dá para maior porção de gente do que um peixe inteiro assado.

CAPITULO VIII

Que apparencia apresenta esta gente. Caput IX.

E' uma gente bonita de corpo e de apparencia, tanto os homens como as mulheres, iguaes á gente daqui; somente são queimados pelo sol porque andam todos nús, moços e velhos, e nada tem que encubra as partes vergonhosas. Elles se desfiguram a si mesmos com pinturas e não tem barbas, porque as arrancam pela raiz, logo que ellas nascem. Fazem furos na bocca e nas orelhas e penduram nelles pedras, que são seus ornamentos, e se emfeitam com pennas.

CAPITULO IX

Com que elles cortam, visto não poderem adquirir ferramentas christãs, como machados, facas e tesouras. Caput X.

Elles tinham antigamente, antes de chegarem os navios, e tem ainda em muitos logares do paiz, onde nenhum navio chegou, uma especie de pedra preta azulada que elles preparam como uma cunha, cuja parte mais larga é mal cortante. Tem mais ou menos um palmo de cumprimento, dous dedos de grossura e a largura de uma mão. Algumas são maiores, outras menores. Tomam depois um páu fino que dobram ao redor da pedra e amarram com fibras de embira.

Servem-se tambem de dentes de porco do matto, que amollam até ficarem cortantes, e amarram-nos depois entre

dois páusinhos. Com estes raspam suas flechas e arcos até ficarem tão redondas como si fossem torneadas.

Empregam tambem o dente de um animal chamado Pacca, aguçam uma ponta e quando tem alguma doença no corpo que provêm do sangue, raspam aquelle logar até sahir sangue; e éste é então o seu modo de sangrar.

CAPITULO X

QUAL É O SEU PÃO. COMO SE CHAMAM SEUS FRUCTOS, COMO ELLES OS PLANTAM E COMO OS PREPARAM PARA COMER. CAPUT XI.

Nos logares onde elles querem plantar, cortam primeiro as arvores e deixam-nas seccar durante um a trez mezes. Depois deitam-lhes fogo, queimam-nas e então plantam entre os troncos as raizes de que elles precizam, e que se chamam mandioka. E' uma arvoresinha de uma braça de altura e que dá trez raizes. Quando querem comer as raizes, arrancam a arvosinha, quebram as raizes e depois os galhos. Collocam a estes outra vez na terra, onde cria raizes de novo e em seis mezes tem crescido tanto que servem já para comer. Elles preparam a raiz de trez modos.



Primeiro ralam as raizes numa pedra, até ficarem em grãos pequeninos, depois tiram d'ahi o succo com uma cousa feita da casca de ramas de palmeira e que chamam *tippiti*, que elles puxam, passam tudo depois numa peneira e fazem da farinha uns bolinhos chatos.

A cousa em que seccam e cosinham a farinha é de barro queimado e tem a forma de uma grande bacia chata. Tambem tomam as raizes frescas e deitam-nas em agua, onde as deixam até ficarem podres. Então tiram-nas d'ali e as poem em fumeiro, onde seccam. As raizes seccas chamam *Keinrima* e

conservam-se por muito tempo, e quando precizam dellas, soccam-nas em um pilão de madeira, onde ficam alvas como a farinha de trigo. Disto fazem elles bolinhos que chamam *byyw* (bejû).

Tambem tomam a mandioka apodrecida, antes de secca, e misturam-na com a secca e com a verde. Depois preparam e seccam uma farinha que pode conservar-se um anno e sempre boa para comer. Esta farinha chamam *V. y. than.*

Fazem farinha tambem de peixe e de carne. Assam a carne ou o peixe ao fogo, ou na fumaça, e deixam ficar bem duro, rasgam-no com a mão em pequenos pedaços, poem-no mais uma vez ao fogo, em uma vasilha de barro queimado, que chamam Yneppaun. Depois soccam-no em pilão de madeira até ficar redusido á farinha, passam em uma peneira. Esta farinha se conserva por muito tempo. Elles não tem o costume de salgar o peixe ou a carne. Tal farinha comem então com a farinha de raizes e tem gosto bem regular.

CAPITULO XI

Como cozinham a comida. Ca. XII.

Ha muitas raças de povos que não comem sal. Aquelles entre os quaes eu estive prisioneiro comem, as vezes, sal porque viram usar delle os francezes, com os quaes negociam. Mas contaram-me de uma nação, cuja terra limita com a delles, que se chama Karaya e que mora terra a dentro longe do mar. Esta faz sal das palmeiras que come, sendo que aquelles que comem muito disso não vivem muito tempo. Preparam-no da seguinte maneira, que eu vi e ajudei a preparar. Derrubam um grosso tronco de palmeira e racham-no em pequenos achas, fazem depois uma armação de madeira secca e poem as achas encima, queimando-as junto com a madeira secca até ficarem redusidos a cinza. Das cinzas fazem então decoada, que fervem, e assim obtém sal. Eu julgava que era salitre e o experimentei ao fogo; mas não era. Tinha gosto de sal e era de cor parda. A maior parte da gente, porém, não come sal.

Quando cosinham alguma cousa, seja peixe ou carne, póem em geral pimenta verde, e quando está mais ou menos bem cosida tiram-na do caldo e a reduzem a uma sopa rala que chamam mingáu e que bebem em cascas de purungas, que servem de vasilhas. E quando querem guardar alguma comida por mais tempo, carne ou peixe, penduram-na uns quatro palmos acima do fogo, em varas, e fazem bastante fogo por baixo. Deixam-na então seccar e enfumaçar, até ficar bem secca. Quando então querem comel-a aferventam-na outra vez e a comem. A carne assim preparada chamam Mockaein.

CAPITULO XII

Que regimen e que ordem seguem em relação ás autoridade e á justiça. Caput XIII.

Não tem regimen especial, nem justiça. Cada cabana tem um chefe, que é seu rei. Todos os seus reis são de uma e mesma raça, com mando e regimen, e podem fazer tudo o que quizerem. Póde um delles ter-se distinguido mais na guerra que o outro; este então é sempre mais ouvido, quando se trata de novas guerras, como o já referido Koniam-Bébe. No mais, não vi direito algum especial entre elles, pois que os moços são obedientes aos velhos vendo os seus costumes,

Quando alguem mata ou fere outro, os amigos deste estão promptos a matar por sua vez o offensor, o que porém raras vezes acontece. Obedecem tambem aos chefes das cabanas, e o que elles mandarem fazer, executam sem contrangimento nem medo, e sómente por boa vontade.

CAPITULO XIII

Como fabricam os potes e as vasilhas de que usam. Caput XIIII.

As mulheres fazem as vasilhas de que precizam. Assim tiram barro e amassam, d'ahi fazem todas as vasilhas que querem, deixam-nas seccar por algum tempo, e sabem pintal-a bem. E quando querem queimal-as, viram-nas sobre pedras

e amontoam ao redor grande porção de cascas de arvores, que accendem, e com isto ficam queimadas porque se tornam em brazas, como ferro quente.

CAPITULO XIV

Como fabricam as bebidas com que se embebedam e como celebram essas bebedeiras. Caput XV.

As mulheres fazem as bebidas. Tomam as raizes da mandioka que fazem ferver em grandes potes. Quando estão bem fervidas, tiram-nas dos potes, passam para outras vasilhas ou potes, e deixam esfriar um pouco. Então as moças assentam-se ao pé e mastigam as raizes e o que fica mastigado é posto numa vasilha aparte.



Quando as raizes fervidas estão todas mastigadas, tornam a pôr esta massa mascada nos potes, que enchem com agua e misturam muito bem, deixando tudo ferver de novo.

Tem então umas vasilhas especiaes, que estão enterradas até o meio e que empregam como nós os toneis para o vinho ou a cerveja. Ahi despejam tudo e tapam bem; começa a bebida a fermentar e torna-se forte. Assim fica durante dous dias, depois do que bebem e ficam bebados. E' densa e deve ser nutritiva.

Cada cabana faz sua bebida propria. E quando uma aldeia inteira quer fazer festas, o que geralmente acontece

uma vez por mez, reunem-se todos em uma cabana, ali acabam com toda a bebida e vão depois para outra cabana, até que tenham bebido tudo em todas as cabanas.

Quando bebem assentam-se ao redor dos potes, alguns sobre achas de lenha e outros no chão. As mulheres dão-lhes a bebida por ordem, alguns ficam de pé, cantam e dansam ao redor dos potes. E no logar onde estão bebendo, vertem tambem a sua agua.

O beber dura a noite inteira, as vezes tambem dansam por entre brazas e quando ficam bebados gritam, tocam trombetas e fazem um barulho formidavel. Raras vezes ficam zangados uns com outros. São tambem muito libêraes; o que sobra-lhes em comida repartem elles com outros.

CAPITULO XV

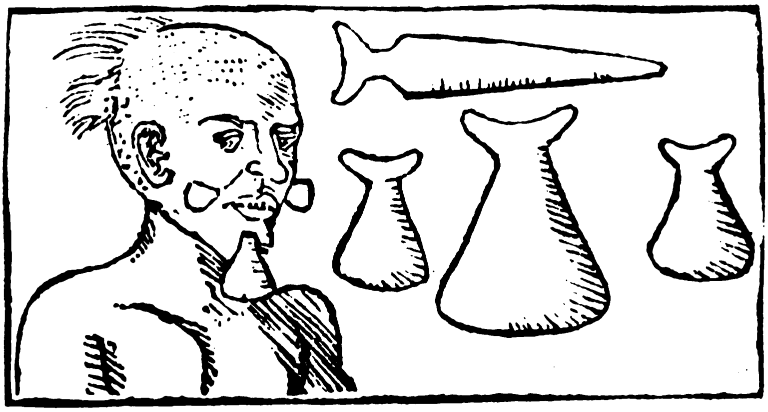
QUAL O ENFEITE DOS HOMENS, COMO SE PINTAM E QUAES SÃO SEUS NOMES. CAPUT XVI.

Rapam uma parte da cabeça e deixam ao redor uma corôa de cabellos, como os frades. Muitas vezes lhes perguntei onde tinham aprendido esta moda de cabelleira. Responderamme que seus antepassados a tinham visto num homem que se chamava Meire Humane, e que tinha feito muitos milagres entre elles; e entendiam que tivesse sido um propheta ou apostolo.

Perguntei-lhes mais com que cortavam os cabellos antes dos navios lhes trazerem tesouras. Respondiam que tomavam uma cunha de pedra, e pondo uma outra pedra por baixo dos cabellos, batiam até cortal-os. A corôa no meio da cabeça faziam com uma raspadeira, fabricada de uma pedra clara de que usavam muito para cortar.

Elles tem mais uma cousa feita de pennas vermelhas, que se chama *Kanittare* e que amarram em roda da cabeça.

Elles tem tambem no labio inferior um grande buraco, que fazem na infancia. Furam o beiço com um pedaço de osso de veado pontudo; no buraco enfiam depois uma pedrinha ou



pedacinho de páo e untam com seus unguentos; o buraco, continua aberto. Quando ficam grandes e aptos para as armas, fazem o buraco ficar maior e enfiam nelle uma pedra verde, formada assim: a ponta mais de cima, mais fina, fica para dentro dos labios e a grossa para fóra, ficando o labio sempre pendido pelo peso da pedra. Tambem tem elles ainda nas faces, a cada lado da bocca, uma pequena pedra.

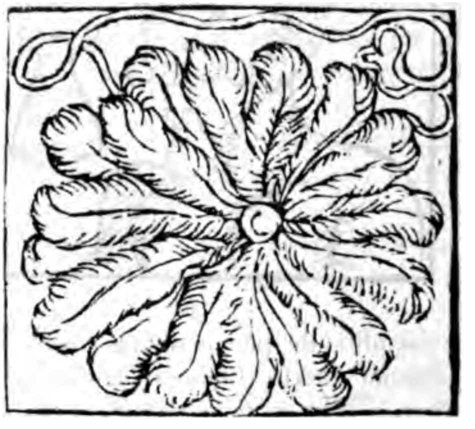
Alguns as tem de pedras de crystal, que são estreitas mas compridas. Tem ainda um enfeite que elles fazem de grandes caracóes maritimos, e a que chamam *Matte pue*; é da forma de uma meia lua. Este penduram ao pescoço, é branco como a neve e se chama *Bogessy*.

Fazem tambem coraes brancos, de caracóes maritimos, que penduram ao pescoço. São da grossura de uma pálha e dão muito trabalho para serem feitos.

Amarram tambem feixes de pennas nos braços, pintam-se de preto e tambem com pennas vermelhas e brancas, misturadas sem ordem; estas pennas grudam no corpo com substancias que tiram das arvores e que passam nas partes do corpo, onde querem pôr as pennas; depois collocam as pennas que então ficam grudadas. Pintam tambem um braço de preto e o outro de vermelho, e do mesmo modo as pernas e o corpo.

Usam elles mais de um enfeite de pennas de avestruz. É um enfeite grande e redondo, que amarram na parte de trás, quando vão á guerra contra os inimigos, ou quando fazem alguma festa. Chama-se *Endoap*.

Tiram seus nomes de animaes ferozes e dão-se muitos nomes, mas com certa differença. Logo que nascem da-se-lhes um nome. Conservam este sómente até ficarem aptos para manejarem armas e matarem inimigos. Quantos depois matarem, tantos nomes terão.



CAPITULO XVI

Quaes são os enfeites das mulheres. caput 17.

As mulheres pintam-se por baixo dos olhos e por todo o corpo do mesmo modo, como se disse, que os homens o fazem. Porém ellas deixam crescer os cabellos, como todas as outras mulheres, e não tem enfeites especiaes. Ellas tem furos nas orelhas, nos quaes penduram uns objectos de comprimento de um palmo mais ou menos, redondo e da grossura de um dedo pollegar, a que chamam na sua lingua *Nambibeiya*. Fazem-nos tambem de conchas do mar, que se chamam *Matte pue*.

Seus nomes são de passaros, peixes e fructas das arvores e têm um só nome desde crianças; porém quantos escravos os seus maridos matam, tantos nomes dão elles ás suas mulheres.

Quando uma cata os piolhos de outra os vai comendo. Eu lhes perguntei muitas vezes porque fazem isso; me respon-

deram: «São nossos inimigos que comem as nossas cabeças e por isso nos queremos vingar delles».

Tambem não ha parteiras; quando uma mulher está para dar á luz, o primeiro que estiver perto, homem ou mulher, acode logo a ella. Tenho visto algumas que se levantam em geral no quarto dia depois do parto.

Carregam seus filhos ás costas em pannos, feitos de algodão e trabalham com elles; as crianças dormem e andam contentes por mais que ellas se abaixem ou se movam.

CAPITULO XVII

Como dão o primeiro nome ás crianças. Cap. 18.

A mulher de um dos selvagens que ajudaram a me capturar tinha dado á luz um filho. Alguns dias depois trouxe elle seus visinhos das cabanas proximas e conferenciou com elles a respeito do nome que devia dar á criança, para que fosse valente e terrivel. Deram-lhe muitos nomes, que não o agradaram. Deliberou então dar-lhe o nome de um dos seus quatro antepassados, e disse que crianças que tem tres nomes vingam bem e ficam dextros em fazer prisioneiros. Os seus quatro antepassados se chamavam: o primeiro, Krimen; o segundo, Hermittan; o terceiro Koem; o quarto nome não retive na memoria. Eu pensei quando elle fallou Koem, que podia ser Cham; mas Koem quer dizer na lingua delles *amanhã*. Eu disse que désse este nome á criança, porque era sem duvida o de um dos seus antepassados. A criança ficou com um destes nomes. Assim dão elles nomes aos seus filhos, sem baptismo, nem circumcisão.

CAPITULO XVIII

Quantas mulheres cada um tem e como vive com ellas. Cap. XIX.

A maior parte delles têm uma só mulher; alguns têm mais. Mas alguns do seus reis tem XIII ou XIIII mulheres. O

rei a quem me deram a ultima vez, e do qual os francezes me compraram, chamado Abbati Bossange, tinha muitas mulheres e uma que foi a primeira era a superiora entre ellas. Cada uma tinha o seu aposento na cabana, seu proprio fogo e sua propria plantação de raizes; e aquella com quem elle vivia, e em cujo aposento elle estava, dava-lhe de comer e assim passava de uma para outra. As crianças que ellas tem, quando são meninos e crescem, educam para a caça; e o que os meninos trazem cada um dá a sua mãe. Ellas então cozinham e partilham com os outros; e as mulheres se dão bem entre si.

Tambem têm o costume de fazer presentes de suas mulheres, quando estão aborrecidos dellas. Tambem fazem presentes de uma filha ou irmã.

CAPITULO XIX

Como elles contractam os casamentos. Caput XX.

Contractam os casamentos de suas filhas, emquanto ainda são crianças, e quando se tornam mulheres, cortam-lhes o cabello da cabeça, riscam-lhes nas costas marcas especiaes e lhes penduram ao pescoço alguns dentes de animaes ferozes. Quando o cabello cresce de novo, as incisões estão cicatrizadas, vê-se ainda o signal desses riscos porque misturam algumas tintas com o sangue, para ficar preto quando saram; isso é tido como uma honra.

Quando se terminam estas ceremonias as entregam a quem as deve possuir e não celebram outra ceremonia especial. Homem e mulher procedem decentemente e fazem suas cousas clandestinamente. Item, tenho visto que um dos seus chefes em certa epoca, de manhã cedo, visitava todas as cabanas e riscava as pernas das crianças com um dente afiado de peixe para terem medo, de modo que quando faziam manha, os paes as ameaçavam: «Ahi vem elle!», e se calavam.

CAPITULO XX

QUAES SÃO SUAS RIQUEZAS. CAP. XXI.

Não ha divisão de bens entre elles. Nada sabem de dinheiro. Suas riquezas são pennas de passaros, e quem tem muitas é rico. Quem tem pedras nos labios entre elles é um dos mais ricos.

Cada um homem e mulher têm sua plantação de raizes, das quaes se alimentam.

CAPITULO XXI

QUAL É SUA MAIOR HONRA. CAP. XXII.

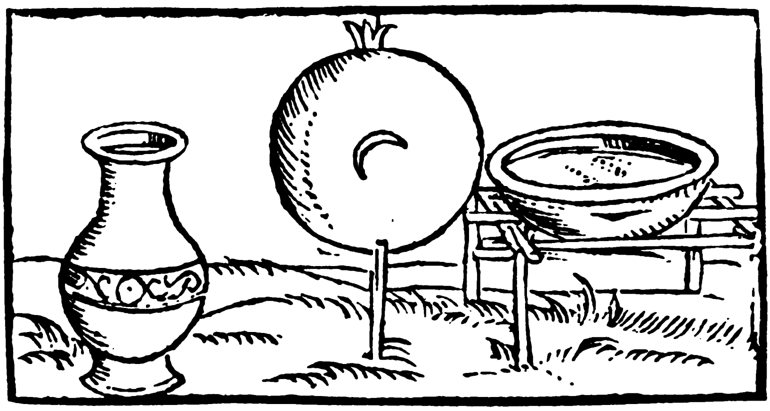
Sua maior honra é prender e matar muitos inimigos; é costume entre elles que quantos inimigos um tiver morto tantos nomes póde ter.

E o mais nobre entre elles, é o que tem mais nomes desta especie.

CAPITULO XXII

EM QUE ACREDITAM. CAP. XXIII.

Elles acreditam em uma cousa que cresce como uma abobora e do tamanho de um meio pote. E' oco por dentro e lhe atravessam um páo. Fazem, depois, um buraco em forma de boquinha e põem pedrinhas dentro, para que chocalhe. Chocalham com isto quando cantam e dansam, e chamam-no *Tammaraka*. E da forma como segue:



Este é só dos homens e cada um tem o seu. Ha entre elles alguns que elles chamam *Paygi* e que são tidos entre elles como os adevinhadores aqui. Estes percorrem uma vez por anno o paiz todo, de cabana em cabana, asseverando que tem comsigo um espirito que vem de longe, de logares extranhos, e que lhes deu a virtude de fazer fallar todos os Tammarakas que elles queiram e o poder de alcançar tudo que se lhes pede. Cada um quer então que este poder venha para o seu chocalho, faz-se uma grande festa, com bebidas, cantos e adivinhações, e praticam muitas ceremonias singulares. Depois fixam os adivinhadores um dia para uma cabana, que mandam evacuar, e nenhuma mulher nem criança pode ficar lá dentro. Ordenam depois os adivinhadores que cada um pinte o seu Tammaraka de vermelho e com pennas, e os mande para elles então lhes darem o poder de fallar. Depois vão para a cabana; o adivinhador toma assento, em logar elevado, e tem juncto de si o Tammaraka espetado no chão. Então os outros tambem espetam os seus. Cada um dá presentes ao adivinhador, como são flechas, pennas e pendurocalhos, para as orelhas, para que seu Tammaraka não fique esquecido. Quando então todos estão reunidos, toma elle cada Tammaraka de persi, e o enfumaça com uma herva, que chamam *Bettin* (petum). Leva depois o Tammaraka á bocca, chocalha-o e lhe diz:

Nce kora, falla agora, e deixas te ouvir, estás tu dentro? Depois, falla baixo e justamente uma palavra, que é difficil de saber si é do chocalho, ou si é delle, e os outros acreditam que é do chocalho. Mas é do proprio adivinhador, e assim faz elle com todos os chocalhos, um após o outro. Cada um pensa então que o seu chocalho tem grande poder. Depois os adivinhadores ordenam que vão para a guerra e que apanhem inimigos, porque os espiritos que estão nos Tammaraka tem vontade de comer carne de prisioneiros; e depois vão á guerra.

Quando então o adivinhador Paygi tem transformado em idolos todos os chocalhos, toma cada um o seu *chocalho*, chama-o seu querido filho e lhe faz uma pequena cabana, na qual deve ficar. Dá-lhe comida e lhe pede tudo de que preciza, tal como nós fazemos com o verdadeiro Deus; estes são seus Deuses.

Com o Deus verdadeiro, que creou o céo e a terra, elles não se importam e acham que é uma cousa muito natural que o céo e a terra existam. Tambem nada sabem de especial do começo do mundo.

Dizem que houve uma vez uma grande agua em que se afogaram todos os seus antepassados e que alguns se salvaram em uma canôa; alguns em arvores altas, o que eu penso que deve ter sido o diluvio.

Quando me achei pela primeira vez entre elles e me contaram isso, pensei que tivesse sido talvez um phantasma do diabo, porque me contaram muitas vezes como estas cousas fallam. Penetrando nas cabanas, onde estavam os adivinhadores, que deviam fazer estas cousas fallar, tinham todos de se assentar. Mas quando vi a experteza sahi da cabana e pensei «Que povo pobre e illudido!»

CAPITULO XXIII

Como elles tornam as mulheres adivinhadoras. Cap. 24.

Entram primeiro em uma cabana e pegam em todas as mulheres, uma após outra, e as defumam. Depois, tem ella

de gritar, pular e correr em roda até que fica tão cansada, que cahe no chão como si estivesse morta. O adivinhador diz então: «veja agora está ella morta, mas eu quero fazel-a viver outra vez». Quando ella depois volta a sí, diz elle: «Agora está ella apta para fallar do futuro». Quando então vão para a guerra, obrigam as mulheres a adivinhar o que ha de acontecer na guerra.

Uma vez a mulher do meu senhor (a quem eu tinha sido entregue para me matar) começou de noite a adevinhar e disse ao seu marido que um espirito de terra extranha se tinha dirigido a ella e lhe perguntára quando eu devia ser morto e onde estava o páu com que me deviam matar. Elle respondeu: «Não demorará, tudo está prompto, porém desconfio de que não é portuguez, mas francez».

Quando a mulher acabou sua adivinhação perguntei a ella porque queria tanto a minha morte, visto que eu não era inimigo, e si ella não temia que o meu Deus lhe mandasse alguma desgraça. Eu não me tinha de incommodar com isso, porque eram espiritos extranhos que queriam saber de mim. Taes ceremonias celebram elles muitas.

CAPITULO XXIV

EM QUE ELLES NAVEGAN NAS AGUAS. CAPUT XXV.

No paiz ha uma especie de arvores que se chamam *Yga Yvera*, cuja casca elles desprendem de cima até em baixo, fazendo uma armação especial ao redor da arvore para tiral-a inteira.

Depois, tomam a casca e levam da serra até o mar, aquecem-na ao fogo, dobram-na para deante e por detrás e lhe amarram dois páus atravessados no centro para que se não achate, e fazem assim uma canôa, na qual cabem 30 pessoas, para ir á guerra. A casca tem a grossura de um dedo pollegar, certamente 4 pés de largura e 40 pés de comprimento; algumas mais compridas e outras mais curtas. Nellas remam depressa e navegam tão longe quanto querem. Quan

do o mar está bravo, puxam as canôas para a terra até o tempo ficar bom. Vão mais de duas milhas, mar a fóra; mas ao longo da terra navegam muito longe.

CAPITULO XXV

PORQUE UN INIMIGO DEVORA O OUTRO. CAPUT XXVI.

Não o fazem por fome, mas por grande odio e inveja; e quando na guerra elles conbatem, gritam um para o outro, por grande odio: «Dete Immeraya Schermiuramme heiwoe», a ti succedam todas as desgraças, minha comida. «De kange Juca cypota kurine», eu quero, ainda hoje cortar a tua cabeça. «Sche Junam me pepicke keseagu», para vingar a morte de meus amigos, estou aqui. «Rande soo sche mocken Sera Quora Ossorime Rire, etc.», tua carne será hoje, antes que o sol entre, o meu assado. Tudo isso fazem por grande inimizade.

CAPITULO XXVI

COMO FAZEM SEUS PLANOS, QUANDO QUEREM IR Á TERRA DE SEUS INIMIGOS PARA GUERREAR. CA. 25.

Quando querem partir em guerra para a terra de seus inimigos, os chefes se reunem e conferenciam como a devem fazer. Isto communicam então a todas as cabanas para que se preparem, e dão o nome de uma fructa de arvore cujo amadurecimento marcará o tempo da partida, porque não conhecem a defferença do anno e do dia. Tambem determinam o tempo da partida, pelo tempo de desova de um peixe que se chama *Pratti* na lingua delles, e o tempo da desova chaman *Pirakaem*. Para esta epoca aprompttam as suas canôas, suas flechas e farinha dura de raizes que chamam Vythan, para mantimento. Depois consultam os Pagy, os adivinhadores, si alcançarão victoria. Estes, em geral, dizem que sim, mas lhes ordenam que tomem sentido nos sonhos que têm a respeito

dos inimigos, e quando a maior parte delles sonha que vem assar a carne dos inimigos, quer isto dizer que terão victoria. Mas si vêm assar a sua propria carne, não significa nada de bom e devem ficar · em casa. Quando seus sonhos os agradam, preparam-se em todas as cabanas, fazem muita bebida, bebem e dançam com os idolos Tammaraka, e cada um pede ao seu que o ajude a apanhar um inimigo. Depois partem. Chegando perto da terra dos seus inimigos, ordenam os chefes, um dia antes daquelle em que vão attacar a terra dos inimigos, que reparem bem nos sonhos que tiverem durante a noite.

Estive com elles numa expedição. Quando chegámos perto da terra dos seus inimigos e na noite anterior áquella em que a pretendiam atacar, o chefe atravessou o acampamento todo e disse que elles retivessem bem os sonhos que tivessem e ordenou mais que os moços, logo que raiasse o dia, matassem caça e apanhassem peixe. Isso fizeram, e o chefe mandou preparar tudo. Depois pediu aos outros chefes que viessem para a cabana delle. Assentaram-se todos no chão e fizeram roda. Mandou-lhes dar comida. Quando acabaram de comer, contaram-lhe os seu sonhos, mas sómente os que lhes agradaram; depois dansaram de alegria com os Tammaraka· Fazem reconhecimento das cabanas dos seus inimigos durante a noite e ao raiar do dia atacam. Si apanham algum que esteja muito ferido, matam-no logo e levam sua carne assada para a casa; estando, porém, são levan-no vivo. Depois matam-no na cabana. Atacam com grande gritaria, pizam forte no chão, tocam trombetas, feitas de aboboras, e levam todos cordas enleadas ao redor do corpo para amarrar os inimigos; pintam-se e enfeitam-se com pennas vermelhas, para não se confundirem com os outros; e atiram de pressa. Arremessam tambem flechas accesas sobre as cabanas de seus inimigos para incendial-as. E quando um delles recebe um ferimento têm elles hervas proprias com que se curam.

CAPITULO XXVII

Qual é o seu armamento para a guerra. Ca. XXVIII.

Elles têm arcos, e as pontas das flechas são de ossos que elles amollam e amarram; tambem fazem-nas de dentes do peixe que se chama *Tibcraun* e que apanham no mar. Usam tambem algodão, que misturam com cera, amarram nas flechas e accendem; são essas suas flechas de fogo. Fazem tambem escudos de cascas de arvores e de couros de animaes ferozes. Enterram tambem espinhos, como aqui armadilhas de tesoura.

Ouvi tambem delles, mas não vi, que quando querem expulsam os seus inimigos das cabanas fortificadas, com pimenta que cresce no paiz, desta forma: fazem grandes fogueiras e quando o vento sopra collocam grande porção de pimenta cuja fumaça, chegando ás cabanas, os obriga a fugirem; e eu o creio. Estava uma vez com os portuguezes numa provincia da terra de Brannenbucks chamada, como já techo contado. Ahi ficamos com o navio em secco num rio, porque a maré tinha baixado; vieram muitos selvagens para nos atacar, mas não puderam. Ajuntaram então muita lenha e galhos seccos, entre o navio e a margem, para nos obrigar a sahir por causa da fumaça da pimenta; mas não puderam pegar fogo na lenha.

CAPITULO XXVIII

Com que ceremonias matam e comem seus inimigos. Com que elles os matam e como elles os tratam. Caput XXIX.

Quando trazem para casa seus inimigos, as mulheres e as crianças os esbofeteiam. Depois enfeitam-nos o com pennas pardas, cortam-lhes as pestanas *sobre os olhos*, dansam em roda delles, amarram-nos bem, para que não fujam; dão-lhes uma mulher para o guardar e tambem ter relações com elles. Si ella fi-



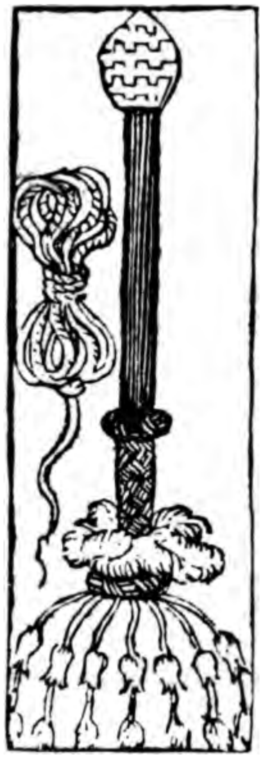
car gravida, educam a criança até ficar grande; e quando depois lhes dá na cabeça, matam-na e a devoram. Fornecem-lhes boa comida, tratam delles assim algum tempo; começam os preparativos, fazem muitos potes especiaes nos quaes poem todo o necessario para pintal-o, fazem feixes de pennas para serem amarrados no páo com que elles os matam. Fazem tam-



bem uma corda comprida que chamam *Massurana* com a qual os amarram quando vão morrer. Quando todos os preparativos estão promptos, marcam o dia do sacrificio. Convidam os selvagens das outras aldeias para ahi se reunirem naquella época. Enchem todas as vasilhas de bebidas e um ou dois dias antes que as mulheres tenham feito as bebidas, conduzem o prisioneiro uma ou duas vezes pela praça e dansam ao redor delle.

Quando estão reunidos todos os que têm vindo de fora, o chefe da cabana lhes dá as boas vindas e diz: «vinde

ajudar a devorar vosso inimigo». Um dia antes de começarem a beber, amarram a mussurana ao pescoço do prisioneiro. No mesmo dia pintam e emfeitam o páo chamado Iwera Pemme, com que o matam, e que tem a forma que mostra a figura.



Tem mais de uma braça de cumprido e untam-no com uma massa que gruda. Tomam então cascas pardas dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa*, e moem-n-as até reduzil-as a pó, que esfregam no páo. Uma mulher então risca figuras neste pó de cascas grudado no páo. Emquanto ella pinta, está cheio de mulheres que cantam ao redor. Quando então o Iwera Pemme fica prompto com feixes de pennas e outras preparações, penduram-no em uma cabana desoccupada e cantam ao redor delle toda a noite.

Do mesmo modo pintam a cara do prisioneiro, e emquanto uma das mulheres o está pintando, as outras cantam. E quando começam a beber, levam o prisioneiro para lá, bebem com elle e conversam com elle.

Quando acabam de beber descançam no dia seguinte; depois fazem uma cabana pequena para o prisioneiro no logar onde onde elle deve morrer. Ali fica durante a noite e



bem guardado. De manhã e antes de clarear o dia vão dansar e cantar ao redor do páo com que o devem matar. Então tiram o prisioneiro da cabanasinha, derrubam a esta, abrem espaço, amarram a mussurana ao pescoço e em redor do corpo da victima, esticando-a para os dous lados. Elle fica então no meio, amarrado, e muito delles seguram a corda pelos duas pontas. Deixam-no ficar assim por algum tempo



dão-lhe pedrinhas para elle arremessar sobre as mulheres que correm em roda delle e ameaçam devoral-o. Estas estão agora pintadas e promptas, para quando elle estiver reduzido á postas comerem os quatro primeiros pedaços ao redor das cabanas. Nisto consiste o seu divertimento. Quando isto está prompto; fazem um fogo a cerca de dous passos do

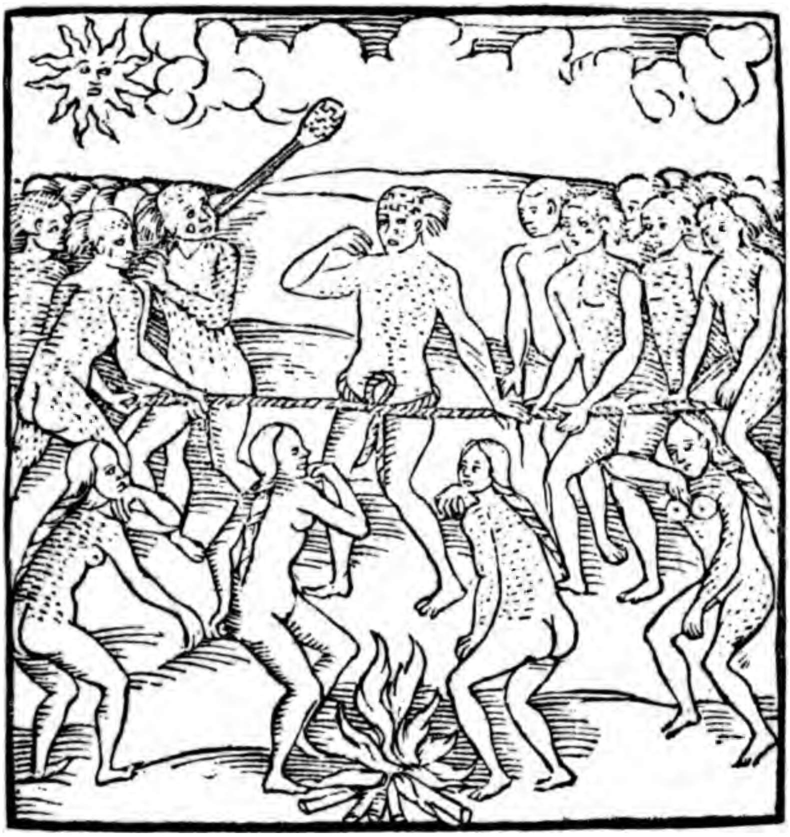


prisioneiro, que deve enxergar o fogo. Depois vem uma mulher correndo com o Iwara Pemme, vira os feixes de pennas para cima, grita de alegria e passa pelo prisioneiro, para que elle o veja.

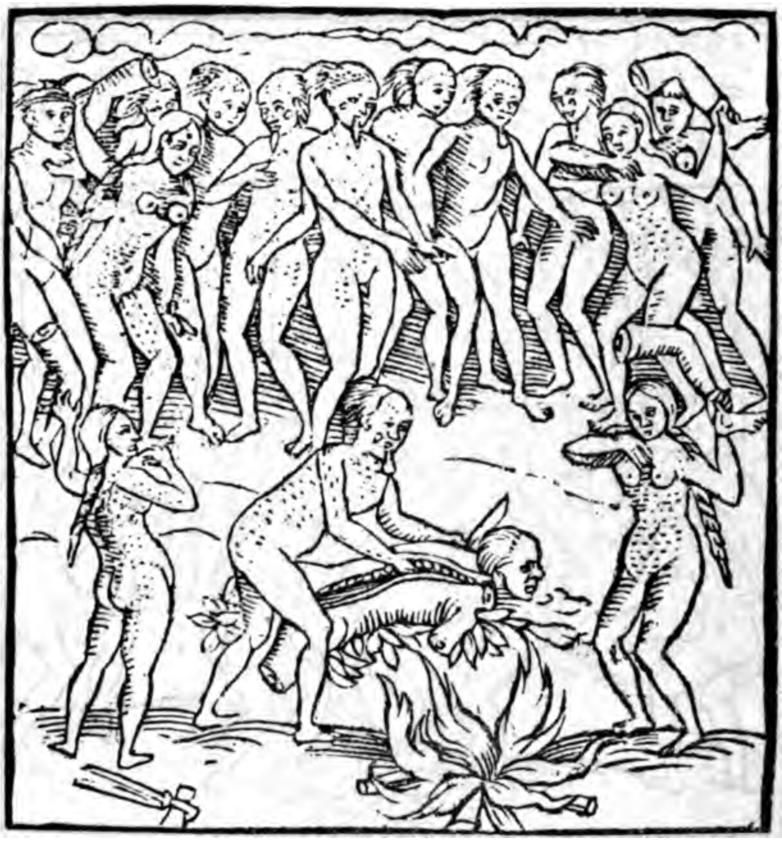
Feito isto um homem toma a clava, dirige-se para o prisioneiro, pára na sua frente e mostra-lhe o cacete para que elle o veja. Emquanto isso, aquelle que deve matar o prisio-



neiro vai com uns 14 ou 15 outros e pinta o proprio corpo de pardo, com cinza. Volta então com os seus companheiros para o logar onde está o prisioneiro, e aquelle que tinha ficado em frente do prisioneiro entrega-o á maça. Vem agora o rei das cabanas, toma a clava e a enfia entre as pernas daquelle que deve dar o golpe mortal.



Isso é por elles considerado uma grande honra. Outra vez, aquelle que deve matar o prisioneiro pega na clava e diz: «Sim, aqui estou, quero te matar, porque os teus tambem mataram a muitos dos meus amigos e os dovoraram». Responde o outro: «quando estiver morto, tenho ainda muitos amigos que de certo me hão de vingar.» Então desfecha-lhe um golpe na nuca, os miolhos saltam e logo as mulheres tomam o corpo, pu-



cham-no para o fogo, esfollam-no até ficar bem alvo e lhe enfiam um páosinho por de traz, para que nada lhes escape.

Quando já está esfollado, um homem pega nelle e lhe corta as pernas, acima dos joelhos, e tambem os braços. Vem então as mulheres, pegam nos quatro pedaços e correm ao redor das cabanas, fazendo uma grande gritaria.



Depois abrem-lhe as costas, que separam do lado da frente, e repartem entre si; mas as mulheres guardam os intestinos, fervem-nos e do caldo fazem uma sopa que se chama *Mingau*, que ellas e as crianças bebem.

Comem os intestinos e tambem a carne da cabeça; o miollo, a lingua e o mais que tiver são para as crianças. Quan-



do tudo está acabado volta cada um para sua casa e leva sua parte comsigo. Aquelle que pratica a morte ganha ainda um nome, e o rei das cabanas risca-lhe o braço com o dente de um animal feroz. Quando sára, vê-se a marca, e isto é a honra que tem. Depois tem elle, no mesmo dia, de ficar deitado na sua rede e dão-lhe um pequeno arco com uma flécha para passar o tempo atirando em um alvo de cera. Isto é feito para que os braços não fiquem incertos, do susto de ter matado.

Isto eu vi e presenciei.

Elles tambem não sabem contar mais que até cinco. Quando querem contar mais, mostram os dedos da mão e do pé. Querendo fallar de um numero grande, apontam quatro ou cinco pessoas, indicando quantos dedos da mão e do pé ellas têm.

CAPITULO XXIX

DESCRIPÇÃO DE ALGUNS ANIMAES NO PAIZ. CAPUT XXX.

Ha no paiz veados e porcos de matto, de duas qualidades. Uma especie é como a daqui. As outras são pequenas, como porcos novos, e se chamam *Taygatu Dattu*; são máus para as armadilhas nas quaes os selvagens costumam apanhar caça. Ha tambem macacos de tres especies. Uma especie chama-se *Kcy* e a que vem para cá.

Depois, ha mais uma especie que se chama *Acka Kcy* e geralmente anda em grandes bandos, saltando nas arvores e fazendo grande gritaria no matto.

E ha mais uma especie que se chama *Pricki*; são vermelhos, tem barbas como os bodes e são do tamanho de um cão regular.

Tambem ha uma especie de animal que se chama *Dattu*; tem mais ou menos um palmo de altura, e couraça ao redor do corpo todo, e sómente na barriga não tem nada. A couraça é como chifre e fecha com articulações como uma armadura. Tem um focinho pontudo e uma cauda comprida. Gosta de andar por entre as pedras; sua comida são formigas e tem carne gorda, que muitas vezes comi.

A figura do Datti



CAPITULO XXX



SERWOY. CAPUT XXXII.

Ha tambem uma especie de caça que se chama Serwoy; é do tamanho de um gato branco. de pelle parda, tambem cinzento e tem um rabo como gato. E quando pare, tem um filho ou seis e tem uma fenda no ventre que de certo tem palmo e meio de comprido. Por de dentro da fenda tem mais uma pelle, porque o seu ventre não é aberto e por

dentro da bolsa tem elle as tetas. Por toda a parte em que anda leva comsigo os filhos dentro da fenda, entre as duas pelles. Muitas vezes ajudei a apanhal-as e tirei os filhos da bolsa.

CAPITULO XXXI

HA TAMBEM MUITOS TIGRES NO PAIZ, QUE MATAM GENTE E CAUSAM MUITOS PREJUIZOS.

Ha tambem uma especie de leão, que elles chamam *Leopardo;* isto quer dizer *Leão Pardo.* E outros muitos animaes singulares.

Ha um animal chamado *Catiuare*, que vive em terra e tambem na agua. Alimenta-se da tabúa que se encontra nas aguas doces. Quando fica com medo de alguma cousa foge para o fundo da agua. São maiores que um carneiro, e tem a cabeça parecida com a da lebre, porém maior, e as orelhas curtas. Tem uma cauda pequena e pernas um pouco altas. Correm muito em terra, de uma agua para outra. Tem o pello pardo-escuro, tem tres unhas em cada pé e a carne tem o gosto da de porco.

Tambem ha uma especie de grandes largartos na agua e em terra; estes são bons para comer.

CAPITULO XXXII

DE UMA ESPECIE DE INSECTOS PEQUENOS COMO PULGAS PEQUENAS QUE OS SELVAGENS CHAMAM ATTUN. CAPUT 33.

Ha uns incectosinhos que são como pulgas, mas menores, que se chamam *Attun*, na lingua dos selvagens. Criam-se nas cabanas, da sujeira da gente. Estes entram nos pés; só fazem uma cocegasinha quando entram, e vão entrando na carne de modo a quasi não se perceber. Não se reparando e não tirando-os logo, póem elles um sacco de ovos, redondo como uma ervilha. Quando então os percebem e os tiram, fica na carne um buraco do tamanho de um grão de

ervilha. Eu vi, quando cheguei a este paiz pela primeira vez, os hespanhoes e alguns dos nossos ficarem com os pés estragados por não terem reparado nisto.

CAPITULO XXXIII

De uma especie de morcego do paiz, e como de noite, durante o somno, elles chupam os dedos do pé e a cabeça da gente. Caput 34.

Ha tambem uma especie de morcegos, que são maiores do que os da Allemanha. Elles vôam de noite para dentro das cabanas, ao redor das redes, nas quaes dorme a gente. Quando percebem que alguem dorme e os não incommoda voam para os pés e os chupam até encherem-se, ou mordem a cabeça, e depois se vão embora.

Emquanto estive entre os selvagens, chuparam-me muitas vezes os dedos do pé. Quando accordava, então via os dedos ensanguentados. Mas, aos selvagens, mordiam em geral a cabeça.

CAPITULO XXXIV

Das abelhas do paiz. Caput XXXV.

Tres especies de abelhas ha no paiz. As primeiras são semilhantes as daqui.

As segundas são pretas e do tamanho das moscas.

As terceiras são pequenas como mosquitos. Todas estas abelhas fabricam o mel no oco das arvores, e muitas vezes tirei mel com os selvagens de todas as trez especies, as pequenas têm em geral melhor mel que as outras. Tambem não mordem como o das abelhas daqui. Eu vi muitas vezes, quando os selvagens iam tirar o mel, que ficaram cheios de abelhas e que apenas tiravam-nas com as mãos do corpo nú. Eu mesmo tirei mel, nú, mas pela primeira vez fui obrigado pela dor a metter-me na agua e tiral-as alli para ficar livre dellas no corpo.

CAPITULO XXXV

Dos passaros do paiz.. cap. 36.

Ha tambem muitos passaros singulares alli. Uma especie, chamada *Uwara Pirange*, tem seus pastos perto do mar e se aninha nas rochas, junto á terra. Tem o tamanho de uma gallinha, um bico comprido e as pernas como as da garça, mas não tão compridas. As primeiras pennas que sahem nos filhotes são pardacentas e com ellas voam um anno; então mudam as mesmas pennas e todo o passaro fica tão vermelho quanto pode uma côr ser vermelha, e assim continua. Suas pennas são muito estimadas pelos selvagens.

CAPITULO XXXVI

Descripção de algumas arvores do paiz. caput xxxvii.

Ha alli arvores que os selvagens chamam *Juni pappeeywa*. Estas arvores dão uma fructa similhante a maçã. Os selvagens mastigam esta fructa, expremem o succo em uma vasilha e pintam-se com elle. Quando o passam pela primeira vez na pelle, é como a agua; mas dahi a pouco, fica lhes a pelle tão preta como tinta; isto dura até o nono dia e então passa, e não antes deste tempo por mais que se lave.

CAPITULO XXXVII

Como crescem o algodão e a pimenta brasileira e tambem algumas outras raizes mais que os selvagens plantam para comer. cap. 38.

O algodão dá em arvores da altura de mais ou menos uma braça, tem muitas ramas e quando floresce vem os botões, que quando ficam maduros se abrem e o algodão está dentro dos casulos ao redor de uns carocinhos pretos, que são as sementes, as quaes se plantam. Os arbustos estão cheios destes casulos.

A pimenta da terra é de duas qualidades, uma amarella e outra vermelha, mas ambas crescem da mesma maneira. Emquanto verdes como são o fructo da roseira, que tem espinhos; são pequenos arbustos mais ou menos de meia braça de alto e tem florinhas. Ficam muito carregados de pimentas, que ardem na bocca. Quando maduras, colhem-nas e seccam-nas ao sol. Ha tambem uma especie de pimenta miuda, não muito differente da já mencionada, e que seccam do mesmo modo.

Ha tambem umas raizes que se chamam *Jettiki*, que tem bom gosto. Quando plantam estas, cortam-nas em pedaços pequenos, e as enterram no chão, que as faz nascerem, estenderem-se pela terra, como as ramas do lupulo, e encheremse de raizes.

DISCURSO FINAL

Ao leitor deseja Hans Staden a graça e a paz de Deus.

Bondoso leitor:—Propositalmente descrevi esta minha viagem e navegação com a maior brevidade, sómente para contar como pela primeira vez cahi no poder dos povos tyrannos. E para mostrar como poderosamente e contra toda espectativa o Salvador, nosso Senhor e Deus, me salvou do poder delles e para que cada um saiba que Deus todo poderoso ainda maravilhosamente protege e encaminha os seus fieis entre os povos impios e pagãos, como elle sempre tem feito. Tambem para que cada um seja grato a Deus e confie nelle na desgraça, porque elle mesmo diz: «Invocae-me no tempo da necesidade para que eu te salve, e tu me louvarás, etc.».

Agora muitos poderão dizer: «Sim, si eu quizesse mandar imprimir tudo que experimentei na minha vida e vi, teria de fazer um grande livro». É verdade, deste modo, teria eu tambem ainda muito que descrever; mas, isto não é o caso. Eu estou certo de que o que me fez escrever este livrinho, já tenho sufficientemente demonstrado e que somos todos obrigados a louvar e agradecer a Deus que nos preservou desde as primeiras horas do nascimento até a hora presente da nossa

vida. Ainda mais: Posso tambem comprehender bem que o conteúdo deste livrinho pareça extranho a alguns. Quem tem culpa disso? Não sou o primeiro e não serei o ultimo a ter conhecimen-o de taes navegaçães, terras e povos. E não hão de rir aquelles aos quaes isso aconteceu, nem aquelles aos quaes ainda ha de acontecer.

Mas pretender que aquelle que se quer livrar da vida para a morte estivesse no mesmo estado de animo que aquelle que está longe e só vê ou ouve; isto cada um pode melhor julgar por si.

E si todos que navegam para a America tivessem de cahir no poder dos inimigos barbaros, quem desejaria ir lá?

Mas isto sei verdadeiramente, que muita gente honesta em Castilha, Portugal, França e alguns de Antdorff, em Brabant, que esteve na America, havia de dar o testemunho que tudo é como eu o descrevo.

Porém para aquelles que não conhecem estas cousas, chamo em primeiro logar o testemunho de Deus.

A primeira viagem que fiz a America, foi em um navio portuguez, cujo capitão se chamava Pentyado e estavamos tres allemães a bordo. Um era de Bremen e se chamava Heinrich Brant; o segundo chamava-se Hans von Bruchhausen, e eu.

A segunda viagem fiz eu de Civilien, em Hespanha, para Rio de Platta, uma provincia situada na America e assim chamada. O capitão dos navios chamava-se Don Diego de Senabrie. Nenhum allemão havia na viagem. E depois de muitos labores, angustias e perigos, tanto no mar como em terra, durante dois annos, como já disse, naufragámos numa ilha chamada S. Vincente, perto da terra firme no Prasil, e moram ali portuguezes. Ahi encontrei um patricio, filho do bemaventurado Eobani Hessi, que me recebeu bem. Havia lá mais um de nome Peter Rösel, que era *factor* de negociantes de Antdorff, que se chamam os Schetz. Estes dous podem dar testemunho de como cheguei e como fui capturado pelos barbaros inimigos.

Ainda mais. Os marinheiros que me resgataram dos sel-

vagens eram de Normandia, na França. O capitão do navio era de Wattauilla, chamava-se Wilherm de Moner. O piloto chamava-se Françoy de Schantz e era de Harflor. O interprete era de Harflor e se chamava Perott. Esta gente honesta (Deus lhes pague na vida eterna) auxiliou-me, depois de Deus, para voltar á França. Arranjaram-me um passaporte, vestiram-me e deram-me de comer. Estes podem dar me testemunho onde me acharam.

Embarquei depois em Dippaw, em França, vim para Lunden na Inglaterra. Ali os negociantes dos hollandezes souberam do capitão tudo o que me dizia respeito. Convidaram-me para ser seu hospede e me deram dinheiro para viagem. Depois naveguei para a Allemanha.

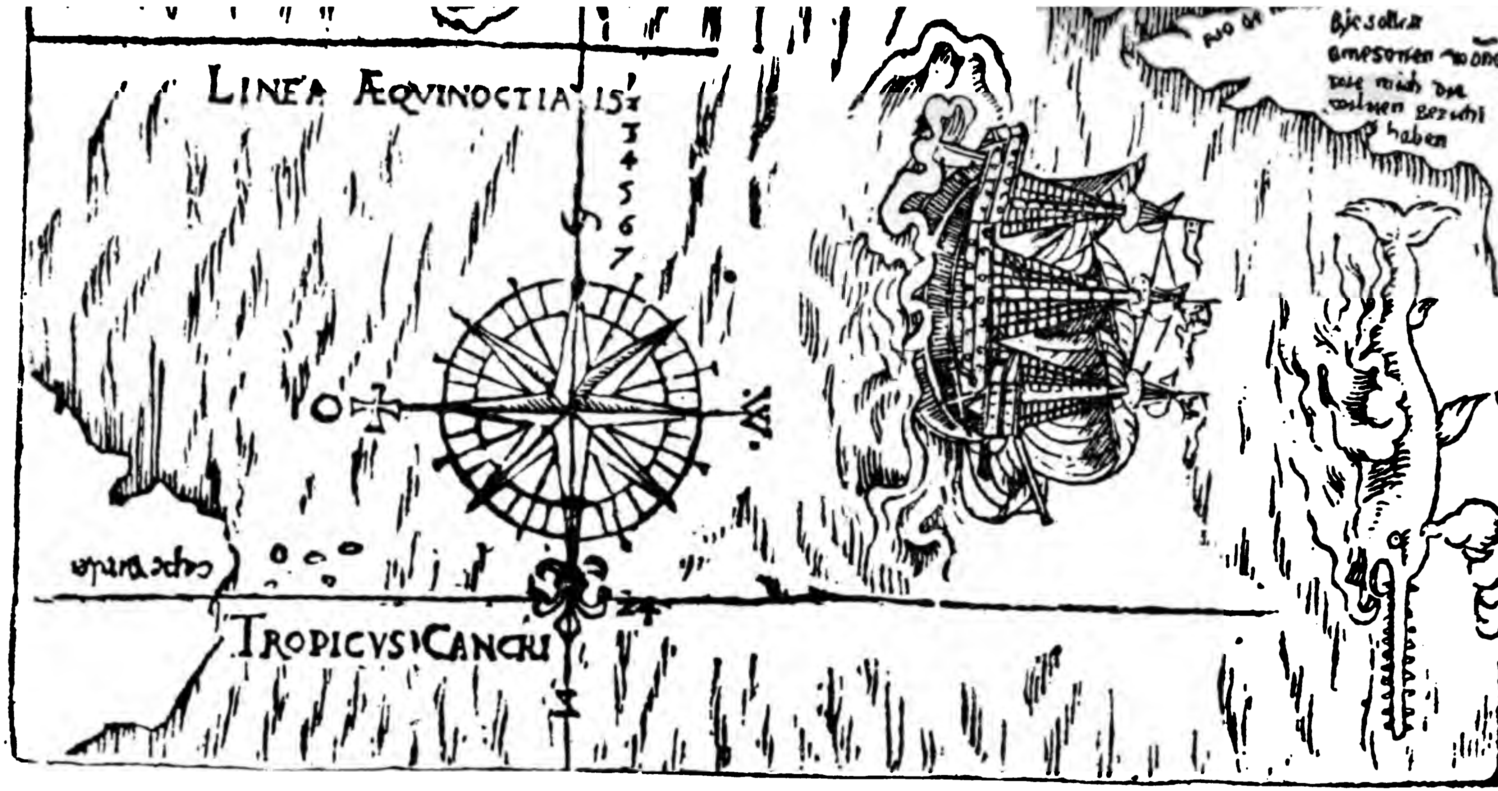
Em Antdorff fui á casa de von Oka ter com um ngociante chamado Jaspar Schtzen, do qual é *factor* em S. Vincente o supramencionado Peter Rösel, como já foi contado. A elle dei a noticia de como os francezes attacaram o naviosinho do seu *factor* em Rio de Genero, mas que foram repellidos. O mesmo negociante fez-me presente de dous ducados imperiaes. Deus lhe pague, por isso.

Si agora houver algum moço que não esteja contente com este escripto, para que elle não continue a viver na duvida, peça o auxilio de Deus e emprehenda a mesma viagem. Eu dei-lhe bastante ensino. Siga as pegadas.

A quem Deus ajuda o mundo não está fechado.
Ao Deus todo poderoso, que tudo é em tudo,
sejam a honra, a gloria e o louvor, de
eternidade á eternidade. Amen.

Impresso em Marpurg na terra de Hessen, em casa de Andres Colben
no dia do anniversario Mariae.
ANNO M. D. LVII.


america oder
Prasilien.
TROPICVS CAPRICORNI


LINEA ÆQVINOCTIA
TROPICVS CANCRI
W.

NOTAS

A

Hans Staden

NOTAS A HANS STADEN

Devo dar ao leitor a explicação porque as presentes notas não vieram impressas no texto e, como é de rigor, com as competentes chamadas em cada pagina.

A publicação da obra de Staden obedecia a um plano que a si mesmo traçára a Commissão do Centenario do Descobrimento do Brasil, nomeada pelo Instituto Historico de S. Paulo, isto é, o de fazer reeditar e vulgarisar as obras e documentos raros que por sua antiguidade e valor se pudessem com razão considerar fundamentaes para a historia de S. Paulo.

A obra de Staden, traduzida de um exemplar muito raro da primeira e antiquissima edição, como uma das publicações escolhidas, devia sahir á luz precisamente na data do Centenario.

O tempo, porem, urgia sobre maneira. O traductor dispunha apenas de curtissimo prazo para a sua difficil tarefa. Em taes circumstancias não era possivel cogitar de notas e commentarios, que então foram julgados dispensaveis.

A publicação, porem, não se tendo realisado como fora planejado, deu azo a que, de novo, se cogitasse de fazer acompanhar a obra de algumas notas ainda que rapidas e resumidas, mas necessarias para a boa comprehensão do texto.

Infelizmente, quando disso se cogitou, já a composição e impressão da obra estavam terminadas e as notas não mais podiam vir senão no fim della e, o que mais é de lamentar ainda, sem as indispensaveis chamadas no texto.

Recorrendo, como ora faço, ás indicações de paginas e linhas para supprir essa lacuna, não julgo a falta senão attenuada, mas ainda bastante sensivel a despeito do muito interesse que a narrativa mesma desperta e do quanto ella se impõe ao leitor como um dos documentos mais sinceros e verdadeiros dos primeiros annos da colonisação da Capitania de S. Vicente.

Ao leitor consciencioso e affeito a este genero de estudos facil, porem, será supprir o que de defficiente e confuso acaso nestas notas exista, proveniente da má disposição da materia que as razões expostas plenamente justificam.

S. Paulo—21—9—1900.

Theodoro Sampaio.

I

Pag. 2, lin. 1 e 2, (...entre os selvagens da terra do Prasilien (Brasil) *chamados Tuppin Imba...)*

A graphia de Staden no que diz respeito aos nomes tupis é quasi sempre defeituosa, mas aqui no texto foi sempre respeitada, não se lhes introduzindo correcção que seria descabida. Demais, sendo a graphia desses nomes barbaros uma representação mais ou menos precisa de como elles soaram ao ouvido do narrador, ha toda a conviniencia em ser conservada como apparece no original. Não poucas questões linguisticas se resolveram com subsidios desta natureza. *Tuppin Imba* ou antes *Tuppin Imbá* é mais uma das muitas formas porque nos grapharam esse nome tupí os chronistas e viajantes do seculo XVI. *Tupinambás* escreviam os portuguezes; mas entre escriptores extrangeiros se lê *Topinamboux*, *Tapinambós*, *Toupinambas*, e um viajante francez, aliás de uma exactidão admiravel, escreveu *Tououpinambaoult*, graphia que apezar de extranha foi considerada por Ferdinand Denis como a mais proxima da verdade.

Desta diversidade de forma que o vocabulo transmittido reveste origina-se a tão controvertida interpretação que a ninguem satisfaz.

Querem uns que de *Tupan*, o ser terrificante, o deus dos selvagens, proceda *Tupinambá*, corruptella de *Tupan-abá*, que significaria *povo de deus*, como opinou Vasconcellos. Diversa-

mente porem opinam outros, querendo derivar o nome tupí de *Tupi-anama-abá*, que litteralmente significa *gente parente de Tupi*, traduzindo-se este ultimo vocabulo, identificado com *Typi*, pela phrase: *os da primeira geração*, isto é, os *primitivos*.

Mas como os gentios, vivendo a vida patriarchal, costumavam appellidar-se segundo o gráo de parentesco, chamando-se uns Tamoy,. *Tamuya*, avós; *Guay-anã*, povo parente; é bem possivel que *Tuppin*, como escreveu Staden, seja o mesmo que *Tupin*, tio ou irmão do pae, e que os compostos *Tupin-abá*, sejam os verdadeiros tios, *Tupin-ikin*, os *tios afins* ou lateraes, *Tupi-aen*, os tios falsos ou suppostos.

2

Pag. 7, lin. 32 e 33. (... na qual toda a gente da ilha anda nua...)

Dryander, o prefaciador de Hans Staden, é como se deprehende de sua propria exposição um erudito da época. Os seus conhecimentos da cosmographia e geographia são notaveis, não ha porem que extranhar vendo-o qualificar de *ilha* ao continente da America, a que ainda em trecho precedente se refere pela expressão *aquellas ilhas*. Os antigos costumavam reunir n'um só continente o mundo antigo e tudo o que fóra delle apparecesse era considerado como ilha. Este facto, e o grande numero de ilhas constantes dos mappas classicos de Marco Polo, Frá Mauro, André Bianco, e outros então em voga, explicam a razão por que no começo os varios pontos da costa da America eram tomados por ilhas. O periplo do continente novo só mais tarde se verificou.

3

Pag. 13, lin. 20 e 21 (.. assim como tirar alguns prisioneiros que merecem castigos, para povoarem as novas terras...)

Era costume levarem para as terras recem-descobertas criminosos e degradados para aprenderem a lingua do gentio dellas e servirem de interpretes. Eram, porem, portuguezes os que a metropole enviava para o Brasil e não francezes, como é de presumir que fossem os tripolantes dos navios aprisionados.

Como, porem, entre os tripolantes dos navios francezes, alguns portuguezes se encontravam engajados, não obstante as leis e as mais severas punições, é possivel que a estes se refira o narrador quando os qualifica prisioneiros que merecem castigo.

4

Pag. 14, lin. 7 (Depois disso, sahimos da ilha da Barbaria...)
Deve ser — *sahimos da ilha para a Berberia*, e não *da Barbaria*, pois que a ilha de que se trata é a da Madeira, que nunca teve tal denominação.

5

Pag. 16 lin. in fine (...chamam Durados...) Deve ser *Dourados*, como entre os portuguezes se denominam varias especies de peixes do mar e do rio.

6

Pag. 17 lin. 7 e 8 (E são denominados na lingua portugueza pisce bolador.) Deve ler-se *peixe voador*, como facilmente se deprehende da narrativa.

7

Pag. 18, lin. 7 (...denominado Prannembucke...) O nome tupi *Paranam-buc*, como aqui se verifica da graphia de Staden, experimentava apenas perceptivel alteração, e essa mesma talvez se deva levar á conta do narrador que, a julgar pelos nomes portuguezes por elle citados, não apprehendia bem as palavras de idioma diverso do seu. Assim é que escreve *Prasil* por Brasil, *Funtschal* por Funchal; *Cape de Gel* por Cabo de Gela; *Pintiado* por Penteado; *Madera* por Madeira. O nome *Paranambuc* de que Staden fez *Prannembucke*, e os francezes *Fernambouc*, é o actual *Pernambuco*, que quer dizer litteralmente: *mar quebra* ou como hoje dizemos: *quebra mar*, referindo-se á muralha natural do recife onde as ondas do largo arrebentam com estrondo.

8

Pag. 18 lin. in fine, (...Marin...) A colonia que os Portuguezes fundaram junto ao mar é a que se deu desde

então o nome de *Olinda*. O gentio porem começou a denominal-a *mairy*, que quer dizer *cidade*, ou povoado como o construiam os europeos. Dahi a corruptella *Mary* ou *Marim* que Staden nos transmitte.

9

Pag. 19, lin. 1 (O commandante desta colonia foi chamado Arto Koslio...)

O nome do primeiro donatario da Capitania de Pernambuco, e seu feliz colonisador, *Duarte Coelho*, não foi de certo apprehendido pelo narrador tal como nos chegou impresso mesmo na primeira edição. Não conhecendo bem o portuguez, Staden colhia as palavras dessa lingua tal como ellas lhe soavam aos ouvidos, e, neste caso, do nome *Duarte Coelho* teria colhido *d'Arto Koelio*, e talvez escripto *Arto Koelio*. Os copistas teriam feito o resto.

10

Pag. 19, lin. 9 (...Garasú...) O nome deve ser *Igaraçú* e não *Iguaraçú* como hoje commummente se escreve. Staden dá-nos uma graphia mais chegada ao verdadeiro vocabulo tupi que serviu para denominar a localidade que entre portuguezes tambem se conhecia pelo dos *Santos Cosmos*. *Igaraçú*, que quer dizer *canôa grande*, ou *navio*, como usavam os europeos, foi então applicado ao povoado porque este se ergueu exactamente no ponto até onde com o concurso das marés era navegado por barcas o rio que ahi corre para o estuario de Santa Cruz, junto á ilha de Itamaracá.

11

Pag. 19, lin. 19 (...mouros e escravos brasileiros...) Deve-se entender *africanos* e *indios*, como era costume tratar a estes, e chamando-se a todos *negros*, inclusive o proprio gentio, como se verifica das cartas dos padres jesuitas contemporaneos.

12

Pag. 19, lin. 20 (Os selvagens que nos sitiavam...) Eram

os *Caetés*, inimigos dos *Tabayaras*, que eram alliados dos portuguezes. O nome *Caeté* é corruptella do tupi *Caá-etê* que se traduz: *mata virgem*, sendo provavel que o nome desse gentio lhe viesse do logar de sua habitação, as grandes mattas do littoral de Pernambuco, outr'ora tão ricas de pau-brasil *(ybira-pitanga)*.

13

Pag. 19, lin. 21 (...uma estacada de madeira...) Usavam os portuguezes domiciliados no Brasil dos mesmos meios de defesa empregados pelo gentio, tornando-os comtudo ainda mais temiveis com o concurso das armas de fogo de que dispunham. Os fortes construiam-nos de madeiras, e as defesas dos povoados com estacadas á moda do gentio, de quem tambem adoptaram a maneira de construir as palhoças ou ranchos, com varas amarradas com cipó e barreadas as paredes.

14

Pag. 20, lin. 16 (um logar chamado Tamarakâ...)

E' a ilha de *Itamaracá* que deu nome á Capitania de Pero Lopes de Sousa e era a parte mais segura e importante della, onde se ergueu no lado meridional a villa de N.ª Senhora da Conceição, cerca de meia legua acima da foz do rio Igaraçú. A' esta villa foram os do barco, de que fazia parte o narrador, buscar mantimentos.

15

Pag. 21, lin. 3 (...sippo...) E' o vocabulo tupi *çãpó* ou *cipó* que no portuguez brasilico se ficou pronunciando *cipó* e quer dizer litteralmente: *corda-vara*, isto é, galho ou ramo em forma de corda. A's raizes chatas como as da figueira brava dava-se o nome *çapó-pema*, que hoje se escreve *sapopema*, como tambem se escreve *sipó*. A's plantas trepadeiras de sarmento lenhoso e achatado, como as *clusías*, dava-se tambem o nome *sapópema*.

16

Pag. 22, lin. 13 (...Buttugaris...) Deve ser *Putiguares* como diziam os portuguezes, ou *Poti-guára*, como diziam os

Tupís querendo significar: *papa-camarões*, nome que applicavam ao gentio do littoral, ao norte da ilha de Itamaracá em direcção á Parahyba. Eram os Potiguaras dados ao commercio do páu-brasil, então abundantissimo nas suas mattas e o mais apreciado pela sua tinta em todo o Brasil. Por isso procuravam os seus portos a miudo os navios francezes, com os quaes o gentio da Parabyba sempre preferira traficar. O local que o narrador denominou porto dos *Buttugaris*, quarenta milhas germanicas para o norte de *Igaraçú*, deve ser o da Parabyba.

17

Pag. 24, lin. 24 (...porto Santa Maria, na Castilia...) E' o porto fronteiro á cidade de Cadix no continente, e pouco acima da foz do Guadalete.

18

Pag. 24, lin. 26 (...dahi fui para um Estado denominado Civilia...) E' a cidade e não Estado de Sevilha, na Andaluzia.

19

Pag. 24, lin. 29. (...a aurifera terra chamada de Pirau...) A terra do *Perú*, descoberta em 1524 pelos Hespanhoes, e que se tornou desde logo famosa pelas prodigiosas riquezas ali accumuladas pelos Incas e arrebatadas pelos Pizarros e Almagros.

20

Pag. 25, lin. 1 (...para S. Lucas...) E' o porto de S. Lucar de Barrameda na foz do Guadalquevir, cerca de 50 milhas a S. S. O. da cidade de Sevilha, a que abastece pelo lado do mar.

21

Pag. 25, lin. 4 (...fizemo-nos de vela para S. Lucas...) Ha aqui engano. O narrador já estava em S. Lucar aguardando vento de feição para partir, não é pois possivel que se fizesse de vela para esse mesmo porto. Deve ser, ao contrario, *partimos de S. Lucas*, ou melhor de S. Lucar de Barrameda, como se lê na traducção ingleza de Albert Tootal, de 1874, annotada por Burton.

22

Pag. 28, *lin.* 14 (...*Supraway*. .) E' *Superaguy* como hoje se diz e se applica á uma lingua de terra do lado do norte da bahia de Paranaguá.

23

Pag. 28, lin. 14 (.. .a 18 leguas de uma ilha chamada S. Vicente...) A distancia é realmente maior, o que faz suppor não ter empregado o narrador a palavra legua no sentido commum entre os latinos, mas a grande legua, ou (meilen) da Allemanha do Norte que representa a decima quinta parte de um gráo ou 7408 metros.

24

Pag. 28, lin. in fine (...arap a terra...) Lêa-se *para a terra.*

25

Pag. 31, lin. 31 (...Schirmirein...) E' *Jurumirim*, nome dado pelos Carijós habitadores de S. Catharina á barra do norte do canal entre a ilha e o continente. O nome *Jurumirim* quer dizer: *barra pequena*, em allusão á passagem estreita de cerca de 300 braças que fica entre duas pontas que estrangulam o referido canal.

26

Pag. 33, lin. 14 (...Acuttia...) O nome *Acuttia* é o mesmo *Aguti* dos Tupis e que entre nós ficou alterado para *Cutia.*

27

Pag. *34, lin 4 (...Sumption..)* Refere-se o narrador á cidade de Assumpção, no Paraguay, onde se concentrava nesta epoca a mor força dos estabelecimentos hespanhóes do Rio da Prata, depois do malogro da colonia de Buenos Ayres.

28

P*ag. 34, lins. 8 e 9 (Muitos delles, porem, morreram de fome no sertão, mas os outros chegaram, como depois soubemos.)*

Desta referencia de Staden se verifica que o caminho por terra de S.ta Catharina para o Paraguay, trilhado desde epoca

immemorial pelos Guaranys, e Carijós, e seguido em 1541 por D. Alvaro Nunez de Vera Cabeza de Vacca á testa de numerosa comitiva, continuou a ser utilisado pelos Europeos, e que uma das muitas expedições que por ahi passaram em annos subsequentes foi essa dos companheiros de Senabria de que faz menção o narrador.

29

Pag. 34, lin. 13 (*...ilha denominada S. Vicente Urbioneme na lingua dos selvagens...*)

O nome *Urbioneme* transmittido por Staden deve estar alterado, si é que o devemos ter como da lingua tupi, como se deve inferir das proprias palavras do narrador. Muito se tem discutido a proposito d'este vocabulo adulterado, parece-nos porem que elle não é senão corruptella de *Upau-nema*, denominação tupi que quer dizer *ilha imprestavel* ou *ruim*, talvez em allusão o ser ella baixa em sua maxima extensão, lamacenta, alagada e coberta de mangue.

30

Pag. 34, lin. 14 (*...cerca de 70 milhas do logar onde estavamos...*)

De Santa Catharina a S. Vicente ha mais de 3 1/2 gráos de differença de latitude e, portanto, mais de 210 milhas. A indicação de Staden deve ser entendida como referindo-se a milhas da Allemanha do Norte (meilen), que valem por 4 7/10 das milhas geographicas no Equador.

31

Pag. 34, lin. 22 (*...forte de Inbiassape...*) Não consta a existencia de fortificação alguma em Santa Catharina ao tempo em que ali esteve Staden. O narrador provavelmente se refere a ligeiras obras de defesa, ou a qualquer estacada de madeira levantada em torno das palhoças pelos homens da tripulação durante os dous annos que ali permaneceram. O nome *Inbiassape* é do tupi *mbeaçá* ou *peaçá*, a que se ajuntou a particula *pe*, preposição ou melhor posposição de quietação e repouso, traduzindo-se litteralmente —*no porto*.

32

Pag. 34, lin. 24 (...*Alkatrazes*...) Ilha dos Alcatrazes fronteira á costa de S. Vicente e Santo Amaro.

33

Pag. 35, lin. 8 (...*o porto chamado Caninee*...) E' o porto de Cananéa, bastante conhecido desde os primeiros annos do descobrimento. A graphia de Staden — *Caninee*, combina com pequena differença com a de Frei Vicente do Salvador, que escreveu *Canené*, e nos revela que o nome tão discutido de Cananéa nenhuma relação tem com a figura biblica da mulher de Sarepta. A' simples corruptella do vocabulo tupí *Caniné*, o mesmo que *Canindé*, applicado a uma especie de arara abundante nessas paragens, se deve attribuir a confusão do nome.

Em mappas antigos a alteração do vocabulo *Caniné* ou *Canindé* chegou atê a identifical-o com o de *Cananor*.

34

Pag. 36, lin. 1 (...*nos ajudou a cheharr*...) diga-se *nos ajudou a chegar*.

35

Pag. 37, lin. 21 (...*Orbioneme*...) E' o mesmo *Urbioneme* que atraz identificamos com *Upaunema* e quer dizer: *ilha ruim* ou *imprestavel*.

36

Pag. 37, lin. 22 (...*Ywawasupe*...) Deve ser alteração de *Iguá-guaçù-pe*, que no tupi tambem se podia graphar *Iuá-uaçú-pe* e se traduz litteralmente — *na bahia ou estuario grande*. Os tupis denominavam as bahias fluviaes, os estuarios ou lagamares — *ygoá*. Do vocabulo *Iwawasupe*, mal escripto ou mal interpretado, originou-se o nome *Enguáguaçú*, que nos chega transmittido por Frei Gaspar da Madre Deus e traduzido como *pilão grande*, em allusão, diz o auctor das Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, á forma desse utensil que a ilha simula para quem a observa dos montes elevados de Paranapiacaba.

37

Pag. 38, lin. 1 (...*uma nação* brasileira que se chama *Tuppin-Ikin*, cujas terras se estendem pelo sertão a dentro, cerca de 80 leguas..)

Desta narrativa se deprehende que os Tupinikins eram não só senhores dó littoral visinho de S. Vicente, como de grande extensão do sertão que lhe ficava em correspondencia. Os campos de Piratininga, então habitados por *Guayanãs* ficavam assim conprehendidos nestes dominios. Isto explica a apparente confusão que se nota entre os chronistas e historiadores a respeito dos Guayanãs e Tupinikins. Os dous povos se misturavam. Chefes Tupinikins, como Jaguanharo e Arary, eram até parentes de outros chefes Guayanãs. Este nome *Guayanã*, como o escreveu Anchieta e não Guayanaz, como vulgarmente se diz, quer mesmo dizer: *povo-parente* — (*guay-anã*), e deve ser tratamento dado pelos do littoral aos de cima da serra ou do campo de Piratininga.

38

Pag. 38, lin. 6 e 7 (...*São chamados Tawaijar por seus contrarios, o que quer dizer inimigos...*)

O nome *Tawaijar* é tupi mal graphado pelo narrador, deve ser *Taba-yara*, cuja verdadeira traducção é *morador da aldêa* ou *aldeão*, e tambem *o senhor das aldêas*, e não *inimigos*.

Os Tabayaras ou Tuppin-Inba, a que aqui se refere Staden, são os *Tamoyos* (Tamuya) senhores da costa desde o Rio de Janeiro até proximo de Ubatuba, que por muitos annos foram pelos francezes contra os portuguezes.

39

Pag. 39, lin. 2 (...*um logar denominado Brikioka*...) Em nenhum documento antigo se encontra o nome do canal entre a ilha de Santo Amaro e a terra firme com a graphia — *Brikioka*. O primeiro *k* foi erroneamente substituido a um *t*. Examinando-se a estampa da pg. 28, vê-se que o nome escripto por sobre a figura no alto e á esquerda tanto pode ser lido *Brikioka*,

como *Britioka*, sendo até mais admissivel a segunda hypothese que, de facto, é a mais proxima da verdade.

Frei Gaspar da Madre Deus que, de certo, conheceu a obra de Staden, donde tirou *Enguaguassú* por *Iguaguaçúpe* (Iwawassupe), colheu tambem *Brikioka* por *Britioka* e sobre esse nome adulterado pelos copistas ou traductores fez a lenda dos macacos buriquís, dizendo-nos que o nome foi primeiro applicado ao monte fronteiro ao forte, cuja matta era de continuo visitada por essa especie de simios vermelhos. Não discutiremos a authenticidade do documento invocado, nem a lenda que depois se formou. O que está averiguado é que o nome *Bertioga*, *Britioka*, *Bartioga*, sempre se applicou ao canal que separa do continente a ilha de Santo Amaro, lendo-se sempre nos roteiros, cartas da costa, e relações de viagem assim como nas chronicas—*Canal de Bertioga*, variando, ás vezes, para *Bartioga*.

Evidente é que o nome *Bertioga* ou *Bartioga* é corruptella do Tupí, não sendo difficil a sua restauração uma vez conhecida a lei segundo a qual em todas as linguas os vocabulos evoluem e se alteram. *Bertioga* é, de facto, corruptella de *Birati-oca* ou melhor de *Pirati-oca* que quer dizer—*paradeiro das tainhas*, pelas muitas que nesse canal se encontravam naquelles remotos tempos.

Toda a costa desde Santo Amaro até alem de *Paraty*, que outr'ora se chamou *Piraty*, é abundantissima desse pescado a que o gentio denominava *piraty* (peixe branco), o qual, segundo se lê no mesmo Staden, poucas linhas mais adeante, costuma deixar o mar em Agosto e vae desovar nos esteiros (pirá-iké) e nos lagamares de agua doce. O canal entre a ilha de Santo Amaro e o continente era muito procurado pelo gentio dessa parte do littoral exactamente pela sua abundancia de tainhas. Dahi as luctas frequentes e a razão principal porque sempre resistiram ás tentativas dos portuguezes de impedir a entrada de sua barra, erguendo nella fortificações de uma das quaes foi artilheiro o nosso narrador.

O Tupinambá ou Tupinikim teria primeiro denominado o

canal *Pirati-oca*, o colono portuguez alterou-o mais tarde para *Pirti-oga*, e depois, ainda pela lei do menor esforço, em *Birtioga* ou *Bertioga*. O mesmo Staden (pag. 42, lin. 10) nos transmitte o nome do pescado já com a corruptella então accentuada, dizendo-nos que os selvagens chamavam-no em sua lingua *Bratti*, que, ainda assim, tomado como thema, pode explicar melhor do que o thema *Buriqui*, a verdadeira origem do nome historico do canal.

40

Pag. 39, lin. 4 (...*ilha chamada Santo Maro*...) Dizemos ilha de Santo Amaro, que primitivamente, segundo é tradição, era pelo gentio denominada *Guaybe* ou *Gaimbé*.

41

Pag. 41, lin. 29 (...*Abbati*...)

Dava o gentio o nome *abati* ao milho, que como se vê da propria exposição do narrador era grão preciosissimo de que fazia bebida fermentada e muito estimada nas suas guerras, alem de servir a muito outro mister alimentar.

42

Pag. 41, lin. 30 (...*Kaawy*...)

E' o conhecido *Cauim* que, em verdade, se fabricava com o succo do *cajú*, ou *acayú*, fazendo um vinho a que se dava o nome de *cayú-y* ou *cayu-im*. Estendeu-se porem a significação do vocabulo, que passou a designar a bebida fermentada feita do milho (*abati*) mastigado.

43

Pag. 42, lin. 10 (...*Bratti*...)

E' corruptella de *Piraty* (peixe branco), nome dado pelos tupis á tainha.—Vide nota 39.

44

Pag. 42, lin. 15 (...*Pira-kui*...)

Deve ler-se *pirá-kuy*, que quer dizer farinha de peixe.

Pirá-iquè é vocabulo tupi que se pronuncia *pirá-ikê* e significa *entrada de peixe*, applicado aos braços, canaes, ou esteiros onde de ordinario o peixe entra para a desova.

45

Pag. 43, lin. 3 (...*ingenio*...) Lêa-se *engenho*, fabrica de assucar no Brasil.

46

Pag. 43, lin 4 (...Josepe Ornio...) E' o genovez Giuseppe Adorno, mais conhecido pelo seu nome á portugueza José Adorno, homem emprehendedor, e tronco de uma familia notavel nos primeiros tempos da colonia.

47

Pag. 44, lin. 29 (...*perot*, (*assim os chamam os portuguezes*)..)

Deve ser que assim chamam aos portuguezes.—De facto, verifica-se da relação dos primeiros viajantes que o gentio appellidava aos portuguezes—*Peró*—e aos francezes *Maïr*. O nome *Peró* querem alguns que seja corruptella de *Pedro*, nome talvez do prisioneiro portuguez com que mais de perto tratou o mesmo gentio.

48

Pag. 45, lin. 7 (...*depois do que matar-me-ia e Kawewi pepicke*...) Deve lêr-se—depois do que matar-me-ia e *kauiuim pipig*... isto é, vale como se dissesse:—depois do que matar-me-ia e muito *cauim* havia de correr...—No Tupi, é sabido, uma das formas do augmentativo consiste em repetir a syllaba final do vacabulo no gráo positivo, e assim de *cauim* se fará o augmentativo *cauiuim*, cauim grande ou em abundancia. O vocabulo *pipig* significa propriamente—*fervura*, *ferver*, agitar, por synonimia *correr*.

49

Pag. 45, lin. 14 e 15. (...passaros maritimos de nome *Uwará*...)

Deve ser *Guará* que, dada a pronuncia pouco distincta da consoante inicial, se pode tambem escrever *uará*, nome que

os Tupis davam á ave aquatica, de plumas rozadas, conhecida por *Colhereira*, outr'ora tão abundante nos lagamares visinhos de Santos e S. Vicente. Entre algumas tribus se denominava *guará-piranga*, ou melhor *guirá-piranga*, que quer dizer: passaro vermelho. E' ave de agua doce, ou dos pantanaes, o que faz crer que, sendo o narrador aprisionado na ilha de Santo Amaro, a ilha pequena a que se elle refere no começo deste capitulo não pode ser senão algum ilhote insignificante dentro de qualquer chanfradura nos canaes interiores, onde os *guarás* de preferencia se aninhavam.

50

Pag. 46, lin. 1 (...*Sarabatanas*...)

Instrumento de guerra e de caça, servindo mais para esta, e formado de um tubo conico no qual se introduzia uma minuscula setta destinada a ser impellida pelo sopro. As settas assim empregadas eram commumente *hervadas* ou envenenadas.

No Amazonas ainda algumas tribus empregam esse instrumento, que tambem se encontra entre os habitantes de Java.

51

Pag. 46, lin. 4 (...*O Rei*...)

O narrador chama *rei* ao principal da tribu selvagem que o aprisionou. Entre os Tupis, dominava-se não *cacique*, mas *morubichaba*, o chefe ou guia para guerra.

52

Pag. 46, lin. 11 (...Passaram a cerca de um tiro de falconete de Brikioka...)

Por esta phrase se vê que o narrador fôra, com effeito, capturado em um ponto da ilha de Santo Amaro, para o lado de dentro dos canaes e lagamares, sendo então conduzido pelos indios através da barra, passando em frente do forte e ao alcance de um tiro de falconete.

53

Pag. 48, lin. 6 (...*Schere inbau ende*...)

A phrase tupi deve ser: *che remimbaba indé*, que quer

dizer litteralmente—*és meu bicho de criação*, ou *meu animal domestico.*

54

Pag. 49, lin. 5 (...Ne mungitta dee Tuppan do quabe anamasu y an dee imme rauni me sisse...) A phrase tupi citada por Staden está evidentemente estropeada e com difficuldade se a poderá restaurar. A guiarmo-nos pela traducção, a phrase tupi deve ser provavelmente: — *Nê mongheta ndé Tuppan quaabe amanaçú yandê eima rana mo-cecy* — que se pode traduzir verbum ad verbum — *Fala com teu Deus para que aquélla tempestade nos não faça mal.*

55

Pag. 49, lin. 17 (...*O qua móa amanassú*...)

A phrase tupi está estropeada e mal escripta, deve ser: *Oquara-mõ amanaçú*, que quer dizer: *a tempestade recolheu-se* ou *passou.*

56

Pag. 49, lin. 28 (...*Brickioka*...

A graphia do nome do canal da Bertioga é na verdade erronea e vária em Hans Staden. *Brickioka* faz ainda suppor que o primeiro *k* é antes um *t* mal copiado, como a principio admttimos por hypothese.

57

Pag. 50, lin. 2 (...*Uwaitibi*...)

E' a aldêa de *Ubatuba*, proximamente no mesmo local onde está a cidade do mesmo nome.

58

Pag. 50, lin. 7 (...*A Junesche been ermi vramme*...) Está estropeada a phrase Tupi que pode ser assim restaurada:— *Ayu ichê-bc ené remiúrama* — que se traduz: — *eis-me chegado, comida para vós;* isto é, os que captivaram a Staden obrigaram-no a entrar na aldêa dizendo em voz alta — *eis-me aqui para vosso regalo.*

59

Pag. 50, lin. 16 (...Ywara...)

Diz o narrador que *Ywara* era a fortificação feita de grossas e compridas achas de madeira, como uma cerca ao redor de um jardim, a isso, porem, se chamava no Tupi *caiçara*. E' pois provavel que aos ouvidos do prisioneiro chegasse do vocabulo tão somente as ultimas syllabas—*içara*, ainda assim mal percebidas como da graphia supra bem se deprehende.

60

Pag. 50, lin. 21 (...Sche innamme pepike ae...) Phrase Tupi que se deve escrever—*Che anama pipike aé*—e quer dizer: —*meus parentes vingo em ti mesmo*, dito equivalente a este outro—*agora me pagarás os meus.*

61

Pag. 50, lin. 29 (...Tammerka...)

Deve-se escrever *Itamaracá*, que quer dizer *sino* ou *chocalho de ferro*. O gentio desse tempo já conhecia ferro pelas suas relações frequentes com os francezes, seus amigos, entretanto, não é de suppor que tivesse o *itamaracá* como um deus. O *maracá*, sim, é que entre os selvagens era considerado como objecto digno de consideração ou sagrado, pelo que enfeitavam-no e guardavam-no em sitio reservado.

62

Pag. 51, lin. 3 e 4 (...Iepipo Wasu e seu irmão Alkindar Miri...)

Estão alterados e confundidos os nomes destes dous individuos. O primeiro deve ser *Nhaepepô-oaçù*, que quer dizer *Panella grande*, e o segundo está evidentemente lusitanisado em parte, pois que *Alkindar* é o portuguez *alguidar*, que para o Tupi se traduz *nhaem*. O nome do segundo seria pois no Tupi, *Nhaem-miri*.

63

Pag. 51, lin. 5 (...Ipperu Wasu...)
Diga-se *Ipirú-guaçú*, tubarão grande.

64

Pag. 51, lin. 14 (...Apprasse...)

Diga-se *Aporacê* ou *poracê*, dirivado de *pora-acê*, reunião de povo ou de moradores para o fim de folgar ou dançar.

65

Pag. *52*, *lin.* *11* (... *Uratinge Wasu*...)

Diga-se *Guaratinga-açú*, o grande passaro branco, a garça grande.

66

Pag. *53*, *lin.* *4* (... *Iwera*-P*emme*...)

Deve ser *Ibira-pema*, pau ou clava achatada com forma de remo ou espada. Entre outra nações selvagens se dizia: *tangapema*, decerto, *tacá-pema*, que quer dizer *tacape* ou clava achatada.

67

Pag. *55*, *lin.* *2* (... *Arasova*...)

Diga-se *araçoyá* ou *araçoyaba*, uma especie de turbante feito de pennas. Era, na verdade, o chapéo do selvagem em occasiões solemnes.

68

Pag. *57*, *lin.* *12* (... *Karwattuare*...)

Deve ser provavelmente *Karuatá-uára* que significa—*o que come ou gosta de gravatá*, isto é, dos fructos desta bromelíacea.

69

Pag. *59*, *lin.* *2* (... *Arirab*...)

Aririaba ou *Ririaba* que se pode traduzir—*sitio ou logar das ostras.*

70

Pag. *59*, *lin.* *2* (... *Konyan-Bébe*...)

Os portuguezes escreveram *Cunhambeba*, chefe principal dos Tamoyos a esse tempo.

71

Pag. *59*, *lin.* *9* (... *Markaya*...) Deve ser *Maracayá*, como appellidavam a gente inimiga em allusão ao felino muito conhecido nas nossas matas, com o qual a comparavam.

72

Pag. 59, lin. 28 (*...Elle tinha uma grande pedra verde atravessada nos labios* (*como é de costume delles:...*) E' a *itametára*, botoque pedra que tambem se chama *tembetá*, derivado de *tembéitá*, que quer dizer *pedra de beiço.*

73

Pag. 62, lin. 2 (*...Teuire...*)

No Tupi se diz—excremento—*repoty*, ou *tipoty*, é porem de crer que o vocabulo *teuire* seja alteração de *teõuira*, lançado ou tirado do corpo.

74

Pag. 66, lin. 16 (*...e disparou um tiro de peça para que os selvagens ouvissem e viessem fallar com elles...*)

Era esse o costume naquelles tempos em que o trafico com o gentio era o unico commercio possivel nessa parte da America. Os navios dos contratadores do pau-brasil, como as simples náos de resgate, portuguezas ou extrangeiras, empregavam todas o mesmo processo.

75

Pag. 70, lin. 1 e 2 (*...Vratinge Wasu;* outro *Keurimakuí...*) Os nomes Tupís devem ser assim escriptos e traduzidos: *Uiratinga-oaçú* ou *Guaratinga-açù*, que quer dizer—*garça grande*, como já o explicámos anteriormente, e *Karimã-kui* que se traduz—*farinha de carimã.*

76

Pag. 70, lin. 22 (*...Scheraeire...*)

Diga-se *Cè-raíra* que, dada a pronuncia levemente chiada do ç do Tupi, se dirá—*chê-raira*, e se traduz—meu filho—.

77

Pag. 71, lin. 4 (*...pimenta e uma especie de pennas...*)

A pimenta (*kéinha*) e as pennas coradas do guará, como as bellas pelles do tucano e araras, eram então objecto de commercio para a Europa. A pimenta valia por uma especiaria da India, pelo que os traficantes francezes mantinham no paiz

certos agentes (*trouchements*) para trocarem esse artigo com os selvagens e o guardarem em depositos até a epoca em que os viessem receber.

78

Pag. 71, lin. 6 (...para o logar onde os navios chegam, chamado Mungu-Wappe e Iterwenne...)

Deprehende-se dessa referencia do narrador que ao porto do Rio de Janeiro, então possuido pelos francezes, davam os Tamoyos os nomes supra referidos, mas applicados a logares do interior delle. O nome *Iterwenne*, que tambem se escreve *Iteruenne*, é o mesmo de que depois se fez *Nitheroy* e que Simão de Vasconcellos, na *Vida de Anchieta*, nos transmittiu com a graphia *Nitherô*. Examinando-se, porem, o nome *Iteruenne*, chega-se a conclusão de que o gentio de Ubatuba denominava *I-teron*, que quer dizer - *agua em seio* ou *enseada*, ao logar hoje chamado Nitheroy. Quanto ao uome *Mungu Wappe* se reconhece facilmente que é alteração de *Monguape* ou *Manguape*, de certo applicado á outra enseada visinha e talvez fronteira, como por exemplo, a actual de Botafogo.

79

Pag. 73, lin. 2 (...aldêa chamada Tickquarippe...) Diga-se *Tycoarype* (Ty-coára-y-pe) que se traduz—*no rio da fonte*, ou *olho d'agua*.

80

Pag. 74, lin. 7 e 8 (...Apomeirin geuppawy wittu wasu immou...)

A phrase tupi é:—*Apomirim geropary ybytu uaçu õmõ* -se traduz:—*Aquelle diabinho é que trouxe o furacão.*

81

Pag. 76, lin. 5 e 6 (...e que os portuguezes que tem muitos escravos para as plantações de canna, precisam para o sustento dos mesmos..)

Esta referencia do narrador explica bem uma phase originalissima da colonia portugueza de S. Vicente. A cultura nas ilhas já a esse tempo se fazia com caracter exclusivista.

Plantava-se canna para assucar e aguardente, e descurava-se o mais, ou pelo menos as terras não se prestavam sufficientemente para as outras culturas de mantimento. Dahi vinha que, não obstante o estado de guerra entre portuguezes e tamoyos, o concurso destes não podia ser dispensado por aquelles. Armava-se bem um navio para poder affrontar-se a sanha do gentio adverso, e entrava-se-lhe pelos portos, propondo-lhe negocio ou simples troca de productos de que reciprocamente uns e outros careciam.

82

Pag. 83, lin. 2 (...Rio de Janeiro e na lingua dos Selvagens Iteronne...)

Verifica-se aqui que o vocabulo *Iterwenne* da p. 71 é apenas alteração de *Iteron* que quer dizer, como já vimos, *enseada*.

83

Pag. 83, lin. 4 e 5 (...pimenta, macacos e papagaios...)
Vê-se dahi que o trafico com o gentio reduzia-se a bem pouco alem do pau-brasil, isto é, pimenta, macacos e papagaios. Os europeus traziam-lhe em troca: instrumentos de ferro, pentes, guizos, panno ordinario, espelhos.

84

Pag. 85, lin. 20 e 21 (... uma força de XXXXIII canôas e cada canôa tripulada com mais ou menos XXIII...)

Eram na verdade enormes as canôas dos Tamoyos feitas de um tronco inteiriço. A força da esquadrilha de guerra, como se vê, era respeitavel e subia a 989 homens.

85

Pag. 86, lin. 3 (... Zutpirakaen...)

Difficil é restaurar a graphia tupi do vocabulo *Zutpirakaen*. Se se admittir, como é provavel, algum erro de copia, o nome talvez se possa identificar com *Rupiracen* (*Rupirá-acema*), que quer dizer *o cardume de peixes á desova*.

86

Pag. 86, lin. 21 (...Paraibe...)

E' o rio Parahyba, donde, não raro descia o gentio para vir fazer suas pescarias no littoral.

87

Pag. 86, lin. 27 (Meyenbipe.)

Diz o narrador que o gentio chamava *Meyenbipe* a ilha de S. Sebastião, é provavelmente—*Maembipe*.

88

Pag. 98, lin, 3 (e cujo nome era Parwaa). Deve ser *Parauá* ou *Paraguá*, que significa—papagaio.

89

Pag. 99, lin. in fine, (...disseram que eu era melhor propheta que o maraka delles.) Dessa referencia do narrador se deprehende que os idolos dos Tupinambás de Cunhambebe, a que por mais de uma vez Staden se refere, éram os *maracás*, chocalhos feitos de uns cabaços contendo seixos ou sementes no interior e que o gentio costumava ornar com pennas multicores.

90

Pag. 100, lin. 2 (... uma grande montanha denominada Occarasu...) Ainda hoje se denomina *Ocaraçú* (ocara-uçú), que quer dizer—*terreiro grande*, ou *praça grande*, a uma ponta elevada, verdadeiro promontorio, precedendo á entrada do reconcavo de mar onde está *Paraty*. E' de suppor que seja esta a *Occarasú* de Staden, e que a habitação de Cunhambebe, que ficava em *Arirab* ou *Ririaba*, fosse uma das aldêas assentadas naquelle reconcavo.

91

Pag. 100, lin. 16 e 17 (...Jau ware sche...) Phrase tupi que se deve ler—*Jauára ichê* e se traduz «*eu sou onça*, ou mais enfaticamente» *eu o tigre*.

92

Pag. 102, lin, 23 (...Este era chamado Tatamiri,...) Nome tupi que significa *Foguinho*.

93

Pag. 103, lin. 12 a 14 (...mas os selvagens diziam que o navio costumava geralmente voltar todos os annos...)

Donde se vê que o trafico dos francezes com o gentio da costa do Brazil era regular e frequente e que, naquelles primeiros annos, a influencia franceza entre os selvagens era incontestavel.

94

Pag. 107, lin. 21 (...Tackwara sutibi...) Diga-se *Taquaraçútyba* que significa - *taquaral* (da especie *taquaraçú*).

95

Pag. 108, lin. 1 (...Abbati Bossange...) Dada a graphia germanica do narrador, deve-se ler *Abati-Bossanga,* que se identifica com *Abati-poçanga*, bebida ou remedio feito de milho.

96

Pag. 108, lin. 15 e 16 (...No porto do Rio de Janeiro tinham aprisionado um navio portuguez...)

A insolencia e audacia dos Tamoyos, insufladas pelos francezes, tinham-se tornado intoleraveis. A navegação para o sul de Cabo Frio se fizera perigosa para os portuguezes, que não encontravam guarida nos portos dessa parte da costa, como não raro se viam assaltados no mar por corsarios e intrusos. Se os ventos contrarios impelliam-lhes os navios para terra, onde davam á costa, a lucta com o gentio della era sempre prenuncio de horroroso e inevitavel desastre.

97

Pag. 108, lin. 22 (...tinha naufragado na volta...)

Dessa referencia do narrador se vê quão frequentes eram os naufragios em aguas do Brazil, aliás, como já vimos, visitadas por uma frota de traficantes de todas as procedencias. No curso dessa narrativa, nada menos de seis navios, perdidos no mar para o sul de Cabo Frio, nos dá noticia o paciente e resignado prinsioneiro dos Tupinambás.

98

Pag. 109, lin. 11 (...Sowarasú...)

Diga-se *Coó-uara-açú*. grande comedor de caça, ou o carnivoro, o canibal.

99

Pag. 111, lin. 14 a 16 (.. aconteceu chegar um pequeno navio portuguez, que queria sahir do porto depois de ter negociado com uma raça de selvagens, que tinham como amiga e que se chamava Los Markayas, cujo paiz limita directamente com o dos Tuppin Ikins que são amigos dos francezes...)

Da citação resulta que a bahia do Rio de Janeiro e seu reconcavo eram repartidos entre varias tribus inimigas, Tupinikins, Tupinambás, Maracayás; que os Tupinikins daqui já não eram amigos dos portuguezes como os de S. Vicente, e sim dos francezes; que os Maracayás, visinhos dos Tupinikins, é que eram alliados ou amigos dos portuguezes; e que, apezar de occupada por francezes, a bahia do Rio de Janeiro era visitada por navios portuguezes que nella traficavam com o gentio.

100

Pag. 121, lin. 10 (...*as ilhas da Cabeça verde*...)
Diga-se as ilhas do cabo verde ou ponta verde.

101

Pag. 121 lin. 11 (...*que se chama tambem Gene*...)
Diga-se que se chama tambem *Guiné*.

102

Pag. 121, lin. 12 (...*Tropici de Cancri*...)
Diga-se: Tropico de Cancer.

103

Pag. 122, lin. 2 (...*que tem muita differenças nas linguas*...)
Diga-se: que tem muitas differenças nas linguas.

104

Pag. 122, lin. 14 (.. *uma especie de sacco aberto em cima e embaixo que ellas vestem e que na lingua delles se chama Typoy*..)

Era uma especie de camisa sem mangas e sem talhe algum, verdadeiro sacco com os furos precisos para passar a cabeça, os braços e as pernas. Os selvagens chamavam-no *typpoy*, depois lusitanisado em *tipoia*.

105

Pag. 122, *lin.* 20 *e* 21 (*...Sua terra America tem algumas centenas de milhas para o Norte e para o Sul no comprimento...*)

Ao tempo do captiveiro de Staden entre os selvagens Tupinambás, ainda o nome *America* não era usado senão para designar a parte do continente que é hoje o Brasil. D'ahi a observação do narrador quanto ás dimensões dessa terra e a razão porque no Livro II, Cap. II, usa do titulo «...Como está situado o paiz America ou Prasil...»

106

Pag. 122, *lin.* 26 *e* 27 (*...Boiga de Todo-los-sanctus...*)

Diga-se: Bahia de Todos os Santos.

107

Pag. 123, *lin.* 6 (*...uma raça de gente selvagem que se chama Wayganna..*)

A graphia do narrador não deixa precisar bem se a raça *Wayganna* deve-se entender como *Guayaná.*

A descripção que nos dá daquella gente selvagem é bem diversa da que nos dá Gabriel Soares, alguns annos depois.

O Guayaná do autor do Roteiro do Brazil vive em covas por baixo do chão; não é cruel, nem cannibal; guarda os prisioneiros como escravos e nunca os devora, e é de ordinario bonachão. O W*ayganna* de Staden ataca os seus inimigos á traição, é antropophago, não tem habitações fixas como os outros selvagens, e é mais cruel para com os prisioneiros que qualquer outro gentio, mutilando lhes braços e pernas antes de os matar para comer. O *Guayanã* aldeado por Anchieta, é de boa indole, é como um *Tupinikim* de quem sem duvida é parente (*Guay-anã*).

Certo, entre os *Guayanãs* se distinguia o que habitava o campo do que habitava as matas. Anchieta na sua *Informação sobre o casamento dos indios* refere que *Caiuby*, já velho e com filhos varões, tomou para mulher uma sua escrava *que era guayanã das do mato*; o que faz acreditar que a palavra *guayanã* não era precisamente um nome de nação, mas um modo de tratamento usado pelo gentio do littoral para designar os consanguineos moradores do interior.

O W*ayganna* ou *Vayganná* de Staden deve, pois, ser outra nação selvagem que não aquella catechisada pelos Jesuitas nos campos de Piratininga.

108

Pag. 124, *lin.* 13 (...*e chamam Parakibe.)*

Deve ser o Parahyba, cujas cabeceiras confrontam com o trecho do littoral occupado pelos Tupinambás de que nos falla o narrador.

109

Pag. 124 *lin.* 16 (...*que se chamam Woettaka*...)

Refere-se aqui o narrador ao gentio *Guaytacá* que dominava o baixo Parahyba. A graphia W*oettaka* é decerto equivalente a *Goetakú,* ou melhor *Goatacá*, forma contracta de *Goatacaára* que quer dizer, *corredor*, *andarilho passeador.*

110

Pag. 124, *lin.* 19 (...*Karaya*...)

Sem duvida *Carayás ou Carajás*, gentio de raça não tupí, de que hoje só temos noticia no valle do Araguaya. Os *Carajás* do Araguaya serão, porém, descendentes dos *Karajás* de que nos falla o narrador?

111

Pag. 126, *lin.* 12 (...*Vrakueiba*...)

Provavelmente *Bracuyuba* ou melhor *Ibará-acú-yiba* que se traduzirá: *arvore de madeira quente*, ou de madeira que dá fogo.

112

Pag. 127 *lin.* 1 . .*Inni*...)

E' a rêde ou *hamac*, tambem chamada *kiçaba (kire-çaba*), logar de dormir.

113

Pag. 127, *lin.* 6 (...*Ingange*...)

E' mais uma graphia differente do nome *Anhan* ou *Anhanga*, o máo espirito, ou o diabo dos selvagens. A graphia do narrador deve porém ser entendida como equivalente a *Inhang*.

114

Pag. 128, lin. 11 (*...é então cai que na rede...*) Diga-se: é então que cae na rede.

115

Pag. 131, lin. 10 (...Keinrima ...)
Diga-se: *Kainrimã* ou melhor, como hoje se diz, *Carimã.*

116

Pag. 132, lin. 4 (*...Disto fazem elles bolinhos que chamam byyw...*)
E' o que hoje chamamos *beijú.* Da graphia de Staden facilmente se deduz *biyú* ou *bijú.*

117

Pag. 132, lin. 6 (...Esta farinha chamam V. y. than...) Diga-se: *Uyatan* que quer dizer—*farinha dura* -, tambem conhecida por—farinha de guerra.

118

Pag. 132, lin. 13 (...Ineppaun...)
Deve ser provavelmente—*inhê-poan,* taxa ou prato de forno.

119

Pag. 133, lin. 4 (*...em cascas de purungas...)* São as cuias, ou cascas do que se chama *cabaça,* ou *cuité.*

120

Pag. 133, lin. 10 (*...Mockain...*)
Diga-se: *mokem* ou como hoje commumente se escreve *moquem.*

121

Pag. 136, lin. 18 (*...Meire-Humane...*)
De certo o mysterioso personagem que, é tradição entre os selvagens, veiu do lado do mar, e nessa direcção desappareceu depois que, molestado por alguns, desgostou-se e deu por finda a sua missão de legislador e mestre de todos elles. Chamavam-n'o *Sumé* ou *Zumé* entre as tribus do littoral brasilico.

Nas Antilhas, entre os Carahibas adorava-se um *Sumi*, denominado *Zemi* no Hayti. No Paraguay se chamava *Pay Zomé*, e em outros logares se dizia: *Zomé*, *Pyzomé*, *Summay*, e *Zamna* na America Central.

O nome transmititido por Staden parece, porém, estar alterado na lettra inicial do segundo vocabulo, devendo se ler *Meire Zumane*, ou talvez *Mair Zumane*, em vez de *Maire Humane*.

122

Pag. 136, *lin.* 28 (*...Kanittare...*)
Deve ser *akanatara ou akangatara*, ornato da cabeça.

123

Pag. 137, *lin.* 10 (*...Matte puc...*)
Provavelmente – *matapú*.

124

Pag. 137, *lin.* 12 (*...Bogessy..*)
João de Lery transmittiu-nos o nome *Jacy*, que quer dizer *lua*. *Bogessy* deve ser equivalente a *mojacy*, feito lua, ou como lua.

125

Pag. 139, *lin.* 17 (*...Os seus quatro antepassados se chamavam: primeiro, Kirimen; o segundo Hermittan; o terceiro Koem...*)
São nomes tupis evidentemente alterados, e que sem duvida correspondem a *Kirimã*, *Eiramitan* e *Koema*, que se podem traduzir: *Valente ou Corajoso*, *Filho de Abelha e Manhã*.

126

Pag. 142, *lin.* 2 (*...Paygi...*)
São os *pagés*, *ou payés*, *ou piagas*, como atrás se disse.

127

Pag. 142, *lin.* 22 (*...Bettin...*)
Diga-se *petum* ou *mbetyn*, que é o fumo ou tabaco.

De certo, o narrador não dá aqui o nome do animal como applicado pelos salvagens, mas pelos colonos portuguezes. O nome tupi seria *coó-açú-arana*, que vulgarmente se diz *sussuarana*, onça parda, ou tirando a veado pela côr do seu pello.

143

Pag. 161 *lin. 8* (...*Ha um animal chamado Catiuare, que vive em terra e tambem n'agua*...)

Deve ser a *Capii-uara*, vulgarmente chamada *Capivara*, que quer dizer *papa-capim*, ou *comedor de capim*.

144

Pag. 161, *lin.* 17 (...*Tambem ha uma especie de grandes largartos n'agua e em terra*...)

O narrador aqui se refere aos saurios brazileiros. Ao lagarto d'agua chamavam os selvagens *yacaré* e aos da terra *teyú-açú*.

145

Pag. 161, *lin.* 20 (...*Attun*...)

Diga-se *tum* ou *tung*, bicho de pé que em outras tribus se diz *tumbyra*.

146

Pag. 163, *lin.* 2 (...*Uwara Pirange*...)

Diga-se *Guirá piranga*, ave vermelha.

147

Pag. 163, *lin.* 10 (...*Juni pappeeywa*...)

Diga-se *Yenipapayuba*, arvore que dá o genipapo.

148

Pag. 164, *lin.* 10 (...*Jettiki*...)

Entre outras tribus salvagens se dizia *Jatiuca*, a batata indigena.

149

Pag. 165, *tin.* 31 (...*Havia lá mais um de nome Peter Rösel, que era factor de negociantes de Antdorff que se chamam os Schetz*...)

Já a esse tempo, o primeiro engenho de assucar mandado construir pelo donatario de S. Vicente, e que por essa razão em alguns velhos documentos se chamou *engenho do senhor Governador. ou fasenda do trato,* era propriedade da familia de Jorge Erasmo Schetzen, que ahi se fazia representar por um *feitor*. Desde então começou a denominar-se—*engenho dos armadores ou de S. Jorge dos Erasmos.*

150

Pag. 166, *lin.* 3 (. . .*Harflor*. . .)
Diga-se *Honfleur*.

151

Pag. 166, *lin.* 9 (. . .*Dippaw*. . .)
Diga-se *Dieppe*

152

Pag. 166, *lin.* 10 (. . .*Lunden*. . .)
Diga-se *London*, aliás Londres.

153

Pag. 166, *lin.* 18 (. . .*Rio de Genero*. . .) aliás Rio de Janeiro.